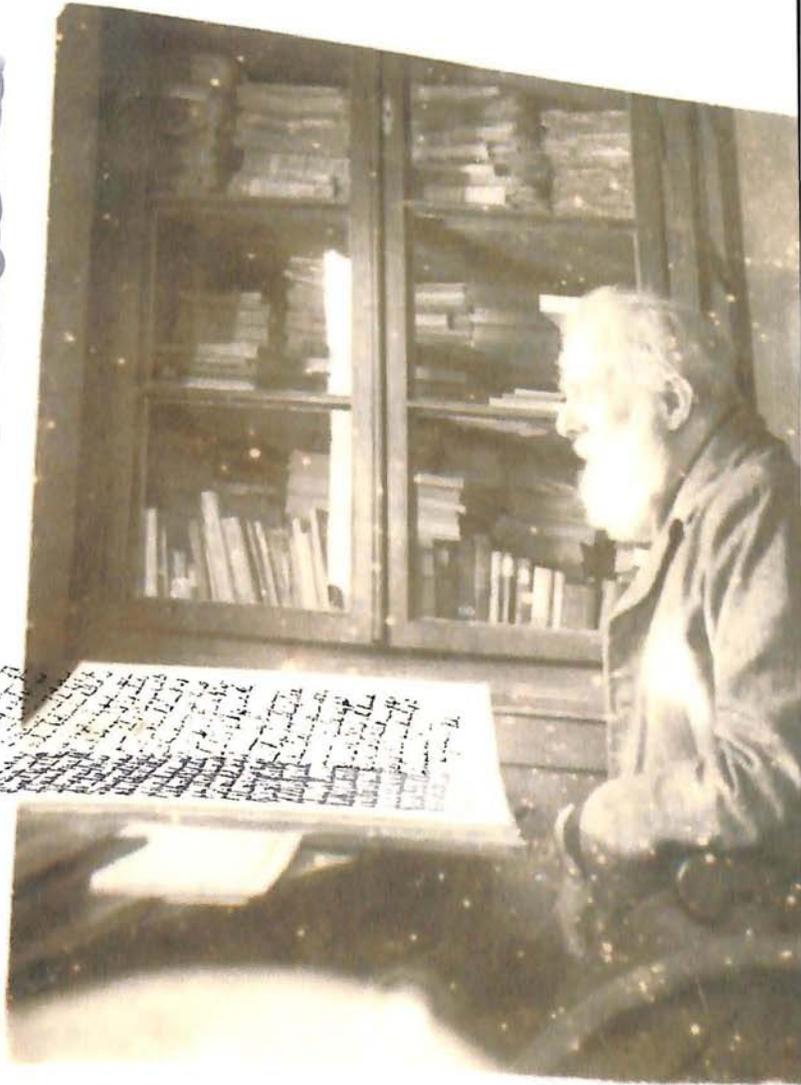


ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos

tomo 49 número 3 maio/junho 2008



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

SUMÁRIO

Documentos originais | Artigo

Quem foi Johann Jakob von Tschudi?

Pastor Max-Heinrich Flos

Tradutor Dr. Ivo Von Wangenheim

7

Wer war Johann Jakob von Tschudi?

Max-Heinrich Flos

8

Crônicas do Cotidiano

Russland I – setembro

Urda Alice Klueger

22

Russland II - beirando o Parque Nacional das

Nascentes

Urda Alice Klueger

26

Entrevista

Discutindo a universidade: entrevista com Sálvio

Alexandre Müller

Viegas Fernandes da Costa

29

Artigo

Memória, tempo e imagem nas correspondências de
imigrantes alemães

Márcia Fagundes Barbosa

54

Outras faces da promessa: êxodo rural e a vida na
cidade (Vidal Ramos/Brusque, 1976-2002)

Arnaldo Haas Junior

62

A pacificação documentada na primeira década: o que os relatórios nos dizem Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhann	77
Burocracia e Governo Atos administrativos	98
Correspondências de imigrantes Cartas de imigrantes	105
Autores catarinenses Miguel Calmon, ainda Uma figura ligada à nossa História Enéas Athanázio	119

APRESENTAÇÃO

“Blumenau em Cadernos” deste bimestre está disponibilizando temáticas que são resultados de estudos, pesquisas e depoimentos que merecem a atenção e reflexão dos leitores da revista.

Abrimos com a seção **Documentos Originais – artigo**, publicando o texto bilíngüe intitulado “*Quem foi Johann Jakob von Tschudi?*”, de autoria do pastor Max-Heinrich Flos. Trata-se de um breve comentário onde o autor, após debruçar-se na leitura da obra de Tschudi, descreve as observações e descrições feitas por aquele viajante quando passou, no século dezenove, por diversas localidades de Santa Catarina. A tradução foi realizada pelo doutor Ivo von Wangenheim. O original encontra-se na publicação intitulada “*Nossos Pais*”, editada no ano de 1961.

Ao escrever “*Russland I*” e “*Russland II*”, em **Crônicas do Cotidiano**, a escritora Urda Alice Klueger buscou inspiração nas lembranças de infância para dar vida ao seu texto. Desta vez, o tema central acontece na região da Nova Rússia, no interior do município de Blumenau, local onde a autora mantém um espaço que é o seu refúgio.

Na seqüência, publica-se, em **Entrevista**, o depoimento “*Discutindo a Universidade: entrevista com Sálvio Alexandre Müller*”. Esta fala foi gravada em 1998, sendo entrevistadores: Viegas Fernandes da Costa, Balbino Simor Rocha, Clarice Ehmke e Richard Huewes. O professor Sálvio Alexandre Müller foi, durante muitos anos, professor da Universidade Regional de Blumenau, além de filósofo e antropólogo. Faleceu em 23 de maio do ano corrente, e nesta oportunidade Blumenau em Cadernos presta sua homenagem ao professor Sálvio, que foi também do Conselho Editorial desta revista.

Na coluna **Artigos**, a doutoranda Márcia Fagundes Barbosa publica “*Memória, tempo e imagem nas correspondências de imigrantes alemães*”. Segundo a autora, “as cartas dos imigrantes alemães representavam, tanto para quem as escreve quanto para quem as lê, um momento de superação da distância. A memória nesse contexto exerce um trabalho fundamental de reconstituição de um tempo e de um espaço pelos quais os imaginários social e nacional estão estruturados”.

No segundo artigo, “*Outras faces da promessa: êxodo rural, e vida na cidade (Vidal Ramos/Brusque, 1976-2002)*”, o mestrando Arnaldo Haas Júnior, da Universidade Federal de Santa Catarina, no seu estudo procura conhecer

a forma como as pessoas que saíram da área rural do Município de Vidal Ramos com o objetivo de trabalhar nas indústrias têxteis da cidade de Brusque passaram a descrever estes dois diferentes espaços.

O terceiro artigo é de autoria do doutorando Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhann, que publica, em capítulos, a sua tese de mestrado “*O Serviço de Proteção aos Índios e os Botocudo: a política indigenista através dos relatórios (1912 – 1926)*”, defendida em fevereiro de 2005 na UFSC, sob a orientação da Dr^a Ana Lucia Nötzold. Os Botocudo fixaram-se em 1914 no Posto Plate, principal aldeamento da região do Vale do Itajaí, localizado à margem do rio de mesmo nome. Foi renomeado em 1920 para Posto Indígena Duque de Caxias. Atualmente a Terra Indígena está localizada entre os municípios de José Boiteux, Ibirama, Doutor Pedrinho, Vitor Meirelles e Itaiópolis, a 260 km do noroeste de Florianópolis e a 100 km do oeste de Blumenau, no Estado de Santa Catarina.

Em **Cartas de Imigrantes**, publica-se a primeira série de correspondências geradas entre os familiares do ramo da família Gärtner de Gaspar. A vinda da mesma ocorreu no ano de 1864, com o imigrante Julius Gärtner que aqui casou com Selma Altemburg. O Arquivo Histórico José Ferreira da Silva recebeu recentemente, por doação, da Senhora Anelise Stodieck, que também descende desta família, quarenta e nove cartas que se estendem entre os anos de 1859 – 1948. Este acervo, além do valor sentimental e familiar, contém informações que são de interesse para o entendimento do contexto social e familiar da época.

Na coluna **Burocracia & Governo**, são transcritos os contatos administrativos trocados entre a Colônia Blumenau e o Governo da Província do período oitocentista.

Finalizando a edição, na coluna **Autores Catarinenses**, Enéas Athanázio, através do texto “*Miguel Calmon, ainda uma figura ligado a nossa história*”, comenta a obra do escritor e outros eventos literários ocorridos no estado catarinense.

Para dar continuidade a seu papel de divulgação de fontes históricas e textos sobre literatura, história, memória e a realidade local, esta revista aguarda a colaboração dos memorialistas, leitores e pesquisadores para futuras publicações.

Sueli M. V. Petry

Diretora da Revista Blumenau em Cadernos



Quem foi
JOHANN JAKOB VON TSCHUDI?

WER WAR JOHANN JAKOB VON TSCHUDI?

Immer wieder durfte unsere Evangelische Kirche in Brasilien erleben, dass Männer auftraten, die sich in besonderer Weise für sie einsetzten und ihr freudig mit Wort und Tat zur Seite standen. Zu diesen Persönlichkeiten gehört von Tschudi. Wir wissen, wie schnell das Vergessen sich breit macht, wie über der täglichen Arbeit die Verdienste von einst dahinschwanden. Auch Tschudi's Name ist nach unserer Erfahrung nicht mehr so bekannt, wie er es sein müsste. Mögen diese Zeilen dazu beitragen, die Achtung und dankbare Verehrung neu zu beleben, die Johann Jakob von Tschudi gebühren.

In den Lexica lesen wir aus seinem Leben. Es war ein Schweizer, von Beruf Diplomat und nach Neigung Naturforscher, ein wohlgeachteter Gelehrter; geboren 1818, gestorben 1889. Vor uns liegt sein bekanntestes Werk, seine "Reisen durch Südamerika" in 5 Bänden, die einst 1866/69 bei Brockhaus in Leipzig erscheinen und heute, selten geworden, von den Kennern gesucht werden. Hier berichtet er eingehend von seinen Reisen, besonders in Brasilien, in den Jahren 1857 bis 1861. Für uns ist es von Bedeutung, dass von Tschudi nicht nur als Naturforscher seines Weges zog, sondern sich der neugesiedelten, europäischen Kolonisten annahm und sie an ihren Wohnorten aufsuchte. So sah er die damals heiss umstrittene Mucurí-Siedlung, das heutige Teófilo Otoni in Minas, weiter die Kolonien Santa Leopoldina und Santa Isabel in Espírito Santo, die viel diskutierten Parcerie -Kolonien im Staate São Paulo, auch Rio Grande do Sul und, was uns des Näheren angeht, Santa Catarina.

Als von Tschudi 1861 auf Reisen ging, tat er es nicht als Privatmann, sondern in seiner Eigenschaft als "ausserordentlicher Gesandter der schweizerischen Eidgenossenschaft am Hofe Sr. Maj. des Kaisers Dom Pedro II." Von den Reiseplänen unterrichtet, stellte der

QUEM FOI JOHANN JAKOB VON TSCHUDI?

Pastor Flos¹

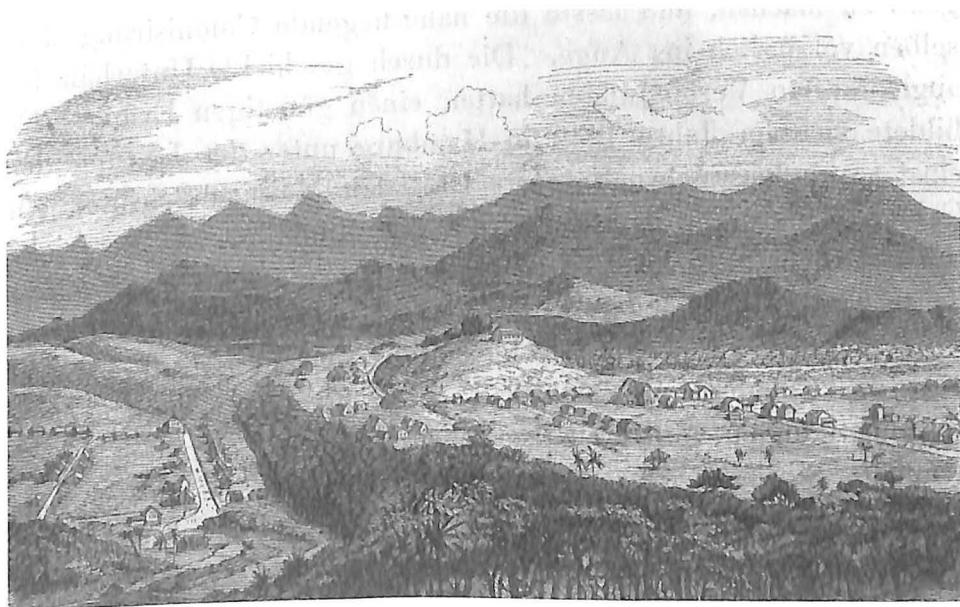
Trad. Dr. Ivo von Wangenheim

No decorrer dos anos, na nossa Igreja Evangélica no Brasil sempre de novo apareciam homens que de maneira impressionante se interessavam por ela e provavam a sua convicção por atos e ações. A estas personalidades pertence von Tschudi. É sabido quão depressa o esquecimento avança, como a rotina diária faz esquecer os méritos do passado. Também o nome de Tschudi, pelo que podemos verificar, não tem a popularidade e difusão que merece. Que estas poucas linhas contribuam para reviver o respeito e a grata veneração que merece Johann Jakob von Tschudi.

Os léxicos nos esclarecem sobre sua vida. Foi um suíço, diplomata de profissão, mas naturalista apaixonado, cientista de renome; nasceu em 1818, faleceu em 1889. Temos na nossa frente a sua obra mais conhecida: “Reisen durch Suedamerika” (Viagens pela América do Sul) em 5 volumes, editada em 1866/69 por Brockhaus em Leipzig, que hoje, rara, é muito procurada por conhecedores. Ali ele conta sobre suas viagens, especialmente pelo Brasil entre os anos 1857 até 1861. Para nós é importante saber que von Tschudi não viajou somente como explorador, mas visitou as novas colônias européias, interessando-se profundamente pelos seus problemas. Assim, visitou a litigiosa colônia de Mucuri, Teófilo Otoni de hoje, em Minas, mais as colônias Santa Leopoldina e Santa Isabel no Espírito Santo e as discutidas colônias de parceria no estado de São Paulo

¹ Texto Bilingüe de autoria do Pastor Max-Heinrich Flos. Trad. Dr. Ivo von Wangenheim. Extraído da publicação *Unsere Väter - “Nossos Pais”*. Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná. 1961. p.158-163.

Marineminister mit grösster Zuvorkommenheit einen Kriegsdampfer mit über 100 Männer Besetzung zur Verfügung. Mancher Kolonist, der hinten im Walde noch armselig auf seiner neu gebrannten Pflanzstätte lebte, würde sich über den grosszügigen Apparat, den die kaiserliche Regierung seinetwegen aufzog, recht gewundert haben. Doch lassen wir von Tschudi selber erzählen:



Kolonie Dona Francisca

“Von meiner Absicht, die Kolonien der Provinz Santa Catharina zu besuchen, unterrichtet, stellte mir der damalige Marineminister Hr. Conselheiro Francisco Xavier Paes Barreto mit grösster Zuvorkommenheit einen Kriegsdampfer zur Verfügung. Auf seine Mitteilung, dass für den 6. Februar Nachmittags um 4 Uhr die “Paraense” zur Abreise bereit sein werde, begab ich mich zur bestimmten Stunde in das Marinearsenal, wo mich der Minister des Äussern Hr. Cansanção de Sinimbú, der Admiral Hr. Joaquim Marquez Lisboa, Baron v. Tamandaré und der Inspector des Arsenal, Geschwaderchef Hr. Diego Ignacio Tavares, empfangen und bis

e também o Rio Grande do Sul. De maior interesse para nós, contudo, são suas viagens pelas colônias catarinenses.

Quando Tschudi começou a viagem em 1861, não o fez em caráter particular, mas na qualidade de “enviado especial da Confederação Suíça junto à corte de Sua Majestade o Imperador D. Pedro II”. Conhecendo os seus planos, o ministro da guerra, com a maior gentileza colocou-lhe à disposição um vaso de guerra com mais de 100 homens de tripulação. Muito colono, na sua roça ainda quente da queimada, ficaria espantado se soubesse do aparato que o Governo Imperial mobilizava por sua causa. Porém deixemos que o próprio Tschudi relate:

“Sabedor de minha intenção de visitar as colônias do estado de Santa Catarina, o ministro da guerra de então, Sr. Conselheiro Francisco Xavier Paes Barreto, com a maior amabilidade colocou à minha disposição um navio de guerra. Avisado de que na tarde do dia 6 de fevereiro às 4 horas a “Paraense” estaria pronta para a partida, dirigi-me ao arsenal na hora marcada, onde fui recebido pelos senhores Ministro do Exterior, Cansação de Sinimbu, Almirante Joaquim Marques Lisboa, Barão de Tamandaré e o Inspetor do Arsenal, Chefe de Esquadra Diego Ignácio Tavares, os quais me acompanharam até o navio. Logo após minha chegada à bordo, e depois de preenchidas as honras de recepção, foi dada a ordem de levantar ferros. Meia hora depois passávamos pela fortaleza de Santa Cruz. A corveta “Paraense” estava armada com uma boca de fogo de 68 e uma de 32 libras; tinha uma máquina de 220 cavalos-vapor, e estava – em tempos de paz – com 124 tripulantes. A todos caracterizavam gentileza e amabilidade, apesar de que minha presença lhes havia estragado o carnaval na capital, obrigando-os a uma longa e tediosa estadia nos fundeadouros de Santa Catarina. Sobre o comandante da “Paraense” eu já havia ouvido muitas referências elogiosas. O capitão-tenente Delphim Carlos de Carvalho salientara-se por sua energia e bravura no combate à escravatura.

zur Einschiffungstreppe begleiteten. Unmittelbar nach meiner Ankunft an Bord und dem üblichen Empfangsceremoniell wurde der Befehl gegeben, die Anker zu lichten, und eine halbe Stunde später dampften wir bei der Festung Santa Cruz vorüber. Die Kriegscorvette "Paraense" war mit einem 68- und einem 32- Pfünder armiert; sie hat eine Maschine von 220 Pferdekraft und zählt, im Friedensfuss, 124 Männer an Bord... Alle zeichneten sich durch liebenswürdige Zuvorkommenheit aus, trotzdem ihnen durch meine Reise die Carnevalfreuden der Hauptstadt verdorben und die Aussicht auf eine höchst langweilige, längere Station auf der Rede von Santa Catharina eröffnet wurde, Von dem wackeren Kommandanten der "Paraense", dem Kapitänleutenant, Capitão tenente, Hrn. Delphim Carlos de Carvalho, hatte ich schon früher sehr viel Lobenswertes gehört und es wurde mir besonders seine Energie, sein Mut und seine rastlose Tätigkeit bei Unterdrückung des Sklavenhandels hervorgehoben..."

So begann die Reise und erreichte als erstes Ziel den Hafen von São Francisco. Ausführlich, auf 24 Seiten, erzählt von Tschudi von seinem Besuch in Joinville und auf der Kolonie Dona Francisca. "Es war Sonntag; das Städtchen hatte ein freundliches, festliches Aussehen. Die reinlich gekleideten, blondhaarigen auf der Strasse spielenden Kinder machten besonders auf meine brasilianischen Begleiter einen grossen Eindruck... Joinville zählte 129 meist leicht gebaute Häuser... eine protestantische und eine katholische Kirche waren im Bau begriffen. Den kirchlichen Bedürfnissen ist vorderhand durch einen protestantischen und einen katholischen Geistlichen, beide Deutsche, genügt... Religiöse Zwistigkeiten hatten auch auf Dona Francisca eine Zeit lang Wurzel gefasst und, vielseitig genährt, die innere Ruhe der Kolonie zu beeinträchtigen gedroht. Glücklicherweise und zur Ehre für beide Teile dauerten sie nicht lange... Die Bevölkerung von Dona Francisca belief sich 1860 auf 2885 Seelen. Von diesen Einwohnern waren 2403 Protestanten und 482

Assim começou a viagem, cujo primeiro porto a ser arribado era São Francisco. Detalhadamente von Tschudi conta a sua visita em Joinville e na colônia Dona Francisca: Era domingo; a cidadezinha apresentava-se sorridente e festiva. Os meus companheiros brasileiros ficaram impressionados com as crianças louras e limpas que brincavam na rua... Por ocasião de minha visita, Joinville contava com 129 casas, na maioria de construção leve; poucas tinham cobertura sólida de telhas. As casas estavam bem distanciadas uma da outra, de maneira que a cidade ocupava uma área relativamente grande. Se as ruas largas e boas estivessem ladeadas de árvores, o aspecto um tanto deserto desapareceria, cedendo lugar a uma impressão mais alegre e leve. Algumas casas eram de sólida construção, de bom gosto e mobiliadas com todo conforto... Uma igreja protestante e uma católica estavam sendo construídas. As necessidades religiosas eram supridas por dois sacerdotes, católico e protestante, ambos alemães. Divergências religiosas haviam criado raízes na colônia Dona Francisca, ameaçando a calma interna. Felizmente, porém, e para a honra de ambas as partes, não duraram ... A população de Dona Francisca contava em 1860 com 2.885 almas. Destes, 2.403 eram protestantes e 482 católicos... Na colônia havia ao todo 690 lares...Dona Francisca causou-me logo uma ótima impressão que perdura ainda até hoje inalterada”.

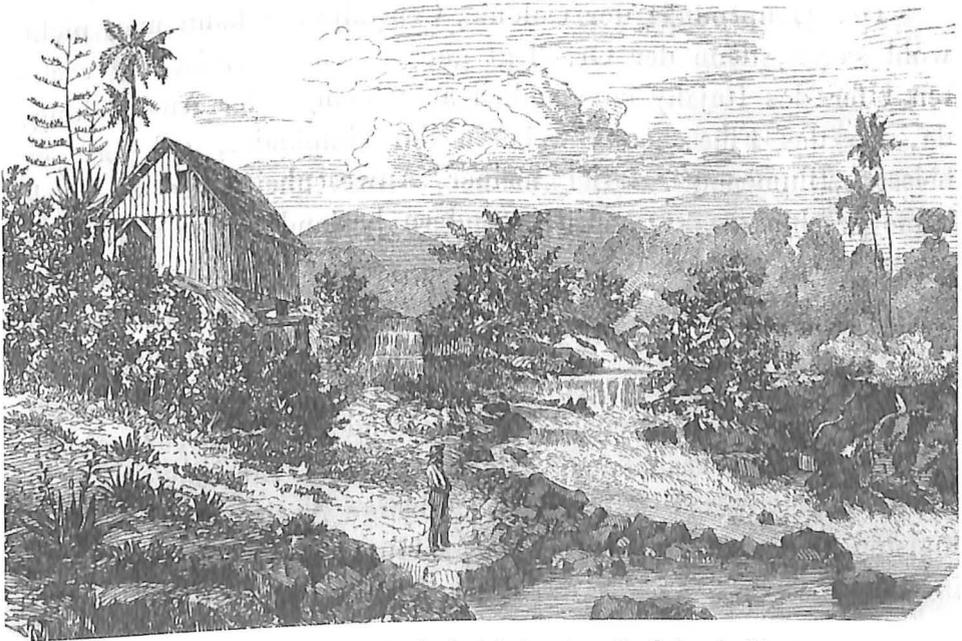
A viagem continuou para a barra do Itajaí, para inspecionar a colônia de Blumenau. “ Novamente era domingo; todos passeavam e ninguém queria trocar seu sossego dominical pelo trabalho de remar. Devo aos esforços do Sr. Gaertner, estabelecido na barra do rio como negociante, o fato de ter arranjado no decorrer do dia uma canoa com tripulação necessária”. Detalhadamente ele falou do Dr. Blumenau e de sua obra. “Por ocasião da entrega da colônia ao Governo Imperial em 1859, o Dr. Blumenau pôde contemplar sua obra com a consciência tranqüila de quem soube cumprir o seu dever. Ele pode ter cometido um

Katholiken... in der Kolonie befanden sich im ganzen 690 Feuerstellen... Dona Francisca hat mir vom ersten Tage an einen günstigen Eindruck gemacht und ich habe ihn auch ungeschwächt beibehalten”.

Weiter ging die Fahrt zur Barre des Rio Itajaí, um die Kolonie Blumenau zu besichtigen. “Wieder war Sonntag; alles bummelte, Deutsche und Brasilianer, und keiner wollte seine behäbige sonntägliche Ruhe durch Canotarbeit stören... Den Bemühungen Hrn. Gärtner’s, der an der Barre des kleinen Flusses als Kaufmann etabliert ist, gelang es endlich, mir im Laufe des Tages ein Fahrzeug mit der nötigen Bemannung zu verschaffen”. Ausfürlich wird vom Dr. Blumenau und seinem Werke berichtet. “Bei Übergabe der Kolonie an die kaiserliche Regierung, 1859, konnte Dr. Blumenau mit ruhigen Selbstbewusstsein streng erfüllter Pflicht auf seine Schöpfung blicken... Der Census von 1864 weist folgende Daten aus: Gesamtbevölkerung 2471 Individuen; Katholiken 412, Protestanten 2059... Die Kolonie Blumenau besitzt seit mehreren Jahren mit Hrn. Pastor Hesse einen tüchtigen Geistlichen und vortrefflichen Kanzelredner. Der Gottesdienst, sowie die Schuhle, wurde bei meiner Anwesenheit, provisorisch in einem Saale des Aufnahmehauses abgehalten. Die Sonntagspredigt war zahlreich besucht. Im Schlussgebete wird des Gründers der Kolonie ehrend erwähnt und die Anwesenden können wahrlich aus ganzem Herzen in dieses Gebet mit einstimmen. Hr. Pastor Hesse hatte eine Privatschule errichtet, in der er Geographie, Geschichte, Mathematik, Latein und Französisch unterrichtet... Der Zukunft der Kolonie Blumenau lässt sich mit Fug und Recht ein sehr günstiges Prognostikon stellen”.

Wir können von Tschudi nicht auf seiner ganzen Reise begleiten. Er kam mit der “Paraense” nach Destêrro, dem heutigen Florianópolis, besuchte Santa Isabel und Teresópolis in Santa Catarina und fuhr weiter südlich nach Rio Grande. Das aber dürfte deutlich geworden sein, dass er wie kaum ein anderer Diplomat den Kolonisten nachging und sich für sie

e outro erro administrativo involuntário, mas seu esforço e boa vontade foram tanto altruístas como abnegados. Que a ciência do fato de que a colônia Blumenau, por ele fundada e dirigida, é a mais bem organizada e mais florescente colônia do Brasil, lhe dê paz e tranqüilidade... O censo de 1864 produziu os seguintes números: População total: 2.471 indivíduos; católicos, 412; protestantes. 2.059. A colônia Blumenau conta já há alguns anos, na pessoa do Pastor Hesse, com um abnegado sacerdote e um ótimo pregador. Tanto a escola como os cultos tinham lugar provisoriamente no barracão dos emigrantes, enquanto estive lá. O culto dominical foi muito bem visitado. Na oração final fez-se referência honrosa ao fundador, e todos os presentes têm razão de acompanhar de pleno coração esta súplica. Pastor Hesse havia fundado uma escola particular, onde lecionava geografia, história, matemática, latim e francês... Pode-se com toda a razão fazer um ótimo prognóstico à colônia de Blumenau”.



Região do Salto Grande do Itajaí. Atual região Salto do Norte.

Não pudemos acompanhar Tschudi em toda a sua viagem.

verantwortlich fühlte. Er war ein steter Fürsprecher der Ausgewanderten, der alle ihre Sorgen und Nöte bis ins kleinste kannte.

Ein Notstand vor allem machte von Tschudi zu schaffen, den überwunden zu haben sein besonderer Verdienst ist, den Mangel an Pfarrern. Gerade zu seiner Zeit war die Lage aus verschiedenen Gründen beklemmend. Zunächst war der Zeitpunkt gekommen, da die erste Pfarrergeneration, die einst mit den Einwanderern ins Land kam oder früh berufen wurde, durch Alter und Tod langsam ausschied. Als zweiter Grund: Von Rio Grande do Sul bis Espírito Santo waren zahlreiche neue Siedlungen entstanden und warteten auf kirchliche Versorgung. Drittens, und dieser Grund fiel schwer in die Waagschale: Preussen, die evangelische Grossmacht jener Zeit, stand Brasilien zeitweilig mit Zurückhaltung gegenüber, wie das von der Heydt'sche Rescript 1859 dokumentiert.

In dieser notvollen Lage galt es, nach einer neuen Quelle zu suchen, die das weite brasilianische Diasporagebiet weiterhin speisen und sein Gedeihen garantieren konnte. Von Tschudi gedachte einer Missionsgesellschaft, die in seiner Heimat in der Stadt Basel blühte, und junge Männer, zumeist aus Württemberg und aus der Schweiz, zu Missionaren ausbildete. Schon lange wirkten ihre Boten in Afrika, in Indien und in China. Jetzt liess sich die Basler Missionsgesellschaft dazu bestimmen, einen Teil ihrer Kräfte nicht in heidnische Länder, sondern nach Brasilien zu senden. Gesamt sind uns 19 Missionare namentlich bekannt, die während zweier Jahrzehnte durch Basel ausgesandt wurden.

Vier von ihnen blieben in Brasilien und fanden hier ihre Lebensaufgabe. Wenn wir in diesem Büchlein auch nicht ausführlich aus ihrem Leben erzählen können, wollen wir doch ihre Namen und einige Einzelheiten erwähnen.

Da kam im Jahr 1869 der junge Pastor Johann Jakob Zink aus Württemberg in den Staat São Paulo. Wie bitter nötig die Arbeit dieses

Veio com a “Paraense” para o Desterro, hoje Florianópolis, visitou Santa Isabel e Teresópolis em Santa Catarina e dirigiu-se para o sul, para Rio Grande. O que deve estar claro porém, é que Tschudi, como nenhum outro diplomata seguiu os colonos, sentindo-se responsável por eles. Foi sempre um protetor dos emigrados, conhecendo seus problemas até os mínimos detalhes.

Tschudi se interessou principalmente pela carência de sacerdotes nas colônias. A melhoria desta triste situação deve-se unicamente a ele. Juntamente na sua época a situação era, por vários motivos, calamitosa. Em primeiro lugar, chegara o tempo em que os pastores, vindos com os emigrantes, eram pela idade ou pela morte pouco a pouco eliminados. Como Segunda razão – muitas colônias novas haviam sido criadas de Rio Grande até Espírito Santo, e todas esperavam amparo cristão. Em terceiro lugar, e esta razão contava muito, a Prússia, a potência evangélica daquela época, diminuiu as suas relações com o Brasil, como documenta o Rescrito von der Heydt em 1859.

Nesta situação penosa, devia-se conseguir uma fonte nova que continuasse a fornecer pastores às dispersas zonas brasileiras e assegurar a sua continuidade. Von Tschudi lembrou-se de uma Sociedade Missionária que florescia na sua pátria, na cidade de Basiléia, e que formava jovens missionários, principalmente de Württemberg e da Suíça. Já havia muito, seus emissários trabalhavam na África, na China e na Índia. Assim foi que a Sociedade consentiu em enviar uma parte de suas forças ao Brasil, ao invés de à terras pagãs. Um total de 19 missionários nos foram, durante dois decênios, enviados de Basiléia.

Quatro deles criaram raízes no país e encontraram a tarefa de sua vida no Brasil.

Chegou no ano de 1869 o jovem Pastor Zink de Württemberg, em São Paulo. A amarga necessidade deste enviado aqui mostra o fato de que

Basler Boten war, zeigt die verwunderliche Tatsache, dass es im ganzen Staat und auch in der Hauptstadt selber keine einzige Gemeinde gab. Zink begann seine Tätigkeit als Reiseprediger, begnügte sich aber nicht damit, hier und dort zu taufen und zu predigen, sondern drang auf Gründung fester Gemeinden. "Seiner Initiative", so schreibt ein Chronist, "verdanken die Gemeinden in Campinas, Rio Claro, Pires-Limeira und andere ihre Entstehung. Bezeichnend für seine Tätigkeit ist das Bemühen um die Vertiefung wahrer, evangelischer Frömmigkeit im Sinne der christlichen Gemeinschaft, die keinen Sinn hat für die sog. Weltlichen Vergnügungen. So blieb ihm mancherlei Widerstand, Verkennung und Feindschaft nicht erspart, aber dafür scharte sich um ihn ein Kreis treuer, opferwilliger Freunde, die fest zu ihm hielten und tapfere Bekenner des Herrn Christus waren". Im Jahre 1917 starb Zink als Pfarrer von Campinas; das heisst mit anderen Worten: 48 Jahre Einsatz hier draussen!

Fünf Jahre nach Zink wurde der Pastor Friedrich Mueller, wiederum ein Schwabe, nach Brasilien gesandt. Auch er liess sich im Staate São Paulo nieder und war die längste Zeit seiner Wirksamkeit Pfarrer und Lehrer in Pires-Limeira und den dazu gehörigen Filialgemeinden. Als er starb, lagen 44 Jahre Amtstätigkeit in Brasilien hinter ihm.

Eines dritten Basler's ist hier zu gedenken, der ein ganzes Leben auf einsamem Vorposten aushielt, des Pastor Hollerbach's aus Baden in Filadélfia, dem heutigen Teófilo Otoni, Minas Gerais. Er kam 1862 in die damals heiss umstrittene, um nicht zu sagen verrufene Mucuri-Siedlung und blieb bis zu seinem Tod im Jahr 1899. 38 Jahre in einer völlig isoliert gelegenen Gemeinde! In einer Festschrift von einst lesen wir: "1887 kam P. Hollerbach durch Bahia, hielt eine Predigt im Klub und einige Taufen. Dieser opferwillige Mann hat lange in der Kolonie Teófilo Otoni gewirkt und sich um Menschenwohl und Deutschtum viel Dank verdient". Er selber schrieb, nahe am Ende seiner Tage: "Wie bin ich deshalb hier

nem no estado nem na cidade havia uma única comunidade. Zink começou sua atividade como pregador itinerante, não se contentando em batizar ou abençoar um matrimônio aqui e ali, mas sempre insistindo na necessidade de fundar comunidades regulares. “À sua iniciativa”, assim escreve um cronista, “devemos as comunidades de Campinas, Pires-Limeira, Rio Claro e outras. Característica de sua atividade é o seu esforço para aprofundar a fé verdadeira que não acha sentido nas assim chamadas, alegrias pagãs. Não é de admirar que tenha encontrado resistência, mesmo inimizade e incompreensão; mas também reuniu um círculo de fiéis amigos que lhe eram devotados, prontos a qualquer sacrifício, e valentes professores do Senhor Cristo”. Em 1917 Zink faleceu, como pastor de Campinas; isto significa, com outras palavras – 48 anos de atividades aqui fora!

Cinco anos depois de Zink, o Pastor Friedrich Mueller, também um sábio, foi enviado ao Brasil. Também ele exerceu suas atividades no estado de São Paulo, e foi durante maior parte do tempo pastor e professor em Pires-Limeira e comunidades anexas. Quando ele faleceu, havia trabalhado 44 anos no Brasil.

Devemos lembrar-nos de um terceiro basileense, que passou toda a vida num solitário posto avançado – o Pastor Hollerbach de Baden, em Filadélfia, o Teófilo Otoni de hoje, em Minas Gerais. Ele chegou em 1862 à disputada, para não dizer mal-afamada colônia Mucuri, onde ficou até a sua morte em 1899: 38 anos de serviço numa comunidade absolutamente isolada. Os primeiros anos especialmente tinham trazido dificuldades sérias. “Somente a minha firme convicção”, assim escreve Hollerbach, “me impele a continuar no serviço da Igreja e escola, apesar do riso dos assim chamados ‘livres pensadores’, apesar do escárnio e das caçoadas dos ‘espíritos fortes’, apesar da aparente esterilidade do campo. Preciso de toda a minha força da fé para abrir a boca dando testemunho do pecado humano e da graça divina, estas duas pedras de tropeço”. Anos mais

so übel angesehen, dass ich Leib und Leben dran wage, dieses Inselchen von 1.000 Seelen gegen die umbrandenden Wogen von 20.000 bis 30.000 zusammenzuhalten!”

Der vierte im Bunde war Pastor Christian Zluhan aus Göppingen in Württemberg; er kam nach Santa Catarina und verbrachte ein Menschenalter als Pfarrer und Lehrer in Santa Isabel, wie wir im nächsten Kapitel hören werden.

Wir scheinen mit diesen kleinen historischen Notizen vom Thema abgekommen zu sein, aber doch nur scheinbar. Denn hinter den Basler Ausgesandten, die hier eine bedrohliche Lücke schlossen und Neues bauten, steht die Gestalt von Tschudi's. Er sah die Not in Brasilien und nahm sie auf sein Herz. Er vermochte die Basler Mission zu überzeugen, dass es recht sei, die eigentliche Mission unter Heiden zeitweilig einzuschränken und dafür die Hungernden und Dürstenden in unserer weiten Diaspora zu speisen und zu tränken. Wir tun gut daran, diese Tatsachen nicht zu vergessen und in dankbarem Gedächtnis zu behalten. Es war Hilfe zur rechten Stunde, die uns die Evangelische Missions-Gesellschaft in Basel gewährte. Er war wahrlich ein Geschenk, das uns der Schweizerische Gesandte und Gelehrte Johann Jakob von Tschudi mit seiner treuen Mittlertätigkeit machte.

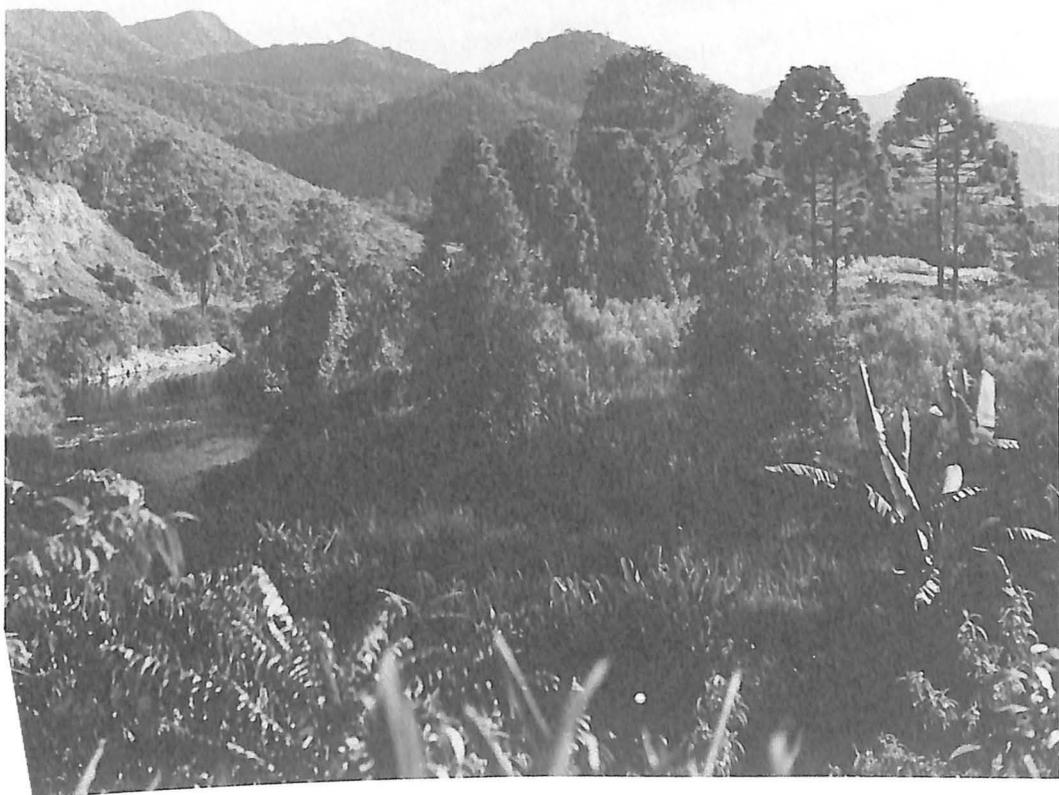
fl.

tarde lê-se: “Meu sucessor já não encontrará a comunidade em tal situação como a encontrei há 20 anos atrás, quando estava por vezes na iminência de desfazer-me da camisa que trazia no corpo, para adquirir sustento”. Uma publicação de outrora escreve: “Em 1887, o Pastor Hollerbach passou pela Bahia, fez uma prédica no clube e uns batismos. Este homem dedicado trabalhou durante muito tempo na colônia Teófilo Otoni e merece eterna gratidão pelo seu humanitarismo”. Ele mesmo, próximo ao fim de seus dias, escreveu: “Como estou aqui tão malquisto, porque arrisco corpo e vida para conservar unida esta pequena ilha de 1.000 almas no meio das ondas impetuosas de um mar de 20 a 30 mil outras!”

O quarto colega foi Pastor Christian Zluhan de Goepfingen, Württemberg. Veio para Santa Catarina e passou toda a vida como pastor e professor em Santa Isabel, como veremos no capítulo seguinte.

Parece que temo-nos desviado algo do tema com estas pequenas notas históricas, mas apenas na aparência. Porque por detrás destes enviados de Basileia, que vieram oportunamente preencher um vácuo ameaçador e construir o futuro, está a figura eminente de von Tschudi. Ele viu a necessidade do Brasil e tomou-a de coração. Conseguiu convencer a Missão de Basileia que seria certo limitar temporariamente a própria missão nos povos pagãos e dar comida e bebida espiritual aos que sofriam em nossas plagas.

Faríamos bem em não esquecer estes fatos, mantendo-os em grata memória. Foi um auxílio oportuno que nos deu em hora certa a Sociedade Missionária de Basileia. Um presente que nos fez o sábio e diplomata suíço Johann Jakob von Tschudi, com sua fiel atividade medianeira.



RUSSLAND I – setembro
RUSSLAND II - beirando o Parque
Nacional das Nascentes

RUSSLAND I – SETEMBRO

Urda Alice Klueger¹

Para Elizabete Tamanini, Cesar Zillig
e Juarez Aumond

Um dia, lá na aurora dos tempos, este planeta Terra se formou todo quente e explodindo em vulcões e derrames de magma; um dia, também, ele esfriou e veio uma primeira glaciação, e depois, uma série delas, e aí nesse entremeio foi surgindo a Vida nas suas mais diversas formas, e ontem à tarde eu caminhei por um pedacinho privilegiado deste planeta, e era tão visível, ali, tantas destas coisas que vêm desde lá dos tempos mais remotos!

Era uma estradinha no lugar que quando eu era criança a gente chamava de Russland – hoje, aquele lugar tão lindo é conhecido como Nova Rússia. Fica em Blumenau/Brasil, e é uma reserva ecológica, que abriga nascentes de bicas, arroios, riachos – e todas essas águas juntas acabam formando um rio, à beira do qual costumo acampar.

E era no finalzinho da tarde, assim já depois que o sol se pusera por detrás dos morros altos, e uma fina camada de névoa azulada pairava sobre tudo e dentre tudo, principalmente dentre as árvores daquele resquício de Floresta Atlântica ali preservada, embora aqui e ali, dentro da floresta nativa, surja um *Tannenbaum*, ou um eucalipto, ou florescidos antúrios plantados sob a mata, à beira da estradinha – e embora exista por ali algumas casas de campo (eu diria: casas-de-mato), escondidas nos lugares mais inesperados, e umas três ou quatro propriedades rurais onde,

¹ Historiadora e Escritora

em pastos de grama rasteira, vacas holandesas nos olham bondosamente com seus grandes olhos líquidos e mansos, e também alguns campings, e algumas outras curiosidades, como uma roça de cana, alguns jardins e cachorros, pode-se dizer que a preservação ambiental, ali, é boa, e pode-se embarcar nela e viajar para a história do passado deste planeta.

O que sempre me chama a atenção primeiro é a estradinha, quase pendurada na encosta dos morros altos e quase caindo sobre o rio, lá embaixo – como venho muito a este lugar, tenho podido observá-lo nas mais diversas situações e estações do ano, e sei que o único lugar onde ela poderia existir é onde está, que na outra margem do rio é tudo perau tão escarpado, rochas abruptas disfarçadas sob a camada da floresta, que não haveria como se ter criado tal estradinha do lado de lá – assim como vejo hoje, depois de prestar muita atenção, muito gente, nos últimos milênios, também viu onde era a passagem possível, e aquela estradinha, um dia, começou a ser aberta e se tornou um caminho feito a pé de índio. Generalizo a palavra índio por não saber o nome das tantas possíveis nações que um dia por aqui passaram – afinal, desde a última glaciação, quando o mar recuou destes lugares onde estou, quanta gente deve ter passado por aqui?

Faz século e meio, lá por volta de 1860, que um jovem imigrante chamado Julius Bernhard Klüger, que foi o meu bisavô, também passou por aqui uma primeira vez, e foi cultivar a terra da sua primeira colônia lá mais para os confins da Russland, e o caminho já estava aberto. Mais adiante deste camping onde costumo ficar, bem mais adiante, há um pequeno cemitério com muitos parentes meus enterrados, comprovação inequívoca dos tantos meus antepassados que um dia aqui vieram trilhar a estradinha aberta a pé de índio – e que pouca modificação sofreu depois que os engenheiros e os imigrantes deram uma melhorada nela, com tratores e enxadas.

Então, ao pôr do sol de ontem, também eu estava a trilhar a estradinha, o rio espumante e encachoeirado de um lado, lá embaixo, e as rochas partidas pelo resfriamento do planeta, em outros tempos, a formar a base dos morros, do outro – e era-me espantoso observar a quantidade de vida que se agarrava àquelas rochas, musgos, líquenes, samambaias e outras plantas, cada uma tentando fazer o seu trabalho de desmanche daquelas rochas que talvez estejam ali desde um antiquíssimo primeiro derrame de lava aqui nesta região. Talvez aquelas rochas já tenham passado por todo o calor e por tantas glaciações, e sejam testemunhas de todo o tanto de vida que já aconteceu por aqui, desde a das plantas, quanto a dos animais de diversos tipos, sabe-se lá quantos já extintos, e das diversas nações de gente que por aqui desfilaram, inclusive a dos imigrantes, e sabe-se lá em quantas delas havia pessoas do meu passado – e ali estão, portando seus musgos e seus líquenes, e esperando que a próxima glaciação chegue, embora, por enquanto, o mundo ainda esteja a esquentar, desde o último grande Frio... como queria eu poder perguntar tantas coisas àquelas rochas! O quanto poderiam elas me contar, que me escapa a este olhar limitado com que as olho!

Blumenau, 14 de setembro de 2007.

RUSSLAND II - BEIRANDO O PARQUE NACIONAL DAS NASCENTES

Urda Alice Klueger¹

Para Mário e Synova Lindner, meus primos

É a terceira semana seguida que volto a procurar o abrigo deste lugar que hoje é conhecido como Nova Rússia, mas que na minha infância se chamava Russland. Um estresse explícito fez com que corresse para cá, e hoje, na terceira vinda, já melhorara o suficiente para ter vontade de caminhar, e ao pôr-do-sol tomei o rumo das estradinhas antigas que se entrecruzam bem por aqui onde me hospedo.

Saí com meu cachorro que ainda é um aprendiz da vida, como também eu o sou, e passamos a igreja católica, e a escolinha onde as crianças estudam até a quarta série, e uma ponte sobre encachoeiradas águas de um riozinho num leito que parece enterrado lá no fundo – bem no momento em que três mulheres que vinham vindo comentavam sobre como a enxurrada de 1983 fizera aquelas águas ali subirem tanto que carregaram a ponte onde agora estávamos. Parecia uma coisa incrível imaginar tudo ali cheio da violência de águas assim encachoeiradas – mas recordo bem que em 1983, além da Grande Enchente, houve as enxurradas muito mais horrorosas, e esta que passou por aqui e tomou o rumo da Rua Emílio Tallmann sou até capaz de lembrar o dia: 17 de dezembro, quando as casas já estavam limpas e enfeitadas para o Natal. São-me muito vivas, neste momento, algumas lembranças daquele dia, como as montanhas de lama que soterravam as casas, com os pinheirinhos de Natal retorcidos

¹ Historiadora e Escritora

e coloridas bolas de vidro quebradas no meio do entulho geral, e de um cachorro peludo sendo levado na garupa de uma moto, onde a gente só entendia que era um cachorro por causa dos olhinhos assustados no meio do que parecia uma bola de lama. Naquele tempo meu primo Mário Lindner e minha prima Synova eram vivos, e eu tomara o rumo da Garcia para tentar ajudar em alguma coisa, e penso que as lembranças nunca se apagarão – só que jamais imaginaria que a tromba d'água tivera tal intensidade cá na altura do Russland, a ponto de ter carregado a ponte que está a poucos metros daqui. É-me muito difícil imaginar esta paz de paraíso toda revolta e encachoeirada, porque aqui se está muito próximo das tantas nascentes, e não há poluição mais para o alto – o encachoeiramento da enxurrada deve ter sido de águas brancas e limpas, e por maior que fosse a hecatombe, se tivesse sido de dia, talvez tivesse sido linda como uma maré cheia – só que foi de noite, lembro bem, e o horror do acontecido não deve ter levado em conta se a água era poluída ou não.

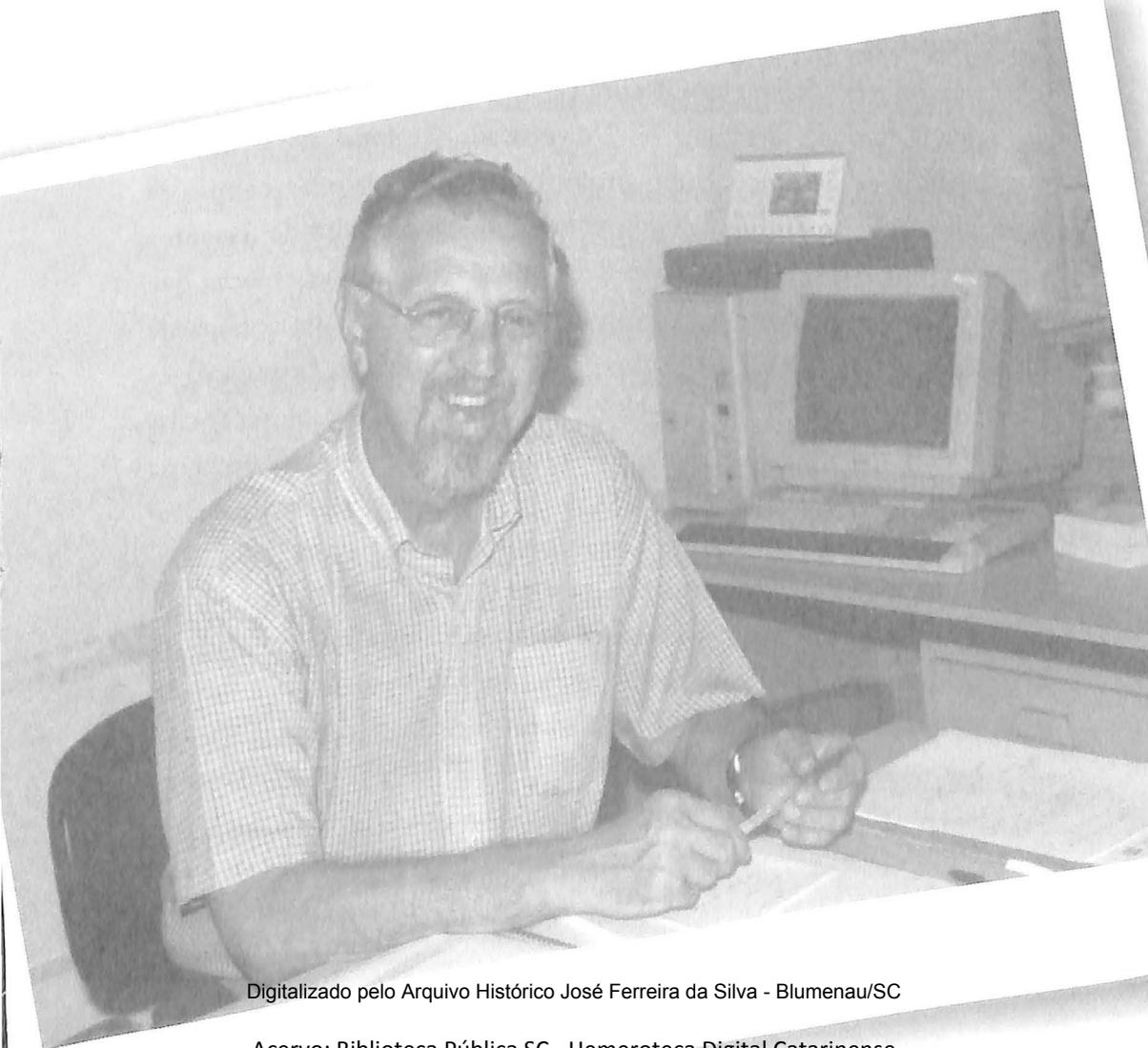
A 200 metros daqui está o pequeno cemitério da Nova Rússia, poucas dezenas de túmulos, quase todos muito antigos, alguns até já com os nomes apagados pela ferrugem ou pelas intempéries – num deles dorme meu bisavô Klueger, imigrante que chegou aqui nesta Russland em 1858, pelo que me lembro. Entrei lá, na grande paz verde daquele minúsculo cemitério, na grande paz verde e azul dos morros circundantes, e de novo soube que é lá que eu gostaria de, um dia, dormir para sempre, entre tantos Klueger, entre tanta História, entre caminhos abertos a pé de índio e que se cruzam por aqui. Pensei: teria a grande enxurrada de 1983 chegado até aquele cemitério que é como que um abrigo único e como que inatingível? Penso que não; a estradinha sobe um pouquinho antes de chegar lá.

Então, enquanto o crepúsculo crescia, andei mais por estradinhas que se bipartiam, e passei por uma igrejinha luterana, e por umas poucas casas que pareciam com a casa dos meus avós, em Lontras/

SC, onde, nos fundos, ainda havia ranchos de vacas, e de lado, lagoas com patos e marrecos nadando. Passei a prestar atenção nas águas, então, e é impressionante a quantidade de nascentes desta região! Parece que a cada pequeno magote de árvores mina um fino fio d'água que se vai juntar a outro, e a outro, e a outro, e logo há ribeirõezinhos acompanhando as estradinhas – havia, mesmo, que se criar aqui o Parque Nacional das Nascentes, nestes tempos em que a água vai se tornando coisa cada vez mais preciosa!

Blumenau, 03 de Abril de 2008.

Discutindo a universidade:
Entrevista com
SÁLVIO ALEXANDRE MÜLLER



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

DISCUTINDO A UNIVERSIDADE: ENTREVISTA COM SÁLVIO ALEXANDRE MÜLLER

Revisão, Edição e Introdução: Viegas Fernandes da Costa¹

Revisão Onomástica: Liane Kirsten Sasse²

Foto: acervo Centro de Memória Universitária/FURB

INTRODUÇÃO

O Professor Sálvio Alexandre Müller, filósofo, antropólogo e intelectual da educação, nasceu em Rio do Sul em 10 de novembro de 1945. Reconhecido como uma das principais referências no ensino superior de Santa Catarina, trabalhou na Universidade Regional de Blumenau por 25 anos, onde atuou como professor, integrou diversas comissões especiais e ocupou diversos cargos, como o de coordenador de Assuntos Comunitários e de Desenvolvimento, membro da comissão especial que elaborou a proposta de modelo organizacional da Universidade Regional de Blumenau (1984), diretor do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (1985), da Editora da FURB (1994-1997) e do Instituto de Pesquisas Sociais (1994-1997) e chefe do Gabinete da Reitoria (1997-1998). Ao falecer, na madrugada do dia 23 de maio de 2008, aos 62 anos, estava coordenando o Programa de Preservação Histórica e Patrimonial da Região de Usina Salto Pilão, e era professor e conselheiro sênior da UNIASSELVI.

Autor de inúmeros artigos distribuídos por jornais, revistas e anais de todo país, Sálvio Alexandre Müller chegou a publicar o artigo “A natureza brasileira segundo dois cronistas no período colonial” na Revista

¹ Viegas Fernandes da Costa: Historiador, escritor e editor do Sarau Eletrônico/FURB

² Liane Kirsten Sasse: Historiadora, pós-graduada em História e Acervos e técnica de arquivo do Centro de Memória Universitária/FURB.

Brasileira de História (set. 1990/fev. 1991), principal revista de historiografia do Brasil. Sálvio ainda organizou e coordenou diversos livros e é autor de “Opressão e Depredação: a construção da barragem de Ibirama e a desagregação da comunidade indígena local”, livro publicado pela Editora da Furb em 1987.

Como antropólogo, trabalhou junto aos índios Xokleng, sob a orientação de Sílvio Coelho dos Santos.

Em homenagem a este professor e intelectual que tanto contribuiu para a educação e a cultura em Santa Catarina, o site de literatura da Biblioteca Universitária da FURB, **Sarau Eletrônico**, publicou esta entrevista, agora veiculada também na Blumenau em Cadernos, concedida por Sálvio Alexandre Müller em 17 de abril de 1998 para o projeto “Universidade Regional de Blumenau e sua História”. Participaram da entrevista Balbino Simor Rocha, Viegas Fernandes da Costa, Clarice Ehmke e Richard Huewes. Dada a natureza do projeto para o qual o depoimento foi colhido, o conteúdo do mesmo trata da história acadêmica do professor Sálvio e da Universidade que ele ajudou a construir.

Apesar de possuir alguns trechos publicados no livro “Memórias da FURB: (1964-2004)”, organizado por Roberto Marcelo Caresia e Liane Kirsten Sasse, esta entrevista permanecia inédita, e seu original encontra-se sob a guarda do Centro de Memória Universitária (CMU)/FURB.

Para esta edição, procedeu-se uma revisão, limpeza e edição do texto original, sem que se alterasse o conteúdo das informações fornecidas pelo professor Sálvio Alexandre Müller, à época Chefe de Gabinete da Reitoria da FURB.

Há quanto tempo o senhor está na FURB? Pode nos contar um pouco da sua história de vida e acadêmica?

Eu entrei na FURB no dia 1º de março de 1973. São vinte e cinco anos! Sou licenciado em Filosofia pela Faculdade Nossa Senhora

Medianeira, dos jesuítas, em São Paulo. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina, opção Antropologia. Também terminei os créditos e defendi a pré-qualificação do doutorado em História na Universidade de São Paulo. Nasci em Rio do Sul, mas vim para Blumenau com dois anos e meio de idade. Meus pais são de Gaspar. Meu pai morou em Blumenau desde os sete anos de idade. Quer dizer, sou do Vale. A típica família que circulou no Vale. Era característico, aqui, nessa época, essa circulação no Vale mesmo. As pessoas iam de um lugar para outro. Assim como hoje se vai para São Paulo ou Rio para buscar emprego, meu pai foi para Rio do Sul porque foi convidado para trabalhar como vendedor. Naquele tempo chamava-se caixeiro viajante. Ele era representante de uma loja chamada “Loja União”. Viajava de “Ford bigode”, aquele Ford 29, ou então de “aranha”, uma espécie de charrete puxada por um cavalo e onde ele empilhava rádios e outras bugigangas daquela época. Os rádios estavam surgindo, em 1944/1945, e ia vendendo no interiorzão aí: Dona Ema, Witmarsum, Ituporanga, nesses interiores do Alto Vale. Vendia de porta em porta para a Loja União. Era uma região grande. Depois ele não quis mais e voltou para Blumenau. Achou melhor voltar para Blumenau. Na verdade, meu pai era gráfico. Começou a trabalhar na gráfica com 14 anos. Esse negócio de ser caixeiro viajante foi uma doideira que deu na cabeça dele que durou um espaço curto de 3 anos. Mas desde os 14 anos de idade ele foi gráfico, e morreu trabalhando dentro da gráfica.

Quando o senhor começou seus estudos?

Eu comecei a estudar em casa. Com três anos e meio já sabia ler e escrever. Entrei na escola com oito anos, e fui direto para o segundo ano, no Colégio Sagrada Família, onde a irmã Clotilde era diretora e dizia: “é, eu vou colocar ele no 2º ano porque eu não sei onde o colocaria”. Podia ser no 3º, 4º, ela resolveu colocar no 2º por causa da idade, 8 anos. Depois

estudei também no Luís Delfino. Em 1957 entrei no seminário, com onze anos. O seminário chamava-se São José, em Rio Negrinho, dos padres do Sagrado Coração de Jesus. Era um seminário onde se fazia uma primeira seleção dos futuros candidatos ao sacerdócio. Lá fiquei alguns meses. Depois fui para o seminário de Corupá, que era onde a gente tinha ginásio e 2º grau, isso em 58. Entrei e então fiz a 1ª série ginásial, eu estava com 12 anos. Aí fiquei e fiz o ginásio – naquele tempo se chamava de ginásio. Fiz os quatro anos de ginásio e os três anos de colegial. Depois mudei, saí de Corupá e fui para o noviciado e me tornei religioso. Começou uma outra fase da vida do seminarista que eu chamo de seminarista maior. Então fiz o noviciado, por causa da vida religiosa, que é um processo de iniciação todo específico da igreja. Depois fiz Filosofia Escolástica por dois anos em Brusque e depois a Teologia em Taubaté, por 4 anos. Em Brusque estudei no convento Sagrado Coração de Jesus, atrás da Igreja Matriz no Centro. Só que o convento hoje dá a impressão, para quem olha de longe, que é um conjunto populacional daqueles bem vagabundos. No meu tempo era um velho convento feito em 1918, lindíssimo, com arcadas e capela subterrânea feita de pedras. Um edifício lindíssimo que foi simplesmente arrasado e feito um cortiço em cima. Quer dizer, infelizmente muitos dos nossos padres perderam aquele senso de estética e toda uma tradição da Igreja de construção conventual característica, muito bem feita, com arte. Depois fui para Taubaté cursar Teologia. Lá fiquei 4 anos, e ao mesmo tempo ingressei na Faculdade Nossa Senhora Medianeira, na cidade de São Paulo, para completar os estudos de Filosofia Escolástica. Nesse tempo a gente só fazia isso, só estudava, e tinha todo um horário próprio para fazer as duas coisas juntas.

O senhor terminou os cursos em Taubaté e em São Paulo?

Eu resolvi sair do seminário. Não cheguei a ser ordenado

sacerdote. Faltando 7 meses eu caí fora, foi em maio de 72. Aí eu vim para Blumenau, resolvi descansar alguns dias na casa dos meus pais e disse: “bom, agora eu vou procurar emprego”. Comecei pela fábrica que eu achava que era a mais longe de casa. Nós morávamos na Ponta Aguda: fui na Artex. Eles já me pegaram por lá mesmo, não tive a 2º chance. No dia seguinte já comecei na Artex, dia 14 de junho de 72. Trabalhava no setor de exportação e cuidava dos contratos de câmbio entre os bancos estrangeiros. Em dezembro o padre Orlando, que era o reitor da FURB, me procurou para eu dar aula lá. Desliguei-me da Artex e entrei na FURB. O padre Orlando havia sido meu professor em Brusque.

Então o senhor ficou pouco tempo na Artex. Nem deu tempo para esquentar muito!

Não, não! Eu seria hoje vendedor de toalhas, provavelmente.

É interessante, o senhor saiu daqui, embora tenha estudado nessa escola católica, faz toda uma preparação fora, vai a Brusque, vai a Taubaté, vai a São Paulo...

Eu não sou formado na FURB, não sou “prata da casa”. Vim de fora para dentro, embora seja do Vale. Muitos dos meus colegas, que tiveram um caminho parecido com o meu, foram e ficaram em São Paulo, não voltaram para o interior, para a província. Eu fiz questão de voltar, embora eu gostasse muito de São Paulo e, de alguma forma, nunca me desliguei de São Paulo, sempre continuei me referindo a São Paulo, acabei fazendo doutorado lá. Mas sempre preferi nossa região. Nunca senti tentação de morar fora do Vale do Itajaí, sempre me ambientei aqui.

Como foi a sua entrada na FURB a partir desse convite?

O padre Orlando foi um dos fundadores da FURB. O professor Martinho Cardoso da Veiga, o padre Orlando Maria Murphy,

o Rivadávia Wollstein, o professor Milton Pompeu da Costa Ribeiro, o professor Rômulo Silva, o professor Diderot Carli, e o então secretário, que era o professor Mário Wisintainer, são os fundadores da FURB. E o padre Orlando lecionava Sociologia para todos. Como reitor ele não tinha mais condições de lecionar, e por isso veio atrás de mim. Eu fui o segundo professor de Sociologia na Universidade. Depois, em 75, entrou o professor Antônio Francisco Boing, também para lecionar Sociologia. As primeiras turmas para as quais lecionei Sociologia foram as de Pedagogia e Letras. Depois também para Direito, Engenharia, Economia, zanzei por tudo. E aí abriu a oportunidade no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina. Em 1978, abriu um curso de especialização em Antropologia e Sociologia, fiz esse curso, fui da primeira turma. E em 81 abriu o mestrado, fiz em seguida. O meu orientador sempre foi o Professor Sílvio Coelho do Santos. Não sei bem porque cargas d'água me inclinei para a Antropologia. Hoje, refletindo melhor, vejo que fui por afinidades. Encostei-me na Antropologia em vez da Sociologia pelo fato de que na Antropologia tinha um professor que me despertou a curiosidade em ter aulas com ele, que foi o Paul Aspelind, da Universidade de Cornell, nos Estados Unidos. Senti necessidade de ter contato com alguém assim, desse porte, um professor muito bom. E embora eu soubesse muito pouco de Antropologia Cultural, logo me senti com afinidade por causa da formação filosófica. Principalmente porque eu tive muito contato com professores alemães para os quais a antropologia é sinônimo de filosofia e não de Ciências Sociais. O professor Sílvio se interessou em me orientar porque eu morava em Blumenau e isso facilitava o estudo dos Xokleng. Então eu seria o ponto de contato. Facilitaria para ele e para a própria Universidade Federal ter alguém do Vale estudando a população Xokleng. Por isso a tese nessa linha de estudos indígenas. O trabalho dele já era anterior. Ele defendeu a tese de doutorado em 1972, e depois foi publicada

com o título de “Índios e Brancos no Sul do Brasil”. O professor Sílvio não é sociólogo e nem antropólogo, ele é formado em história, licenciado em História. Acabou fazendo doutorado em antropologia porque se interessou pela história dos índios e dos imigrantes. Foi para São Paulo fazer o doutorado. É um historiador que veio para a antropologia. Mas ele começou a estudar os Xokleng em 62. Logo no início da Universidade Federal. A Universidade Federal foi fundada nessa época. A Universidade, se não me engano, começou em 1960 ou 59, com Juscelino Kubitschek.

Como é e era a FURB quando o senhor chegou?

Quando eu comecei, a Universidade era o bloco “Z”, que era bem novinho, o “A”, o “B”, o “C”, o “D”... e o “F”. Não existia o bloco “G”. Ali na frente, onde é o DCE, havia um prédio velho, tinha um restaurante embaixo, em cima era um pardieiro. Onde hoje é o serviço judiciário, onde hoje é o SEBRAE, ali era um posto de gasolina. Aquela casa que tem atrás do DCE era de uma família, tinha a cerca, tinha uma estradinha, entrava carro. A Antônio da Veiga não existia, o que existia era uma estrada estreitinha que ia até a Vila Nova. E foi com a Universidade, então, que se fez essa avenida grande. Essa região era ainda altamente desabitada, tinha pasto, gado, tudo. O prefeito Zadrozny fez então a rua Antônio da Veiga, que era o irmão do Martinho Cardoso da Veiga, contador da fábrica “Chapéus Nelson” e depois da Maju. Mas isso tudo era um capoeirão. Tinha árvores bonitas! Tinha também um ribeirão que passava pela Cremer, que jogava seus dejetos ali. Por isso a FURB teve que canalizar uma parte do ribeirão. Mas era um brejão, e a FURB foi brigando e foi ocupando isso, porque esses terrenos não eram nossos.

E os professores dessa época?

Todos me conheciam e eu conhecia todos. O nosso grupo

docente era bem pequeno. O interessante é que tinha a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras que servia a todos os outros centros, nós atuávamos como a base de tudo. Quando eu entrei, a FURB tinha 9 anos, e a Faculdade de Filosofia dava unidade para o complexo de Faculdades, porque tanto a Faculdade de Direito, quanto a de Engenharia, a de Ciências Econômicas e depois a de Educação Física, serviam-se dos professores de base, todos dentro da Faculdade de Filosofia. O segundo reitor já era da Faculdade de Filosofia. O 2º, 3º e 4º: o Professor Padre Orlando Maria Murphy, o Professor Ignácio Ricken, o Professor José Tafner. Então ela comandou durante 12 anos. Só depois é que entrou o Dr. Arlindo Bernart, do Direito, entrou novamente o José Tafner, e depois o Professor Celso Mário Zipf e o Professor Mércio Jacobsen que são das Ciências Sociais Aplicadas. O prefeito Lazinho escolheu o Padre Orlando, porque a FURB estava rachada entre o Milton Pompeu da Costa Ribeiro, que era das Ciências Econômicas, e o Dr. José Fernandes da Câmara Canto Rufino, que era da Justiça do Trabalho e que comandava o Direito. Os dois simplesmente entraram em choque direto, e nenhum aceitava o outro como reitor. Quer dizer, se um dos dois fosse nomeado reitor, a FURB deixaria de existir já no seu nascimento. A Faculdade de Direito se separaria ou a Faculdade de Ciências Econômicas se separaria. Então o Lazinho, muito inteligentemente, nomeou o Padre Orlando, que era da Faculdade de Filosofia, e ele conseguiu desarmar os ânimos e a partir daí a FURB realmente se solidificou como uma unidade. A Faculdade de Filosofia, tanto em termos de atendimento acadêmico, quanto em termos de conciliadora política, foi o cimento que possibilitou a existência da FURB como uma unidade. Eram 5 faculdades, facilmente elas podiam se separar, cada unidade era praticamente independente. O que as fez dependentes umas das outras foi exatamente porque elas não tinham o básico. Toda a sociologia, português, línguas, as matemáticas básicas, tudo isso estava na

faculdade de Filosofia. Ela teve desde o início essa vocação de centro de ciências básicas. Tanto que depois, com o processo de universidade, em 1986, dessa faculdade saiu o Centro de Ciências Exatas e Naturais, saiu o Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes e o Centro de Educação. Três centros saíram dessa faculdade. Três centros! Mas quando eu entrei aqui a faculdade tinha um pouquinho mais de 100 professores, era um corpo docente ainda bastante restrito e o número de alunos também era muito restrito.

E esse modelo de se buscar uma base nas filosofias, é um modelo europeu?

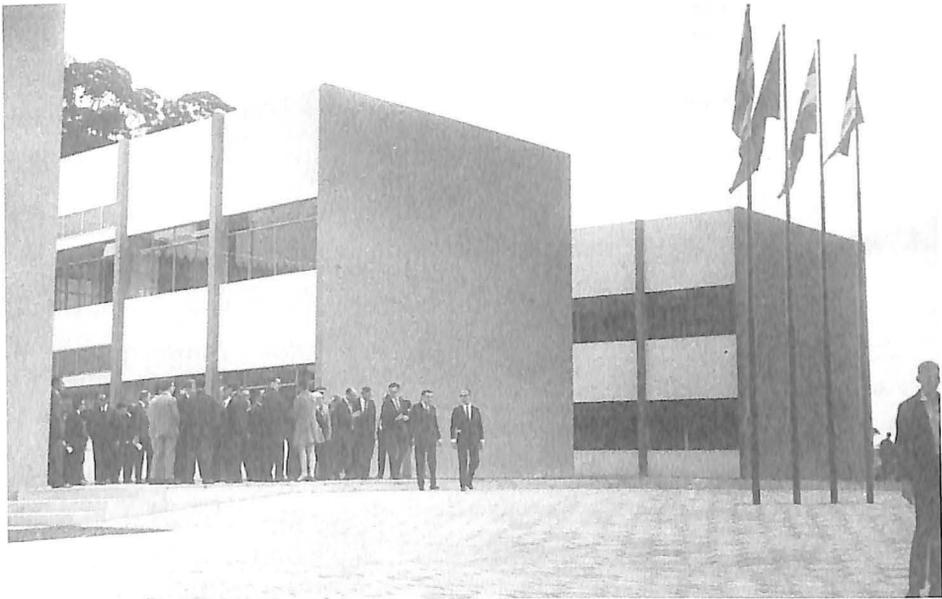
Bem europeu! A Universidade Regional de Blumenau nasceu extremamente conservadora em termos de estrutura universitária. Era uma estrutura, toda ela, em cima das faculdades. Faculdades que tendiam naturalmente a se tornar institutos ou terem institutos como seus braços na área de prestação de serviços e de pesquisa, tanto que em 68 já surge o primeiro instituto: Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano, ao qual pertencia o Prof^o Diderot Carli e o Prof^o Victor Fernando Sasse, o IPLAN. Ele foi criado exatamente para dar apoio ao desenvolvimento econômico regional, para planejar não só o município de Blumenau, mas todos os municípios do Vale do Itajaí. Logo o Padre Orlando montou duas extensões: uma em Rio do Sul e outra em Brusque. Estas eram extensões universitárias que depois se transformaram em fundações próprias. Isso explica em parte aquilo que eu chamo de um constante sentimento de desajuste institucional. Ou seja, a gente sempre tem a impressão de que esses centros estão artificialmente montados, e a gente sempre tem a tentação de rearrumar, reagrupar. É porque esses centros foram enfiados goela abaixo da nossa comunidade acadêmica pelo Ministério da Educação. Para que fôssemos reconhecidos como universidade, tivemos

que nos adequar inteiramente à lei 5540, que estruturava em centros e em departamentos, jamais em faculdades. É claro que das grandes universidades brasileiras, nenhuma aceitou esse modelo, todas continuaram com suas velhas faculdades, e até hoje funcionam dessa forma. E nesse sentido a única universidade que seguiu a lei 5540, e tem uma estrutura realmente de universidade americana, fundada em cima de departamentos, é a UNICAMP, que surgiu em 69, 70. E ela nasceu em cima da Faculdade de Medicina, que é um outro tipo de estrutura. Mas nós tivemos que engolir uma estrutura de centros.

Para não perdermos essa questão dos centros, eles também tinham muito essa coisa de centralizar as atividades, o que estava relacionado com o momento histórico que estava se vivendo: a ditadura que também centralizava, que não aceitava o poder diluído.

As faculdades descentralizavam, e o órgão máximo da faculdade era a Assembléia dos Professores. O diretor da faculdade era controlado. O seu poder emanava da Assembléia da faculdade, que a gente chamava de congregação. Então a congregação era o órgão máximo de decisão. A congregação era o que hoje seria o Conselho Universitário em nível de universidade. Mas cada faculdade era a totalidade de seu corpo docente. Então havia uma participação mais intensa de todos os professores no processo administrativo, porque a faculdade era menor do que uma universidade, e aí era representativa, era assembleísta. Não tinha representantes de professores, todos os professores eram membros da congregação.

E já se cogitava desde o princípio a criação da Faculdade de Medicina?



Solenidade de inauguração dos blocos da universidade.

A Faculdade de Medicina foi imaginada junto com a Faculdade de Direito e a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. As 3 eram para ser implantadas em 68, mas o Ministério da Educação cortou a Faculdade de Medicina, não aceitou, não autorizou a implantação. Só autorizou a implantação de Direito e Filosofia. Segundo o Ministério, não tínhamos o mínimo de estrutura acadêmica em termos de doutores e mestres para sustentar um curso de Medicina. Quer dizer, não é que não tínhamos, tínhamos bons médicos, eu creio que em certos aspectos nós tínhamos pessoas idealistas tanto quanto hoje, e bons professores, mas o problema é que não se concebia no MEC, e muito menos em Florianópolis, um curso de Medicina no interior. O de Florianópolis era recém implantado. O veto à Faculdade de Medicina foi política, porque a prefeitura deu todas as condições. O parecer do MEC não foi verdadeiro, a prefeitura doou o hospital para a universidade. O Hospital Santo Antônio pertenceu durante 3 anos à Fundação Universidade de Blumenau

Já se sonhava com uma universidade mesmo, não só com uma fundação?

Interessante, a FURB tem 2 origens, e isso também é uma característica só nossa que muita gente esquece de acentuar. Um dos pilares da FURB é a Faculdade de Ciências Econômicas, que é uma coisa, ela tem tradição própria. Outra coisa é a FUB, ou seja, aquela fundação feita pelo Zadrozny, que envolve a criação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, a Faculdade Ciências Jurídicas e a Faculdade de Medicina, que foi abortada, mas era para ter nascido junto. Por isso também que o Centro de Ciências Sociais Aplicadas é uma espécie de “planeta vagabundo”, planeta no sentido grego “planetes”, um vagabundo dentro da universidade, ou seja, ele gira um pouco fora, excentricamente. Porque ele, em si, na verdade, é uma outra coisa. Foi uma escola fundada pelo Dr. Martinho em 1964, que depois foi puxada para dentro da outra, já que não tinha sentido ficar sozinha. Mas só em 68 se pensou em universidade. Por isso, na FURB, há certas idiossincrasias, e por isso também sempre esse eterno mal-estar, essa tentativa de arrumar os centros porque nós não nascemos centros, nós nascemos como 5 faculdades. Isso deveria ser repensado em termos de história, porque assim fica mais fácil você compreender esse desenvolvimento, essas oscilações e essas eternas tentativas de rearrumar os centros. Veja bem, o Centro de Ciências Humanas nunca mais se rearrumou depois que foi desmanchada a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, porque era uma faculdade e ao mesmo tempo um grande centro. Ela tinha os departamentos básicos, os 5 departamentos básicos da universidade estavam ali.

Como eram as aulas, quanto à metodologia, à pedagogia utilizada, ao cotidiano da sala de aula, quando o senhor começou a lecionar na FURB?

Eu sempre digo que a FURB é uma filial da igreja. A maioria dos professores era ex-seminarista, ex-padre. O Padre Orlando era padre, o Ignácio Ricken foi seminarista, o José Taffner foi quase padre, o professor Almerindo Brancher foi quase padre, eu fui quase padre. Estou falando dos que foram diretores de faculdades. A filosofia, esse centrão, tinha uma fortíssima influência de ex-seminaristas. Então qual era a pedagogia dominante? Era a pedagogia aplicada nas igrejas, nos seminários. Sempre aquele sentido de disciplina, o sentido do mestre que fala e não dos alunos que participam, uma pedagogia bem tradicional, da cátedra. Já o direito por si mesmo sempre foi catedrático, os mestres e doutores do direito sempre pregaram e não ensinaram. E dentro da filosofia o elemento renovador vinha das Ciências, que tinham mais pessoal não ligado à igreja. E depois as engenharias; as engenharias vão formar uma coisa inteiramente à parte, porque eram professores engenheiros, gente que não tinha origem na igreja, mas uma origem completamente diferente. Eram de centros e universidades tecnológicas.



Instalações da universidade - década dos anos 70.

É interessante observar que os primeiros professores estudaram em estabelecimentos católicos.

Sim, todos. Inclusive o professor Milton e o professor Martinho. E aqui de Blumenau todos tinham passado pelo Santo Antônio. Sempre digo, o Frei Odorico sempre teve uma forte influência aqui. Então as aulas eram realmente tradicionais, aulas do tipo que eu chamo magistrais. Chamo de aulas ou pedagogia magistral aquela em que o mestre fala e os alunos escutam. Isso começou a mudar com a professora Hella Altenburg. Quando ela entrou na universidade, entrou para trazer o quê? Para trazer a experiência dela de mais de 20 anos de ensino de primeiro grau, e depois junto vem a Gertrudes Knih de Medeiros, mas principalmente a professora Hella; ela introduziu a preocupação com a didática. Ela foi a primeira professora que se preocupou realmente com a didática. E ela não só se preocupou com as aulas dela, mas procurou influenciar as outras pessoas para trabalharem também didaticamente, com novas metodologias. E como ela e a Gertrudes fizeram o mestrado na Federal do Rio Grande do Sul, elas trouxeram as preocupações pedagógicas da Dra. Juraci, skinneriana, mas era uma pedagogia que procurava trabalhar o aluno de uma forma muito mais dinâmica que a aula magisterial, sem dúvida! A professora Juraci fez escola no Rio Grande do Sul. A maioria das faculdades de educação tinham aquela característica. Mas a professora Hella foi um marco importante dentro da universidade. Foi ela que introduziu essa preocupação com a didática. Senão aquilo era aula magisterial, o professor chegava na sala de aula e lançava o verbo! Eu mesmo era um característico “magister”, falava como um condenado! Esbravejava e falava a aula inteira. Claro, a gente tinha muita facilidade em falar, muito treinamento, muita leitura. Mas não era uma aula no sentido participativo, era e continuava sendo o modelo magisterial, magistral. Algumas salas tinham um estrado um pouco mais alto na frente, que depois desapareceu. Os primeiros professores da FURB

caracterizavam-se por um estilo personalista que, aliás, sempre fundamentou não só a escola superior brasileira, mas a escola latina de um modo geral. Cada professor é um professor. Isso é característica do Renascimento italiano que ficou marcado profundamente em nós, de que cada pessoa é um indivíduo irreduzível. A tanto que em Florença não existiam duas pessoas que se vestissem iguais. Se você quisesse ter a morte da moda, era em Florença no Renascimento; cada pessoa se vestia do seu jeito, fazia a roupa para o seu gosto, da sua maneira, com as cores que gostava. Assim também cada professor era um professor, uma sabedoria, um universo ele sozinho. Ele não se referia a nada e a ninguém, a não ser a si mesmo como fonte do saber. Havia um forte personalismo, uma forte marca de individualidade nos primeiros professores. Então o professor Milton era o professor Milton, o professor Orlando era o professor Orlando, o professor Rufino era o professor Rufino. As características pessoais se colavam às suas características de professor, às suas idiossincrasias pessoais, e isso criava um folclore. A universidade era cheia de estrelas, cada um com a sua grandeza própria. Mas isso não é da FURB, isso é brasileiro. A FURB obedeceu a esse padrão no começo. Principalmente porque o modelo europeu era a aula magisterial. Na Europa até hoje o professor entra e tem lá 300, 500 alunos, um enorme auditório. Ele dá a aula magisterial, mas tem uma porção de monitores que depois vão cobrar, vão fazer as provas, vão cobrar as leituras. E esse modelo de pequenos grupos trabalhando intensamente junto com o professor, isso é modelo americano. Na *Caltec*, na *Californi An Technological University*, o professor diz: “esse mês nós vamos estudar as epífitas”, e pegam o avião e vão para a África estudar as epífitas, e ficam lá 2 ou 3 meses na África, aquele grupinho de 5 alunos com o professor estudando no campo, descobrindo, fazendo tratados. Quer dizer, esse modelo americano da busca intensiva do conhecimento, isso nunca pegou no Brasil, a não ser nesses centros de excelência, como é o caso da Unicamp. Claro, nós também não temos dinheiro para esse tipo de escola.

Mas claro, também lá está cheio de universidade que é porcaria. Os pobres têm as mesmas porcarias que têm aqui. E são poucas essas escolas de elite, Harvard, Yale, Stanford, Caltec, M.I.T., o primeiro time das universidades americanas não é tão grande assim. Tem universidades lá que você pode comprar o título de doutor em 6 meses, pagando tu entras. Tu fazes os créditos e a tese em 6 meses, tudo junto, e sai como doutor!

Como eram os alunos naquele tempo?

Os alunos eram de um tipo que hoje está desaparecendo. Naquele tempo 90% deles eram pessoas que já eram profissionais, já trabalhavam há tempo, muitos deles nas suas empresas, e vinham obter um título, por um lado, e obter um pouco mais de metodologia dentro do seu “metier”. Então eram alunos como, por exemplo, o Marcos Büchler, falecido, o Vilmar Schürmann, o Salles, Ingo Greuel. Pessoas que ainda estavam em plena força de suas atividades empresariais, muitos deles abriram suas empresas depois que começaram aqui no curso. Então era um pessoal que vinha aqui com este objetivo, eles não incomodavam. Era o tipo do aluno bonzinho para a aula magisterial, porque ele não incomodava, ele estava aqui, fazia as suas anotações, queria saber as datas das provas, estudava aquilo que era para prova, estava interessado em passar. Não era o aluno clássico de universidade. Ou seja, aquele sujeito que sai do segundo grau, está descobrindo o mundo, está descobrindo uma série de coisas, está descobrindo a si mesmo. Não! Quer dizer, nós não temos um noviço. Nós temos uma pessoa que vem aqui para uma atividade específica, extremamente racionalizada, com um objetivo muito bem precisado, o mais rápido possível passar por aqui e não voltar. “A Universidade é um mal necessário”. Quer dizer, ele tem que passar. A vida acadêmica não era compreendida, tanto que professores em tempo integral eram pouquíssimos. Eram poucos os professores que se dedicavam à Universidade. A maioria deles estava em

suas empresas. Eles vinham como os alunos, de noite, para a aula. Os cursos diurnos também eram poucos e estavam na área da Faculdade de Filosofia e na de Engenharia e, depois, na Faculdade de Educação Física. Ciências Econômicas e Direito eram exclusivamente noturnos. Na área da Filosofia havia alguns cursos noturnos também, mas era mais na área pedagógica, Pedagogia e Letras. Mas o curso de História Natural agrupava alunos recém egressos do 2º grau que entravam na Universidade para depois seguir uma carreira acadêmica, queriam ser professores na área acadêmica. Eles, por exemplo, acham que voltar para Universidade é uma boa. Não sair da Universidade é melhor ainda. Hoje a Universidade está cheia durante o dia também. Principalmente por causa desses cursos mais intensivos, Medicina, Psicologia. Então há uma mudança, sim. Uma mudança muito grande. Hoje em dia nós temos ainda, à noite, esse tipo de aluno, mas está ficando cada vez mais raro, não é tão comum. E principalmente à noite, você tem muitos jovens nos cursos. Mesmo nos cursos noturnos você tem muita gente nova também, saindo do colegial. E esse cara é diferente daquele lá da década de 70, a maioria tinha mais de 30 anos, ou pelo menos mais de 25. Até porque, quando surge em Blumenau um curso superior, quem vai freqüentá-lo é exatamente aquela demanda reprimida daqueles que tinham vontade de ter um curso superior mas que não tinham condições de sair. Então nós temos também professores que apresentam o mesmo perfil, como por exemplo o professor Celso Zipf, que era do Banco do Brasil e foi nosso aluno. Félix Christiano Theiss, que foi prefeito em 74, o Schürmann que aqui dentro criou a Ceval. O Salles e o Greuel que fundaram o Cetil. Hoje a FURB já é bem mais Universidade no sentido clássico, ou seja, de jovens.

Os alunos não questionavam a didática?

Não. Eles xingavam com os professores ruins, claro, evidentemente eles não eram tão estúpidos assim, mas também eram mais

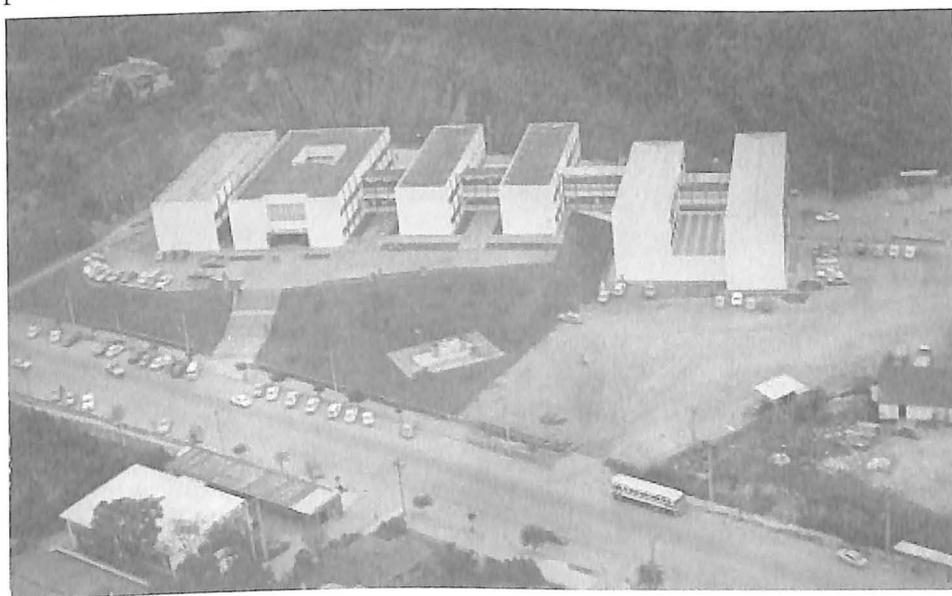
conformados. Hoje, não! Hoje nós temos um aluno que quer se relacionar com o professor. E se o professor rejeita isso, se nega isso, aí começa o choque. A tanto que, por incrível que pareça, nós tínhamos que organizar a representação estudantil, nós professores, o Mário, eu, nós organizávamos o Diretório Central. O primeiro presidente do Diretório Central dos Estudantes foi o Roberto Diniz Saut. Mas nós o ajudamos, os professores tinham que fazer! Porque os alunos não queriam nem saber disso aí. A eleição era obrigatória porque senão ninguém vinha votar. Evidente que o regime militar tinha muita coisa a ver com isso. Era tão fácil, o reitor falava e ninguém estava aí. Só no começo de 80 começaram os primeiros movimentos mais inconformados. Claro, neste ponto a FURB repete, pontualmente, o período da história brasileira. Mas a idéia de DCE na época era, antes de tudo, de uma instituição dentro da Universidade, para apoiar a Universidade. Era uma outra visão de DCE, não era uma visão reivindicatória.

Mais representativa de uma classe, categoria...

Não, era uma instituição dentro da outra com uma função de eleger os representantes dos alunos para cumprir a lei. Claro, também não existia a idéia de que o estudante vai se tornar militante partidário. Era resquício da ditadura, não se concebia isso, era heresia, uma subversão, um estudante ser militante de um partido. Militante do PC do B, militante do PT, isso era uma heresia, o aluno tem que estudar, está aqui dentro para estudar, não para fazer política. O Cláudio Roberto Silva é o primeiro desses estudantes militantes que assume o DCE. Portanto assume o DCE com uma função política, não com uma função burocrática. Para vocês terem uma idéia, o padre Orlando era visto como um “comunista safado”, ferrenho, e muita gente se opôs ao Lazineiro por ele nomear um comunista como reitor da FURB!

Um padre comunista?

Um padre comunista! E o padre Orlando deve estar se revirando no túmulo cada vez que eu falo isso, em ser ele comunista! (*Risos*) Porque ele era um homem crítico! Ele era um homem da filosofia, tinha vivido oito anos na Europa, quer dizer, era um homem extremamente culto, sabia o que falava. Mas ele chegou a ser chamado no quartel para prestar esclarecimentos.



Complexo educacional da Universidade Regional de Blumenau - década de 80.

E os funcionários, os “operários” da universidade?

O primeiro funcionário registrado foi o Mário Wisintainer, que depois se transformou em professor. Isso foi muito bom, porque todos os funcionários que ascendiam dentro da universidade acabavam sendo professores. Quer dizer, mesmo que começassem como funcionários, muitos deles acabavam dando aulas. Há exemplos interessantes assim. Por exemplo, nós tínhamos uma funcionária, Dona Lídia de Oliveira, que

começou como servente de serviços gerais. Aí ela resolveu terminar o supletivo, fez o vestibular, foi para a biblioteca, fez o curso de Letras, e passou a bibliotecária. Ela começou lá como servente! Mas de modo geral o funcionário ou emigrava para a docência, ou ele é sempre funcionário, quer dizer, é sempre um auxiliar, portanto, alguém que está num “patamar inferior”, num *status* inferior dentro da universidade. É interessante, por exemplo, nós não temos uma carreira verdadeira de funcionários, de servidores que, por exemplo, termine no doutorado, o que nas grandes universidades é normal. Um administrador de universidade é um doutor! Como é que o cara vai administrar uma universidade se não é doutor? Doutor em finanças, doutor em administração, existe toda uma carreira que prestigia o de nível mais alto possível. Aqui não! Aqui acha-se que funcionário vai só até segundo grau. Não existe a carreira, não precisa mais do que isso. Quer dizer, há um desestímulo ao funcionário graduado. É toda uma mentalidade que eu chamo de “escolão de terceiro grau”. E não se percebe que com isso colocamos a universidade em risco. Porque hoje, dentro dessa concorrência toda, chega-se à conclusão de que as melhores e mais adequadas informações não estão dentro da universidade, mas estão fora! De repente você esvazia a universidade porque você vai só trazer para dentro da universidade essa informação que gira no mundo inteiro através de grandes profissionais, ou seja, doutores e pós-doutores, e pós, pós, pós, pós. Ou seja, há uma quantidade imensa de informações realmente significativas fora da universidade, então você tem que trazer para dentro, ela tem a função dentro da sociedade de manter o conhecimento de ponta, ela precisa trazer isso para dentro, e não é tendo um reitor com primeiro grau incompleto que ela vai fazer isso!

Como é que ele vai dar conta de algumas coisas? Como é que ele vai ver algumas coisas? É difícil, mas o conhecimento ajuda a ver também.

É principalmente essa visão que eu critico do funcionário. Por exemplo, esses dias chegou um folheto da Associação Brasileira de Relações Públicas oferecendo um curso de cerimonial universitário em 3 dias. O nosso mestre de cerimônias tem que fazer esse curso! Nós temos que ser profissionais no que fazemos. Eu tenho a minha qualificação, eu não vou ser mestre de cerimônias, mas ele é mestre de cerimônias! Então vai fazer o curso. Ele deveria fazer cursos dentro do Itamarati, porque nós temos que nos tornar melhores naquilo que nós fazemos dentro da universidade, os melhores! Não pode haver um mestre de cerimônias aqui na comunidade melhor do que aqui dentro da FURB. É preciso adotar uma política de dotar a Universidade de suporte realmente funcional, realmente de gabarito. O que acontece hoje? Quem administra a universidade são os professores, mas não deveria ser assim. O Reitor tudo bem, o reitor, os diretores, que são funções realmente acadêmicas, mas todo o funcionamento da Universidade, tudo aqui desde as finanças, a prefeitura do campus, a Biblioteca não deve ser exercido por professores.

Como é que começa essa preocupação da FURB em especializar os seus professores?

Em parte é pressão externa. Isso se dá quando o MEC começa a fazer exigências: “para nós autorizarmos vocês a ser universidade vai ter que ter tantos por cento disso”. E a pressão tem que ser contínua. Hoje, claro, hoje não! Hoje já há uma preocupação interna. Hoje já há uma pressão interna, dentro dos departamentos, no sentido da qualificação. A pressão primeiro vem de fora, veio do próprio Ministério, mas agora já é endógena. O processo já está se tornando uma necessidade. Se nós tivéssemos recursos adequados, a metade do pessoal teria feito o mestrado, o próprio professor quer fazer o mestrado. Hoje o conhecimento está muito mais imiscuído com a vida concreta das pessoas. Hoje conhecer é antes de tudo agir, intervir, conhecimento é intervenção.

Quando o senhor veio para Blumenau, o senhor era solteiro?

Sim, eu me casei aqui. Minha mulher tinha 26 e eu 29anos. Nós já éramos candidatos a titulos. Casei-me aqui; minha esposa também é daqui, também é do Vale. Nasceu em Rio do Sul como eu, mas os pais são de Gaspar também. O pai é de Gaspar, a mãe é de Blumenau.

O senhor falou que em 75 foi o criado o curso de Educação Física. Qual o critério que se adotou na época para se fazer essa escolha dos cursos?

Esse foi típico, porque Blumenau era a eterna campeã dos Jogos Abertos! Eles queriam manter essa hegemonia. E a forma de manter essa hegemonia nos Jogos Abertos era exatamente criar o curso de Educação Física aqui. Isso foi tudo idéia do Lorival Beckhauser. O curso de Educação Física foi feito à imagem e semelhança de seu deus criador, o Lorival Beckhauser. Ele ficou vinte anos como diretor. Ele fazia todas as manobras, ele mudava o estatuto a seu bel prazer para poder sempre se reeleger novamente. Isso é ruim, porque a Educação Física ficou restrita a um pequeno grupo. Um grupo que se encerrou em si mesmo e não se renovou. Eu sempre digo que o professor de Educação Física foi criado aqui dentro da Universidade como uma espécie de profissional paramilitar e não de paramédico. De paramilitar! É essa visão de ordem e disciplina. O corpo era visto como lugar de repressão, lugar de controle, lugar de rigidez. Hoje a Educação Física é exatamente para soltar. E hoje são essas profissões que estão em alta. Exatamente tudo na área da saúde preventiva, do lazer, do turismo, está dando profissão. As pessoas querem se soltar! Há os outros cursos, por exemplo, o de Ciências Econômicas. Embora grandes empresários estivessem contra, houve um pessoal que fez força para fundar a Faculdade de Ciências Econômicas, para realmente preparar o pessoal para as atividades industrial e comercial.

Quais foram os empresários que se colocaram contra?

Principalmente o Ingo Hering, que via com muita preocupação essa faculdade. Uma preocupação evidentemente paternalista, que o empresário era o pai dos empregados e que a relação que ele tinha que ter com os empregados era realmente de proteção, mas não de ascensão. Porque para o Ingo isso não tinha sentido, isso era desorganizar a sociedade. E logo depois ele se tornou um defensor da universidade. Ele mesmo passou a ajudar muito, a ajudar muito mesmo, a universidade! Ele dava: 250 salários por ano para professores poderem fazer especialização, para comprar equipamentos. Ele! Porque aquele dinheiro não saía da companhia, saía dele pessoalmente. 250 salários mínimos! Para aquela época era bastante!

E como surgiu a associação de amigos da FURB?

Essa foi uma idéia do professor Rivadávia Wollstein, dentro daquela perspectiva norte-americana que tem essa tradição do mecenato. Nós não temos essa tradição, mas os Estados Unidos têm! Porque nós temos a seguinte tradição: “o meu dinheiro é para os meus filhos”, e olhe lá! “Isso se eu não gastar tudo antes, mas se não, se sobrar, é dos meus filhos!” Não pode sair da família! Nos Estados Unidos é o contrário, o sujeito quer ser lembrado. O americano quer ser lembrado depois de morto. Nada melhor do que doar 1 milhão, 2 milhões, 50 milhões para uma universidade. Porque ele tem garantido, por muito tempo, que o nome dele vai estar em placas. Então é mecenato mesmo! E depois, como o governo americano come até 90% no imposto de herança, eles não são estimulados a passar para os filhos. Só quando a fortuna é muito grande, então eles criam as fundações. Mas as próprias fundações têm que distribuir a maior parte para as atividades fim, e não para a administração. Então foi essa idéia do mecenato que o professor Rivadávia quis colocar em prática. Só que a resposta envolveu poucas empresas. E com o tempo isso foi morrendo,

bateu à crise dos têxteis, enfim. E tem esse individualismo acirrado de nossas elites, só entre certas camadas populares existe muita solidariedade. Mas nas classes médias para cima é uma briga de foice total. Quer dizer, o individualismo, a concorrência, “eu sou o melhor”, “eu sou o bom”, o de passar por cima do outro. A coisa mais difícil aqui é formar uma equipe de trabalho. Um trabalha e todo mundo se encosta nele.



O senhor é conhecido na FURB como o guru, como o filósofo da Universidade. Já ouvimos muitas expressões tentando definir o professor Sálvio...

É como eu digo, se eu estivesse ficado na Artex eu seria um vendedor de toalhas. E era o que eu fazia. Eu fazia contratos de câmbio. Quer dizer, provavelmente, com o tempo, eu iria subir na carreira, e ia ficar como representante em Nova Iorque, mas vendendo toalhas.



Memória, tempo e imagem
nas correspondências de
IMIGRANTES ALEMÃES

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

MEMÓRIA, TEMPO E IMAGEM NAS CORRESPONDÊNCIAS DE IMIGRANTES ALEMÃES

Márcia Fagundes Barbosa¹

As cartas dos imigrantes alemães representavam, tanto para quem as escreve quanto para quem as lê, um momento de superação da distância. A memória nesse contexto exerce um trabalho fundamental de reconstituição de um tempo e de um espaço pelos quais os imaginários social e nacional estão estruturados. A experiência da desterritorialização, ao mesmo tempo em que promove um distanciamento do espaço, também investe na recuperação deste através da memória. O contato com novo, os confrontos culturais, acionam constantemente o mecanismo das lembranças, buscando sentido nas representações análogas às imagens presentes. No novo lugar, as práticas simbólicas que determinam a subjetividade e a identidade do imigrante são reconstruídas numa relação de tempos múltiplos, numa busca da organização espacial. Portanto, a prática da escrita parece revelar o próprio momento desse processo de organização do espaço (físico e subjetivo), o qual se manifesta enquanto uma presença ausente. Ou como afirma Michel de Certeau:

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo.²

Certeau evoca a idéia de um lugar impregnado de tempos diversos, de lembranças e esquecimentos, de “eus” e de outros, enfim de

¹ Mestre em Literatura pela UFSC. Doutoranda em Teoria Literária pela mesma universidade

² CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 9ª. edição. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994 p. 189.

corpos marcados por símbolos definidos nesses espaços. Artigo, portanto, as memórias dos imigrantes, através das correspondências, enquanto construções sociais de um espaço antagônico, o qual comporta diferentes tempos e espaços. O ato da escrita como uma tentativa de supressão contingente do espaço, mas também da organização deste por meio das lembranças, das imagens selecionadas pela memória.

Segundo a complexa teoria de Henri Bergson³, a memória é o evento principal dos estados psicológicos do fenômeno cerebral. Está sempre em movimento, pois não cessa de crescer, recobrando constantemente a experiência presente. As experiências adquiridas são ativadas a todo o momento para enriquecer as percepções imediatas, sobre as quais se desenvolve a percepção do mundo exterior. Portanto, as novas percepções são sempre resultados da operação entre as experiências passadas e a ações presentes.

A memória como um evento que acumula e atualiza impressões passadas constrói a identidade de um indivíduo, de um grupo e pode ser pensada como um conjunto de forças direcionadas para a manutenção de uma unidade grupal, dessa identidade. O cotidiano inventado nesses novos lugares, as representações *do lugar onde estou*, fragilizam-se enquanto escritura, pois é “impossível a adequação entre a presença e o sinal”⁴, mas ao mesmo tempo, no contexto da reterritorialização, consolida-se enquanto reconstrução do simbólico.

Portanto, o objetivo desse trabalho é refletir sobre as relações entre a dinâmica de um grupo social, marcado pelo seu local social, e seus modos de recordar e organizar as imagens que constituem suas identidades. Para isso, utilizo-me de três cartas de imigrantes alemães com a intenção de confirmar os movimentos de representações coletivas de tempos e espaços sobrepostos.

³ BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

⁴ CERTEAU, *op. cit.* p. 299.

A carta de Franz Sallentien, redigida em março de 1855, mostra um momento em que o autor, através do relato de fatos recentes, reconstitui um passado impregnado por práticas sociais, marcadas pela moral e pela religião.

Há quase cinco anos foi a primeira vez que recebi a Santa Ceia sem vocês. Como queria ter tido vocês comigo nestes dias, e quanto pensei em vocês. Tive a sensação de que estavam aqui; muito me lembrei dos nossos pais, achando que o espírito deles olharia bondosamente por mim, dando a bênção para minha vida futura. Oh, como me senti divinamente feliz enquanto rezei fervorosamente pela memória de meus pais, prometendo guardar e seguir sempre o exemplo deles.⁵

O autor aqui se remete o tempo todo à suas experiências passadas, as quais dão significado às ações do presente. O passado manifesta-se enquanto representação do individual e do social através da reinvenção do cotidiano em um novo lugar. As estruturas sociais reorganizadas recuperam o “eu” e a história de vida deslocada territorialmente. Percebemos que o próprio vocabulário (“pensei”, “lembrei”, “sensação”, “memória”, “vida futura”) está inscrito nesse movimento entre tempos e espaços sobrepostos. O presente aqui só tem sentido enquanto recuperação do passado.

A carta de Tereza Stutzer, datada em maio de 1886, revela o espaço dentro do próprio convívio familiar e social, e no momento da escritura um espaço marcado pela individualidade:

Hoje tenho um domingo tranqüilo. Meu marido e as crianças, menos Eva, já saíram às cinco da manhã para assistirem ao culto na igreja de Pomerode e lá devem chegar às dez horas (...) Estou me sentindo muito só. Eva foi com as duas empregadas fazer uma visita à Sra. F. e assim estou sozinha, aproveito para conversar contigo.⁶

No momento da escrita rompe-se a unidade do núcleo familiar

⁵ SALLENTIEN, Franz. Carta aos irmãos. Itajaí 24 de março de 1855. Trad. Alda Niemeyer. In: Blumenau em cadernos – Tomo XXXVIII – N. 04 – Abril 1997. p. 47

⁶ STUTZER, Teresa. Cartas de famílias (07/05/1886). Trad. Annemarie F. Schünke. In: *Blumenau em Cadernos* - Tomo XXXIX, n. 7 - jul. 1998 p. 13

e o individual sobrepõem-se, para voltar a se afirmar nesse contexto social. O retirar-se para escrever, é estar só e conter o fluxo dos pensamentos, das *imagens que tecem uma experiência para então organizar (reinventar) o cotidiano através da escrita, num movimento de seleção de imagens, num* lembrar e esquecer.

As práticas cotidianas, reveladas por Teresa nessa carta, inscrevem-se como projeções simbólicas de um tempo e espaço deslocados e que buscam na memória uma continuidade para o sentido imediato do seu mundo.

Elas (as filhas) voltaram entusiasmadas dizendo que foi emocionante ver centenas de pessoas, alemães e seus descendentes, irem à igreja. As pomeranas idosas em seus trajes típicos, as jovens em vestidos de cor clara e branca usando lenços coloridos na cabeça. É a Alemanha no Brasil. Que seja hoje um dia tão feliz quanto aquele.⁷

As imagens descritas por Teresa revelam as escolhas inconscientes da memória, que em contato com o tempo presente, marcado nesse contexto pelo estranho, pelo o outro lugar, compõem o cenário da continuidade daquilo que só existe enquanto lembrança. A imagem da Alemanha como o lugar onde se encontra a “felicidade”, sua idealização, sobrepõe-se à experiência negativa do mesmo espaço, motivo pelo qual ocorreu a imigração. Observa-se nessa passagem a transformação de um lugar através da composição de imagens que estruturam o imaginário social e nacional de uma comunidade. Imagens que desejam recuperar sensações de um outro tempo e espaço, imagens que produzem sentido.

Na próxima passagem que destaco na mesma carta de Teresa, podemos observar que o contato com o outro transporta o olhar ou o movimento da memória para outros tempos e espaços. Imagens que transitam entre o individual e o coletivo, seguindo as forças generalizantes que afirmam identidades, que produzem sentidos.

Como podemos nos esquecer tão facilmente que estamos

⁷ STUTZER, *op. cit.* p. 13

numa terra virgem. Trouxemos conosco nossos hábitos, mas não lembramos que estes são frutos de uma cultura secular e por isso fazem parte do nosso cotidiano. (...) Quando nos lembramos disto, nos admiramos com tudo que aqui se realizou. (...) Minha compreensão se tornou maior em relação ao que antes achava natural. Uma aura envolve os monges, estes pioneiros que levaram a cultura e a civilização às florestas da Alemanha. Por quantas privações estes heróis tiveram de passar.⁸

Aqui percebemos um claro movimento da memória que acionada pelo presente, busca nas imagens construídas através das gerações, na memória coletiva, a recomposição de uma “pretensa” totalidade cultural. Teresa, portanto, compara as dificuldades vividas pelos colonos alemães no novo espaço às experiências de seus ancestrais. As imagens que representam seu lugar de origem, o lugar nacional, acionadas pela memória passam a significar um novo espaço. O lugar nacional aqui é o elemento de ligação entre Teresa e seu leitor. Como afirma Maurice Halbwachs, há uma relação de reciprocidade entre o grupo e o espaço, onde cada qual deixa sua marca.⁹

Na passagem seguinte, em uma outra carta de Teresa, datada em março de 1886, a escrita revela-se enquanto um momento de organização dos sentimentos presentes que afloram nesse novo espaço à luz das experiências passadas.

Oh, querida Josepha, como seria bom se não fosse a saudade. (...) Tenho marido e filhos a minha volta e deveria estar satisfeita. Com certeza também estaria se meu marido não precisasse enfrentar tantas preocupações. Certamente iria julgar e enfrentar muitas coisas de outra maneira, se as intenções e planos do meu marido tivessem se concretizado, e teria esperança em voltar para casa e ser feliz com vocês.¹⁰

⁸ STUTZER, *op. cit.* p. 17

⁹ HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. Trad. Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vertice, 1990. p. 133

¹⁰ STUTZER, Teresa. Cartas de famílias (12/03/1886). Trad. Annemarie F. Schünke. In: *Blumenau em Cadernos* - Tomo XXXIX, n. 6 - junho 1998. p. 13.

O passado, no momento em que Teresa escreve, é um elemento de perturbação, que está sempre presente nas relações com o novo espaço. As lembranças do lugar de origem, concretizadas na imagem da casa que se revela enquanto abrigo e proteção, um lugar habitado pelas imagens de um passado imaginado que se quer alcançar. A casa natal como o lugar da felicidade acolhe em seu interior um tempo e um espaço fixos, onde estão as lembranças da imaginação. Um lugar que provoca bem-estar, pois já está habitado. A casa mencionada por Teresa é aquela onde o real e o sonho, enquanto unidade, possibilitam o futuro.

Assim, podemos pensar que os imigrantes alemães que se estabeleceram no Vale do Itajaí em meados do século XIX articulam seu imaginário coletivo, o qual define sua identidade nacional, com um novo tempo e um novo espaço. As relações entre os espaços (de origem e de imigração) e entre os tempos (passado e presente) produzem um futuro reformulado. Célia Toledo Lucena trabalha muito bem essas relações quando trata de um grupo de imigrantes mineiros em São Paulo:

Os diferentes tempos e espaços não são vistos separadamente na lembrança dos migrantes, pois tempo e espaço se confundem nas imagens lembradas. O tempo é memória, o tempo é diferencial, o tempo são os momentos, o tempo é situar-se no passado. O espaço é unificante, o espaço é o situar-se no contexto.¹¹

No evento migratório, é no espaço que ocorrem as relações definitivas entre o vivido e o imaginado, entre os diferentes tempos da experiência. O espaço aqui se define enquanto construção da subjetividade, a qual se reconstrói constantemente nos espaços vividos através da imaginação e do pensamento. Para pensar nas imagens que esses espaços produzem, são importantes as reflexões de Gaston Bachelard em *A poética do espaço*.¹² O autor

¹¹ LUCENA, Célia Toledo. Construindo a memória: um olhar sobre o passado. In: *Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de imigrantes*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999. p. 80.

¹² BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

trabalha com as imagens que determinam o valor humano dos espaços de posse, dos espaços percebidos pela imaginação. Para o autor, imagem e lembrança são similares, pois a atividade viva da imaginação (faculdade de produzir imagens) “desprende-nos ao mesmo tempo do passado e da realidade. Abre-se para o futuro”.¹³ E é esse futuro imaginado o que orienta e conduz o movimento migratório alemão para o sul do Brasil. Um futuro impregnado pelas imagens vividas (lembranças) transformadas.

As imagens que tomam conta desse espaço subjetivo e também físico são construídas pelas lembranças pessoais do espaço de origem, mas também reforçadas e unificadas pelas tecnologias de comunicação, na época representadas pelos relatos de viajantes, manuais e guias de viagem, cartas e publicações. A imprensa possibilita, dessa forma, a comunicação em massa e a consciência do extenso e diversificado campo lingüístico existente, o que Benedict Anderson classifica como “o embrião da comunidade nacionalmente imaginada”¹⁴. Partindo dessas considerações, o nacionalismo e seus produtos culturais comungam através da língua, apesar de Anderson afirmar que a língua não é o símbolo de uma nação, mas o modo pela qual ela é imaginada. Por isso, a identidade cultural está estabelecida por laços imaginários de uma ordem lingüística.

Esses relatos, portanto, exteriorizam as relações entre o tempo, o espaço e a memória, estando estas imbricadas em relações culturais mais abrangentes. São narrativas realizadas pela observação e pela convivência com o outro, permitindo a análise sobre a construção de um imaginário social e nacional.

¹³ IDEM, *op. cit.* p. 18

¹⁴ ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira, São Paulo: Ática, 1989. p. 54.



Outras faces da promessa:
êxodo rural e a vida na cidade
(VIDAL RAMOS/BRUSQUE, 1976-2002)

**OUTRAS FACES DA PROMESSA:
ÊXODO RURAL E A VIDA NA CIDADE
(VIDAL RAMOS/BRUSQUE, 1976-2002)**

Arnaldo Haas Junior

O CAMPO E A CIDADE: UMA PERSPECTIVA TEÓRICA

Possivelmente ninguém notaria. Pelo menos não uma pessoa natural da cidade, ou alguém que, embora advindo de outras paragens, estivesse absolutamente acostumado com a vida no “mar de concreto” que edifica a cidade. Mas os olhos atentos de Marcovaldo nunca se acostumaram com o reflexo das paredes, dos muros, das grandes construções da engenharia humana. Afeito às coisas pequenas de uma natureza tão pouco presente, seus olhos captaram o “grito” daqueles cogumelos a chamar-lhe a atenção.

Na obra “Marcovaldo ou As Estações na Cidade”, o escritor Ítalo Calvino descreve as situações pouco ortodoxas que permeiam a vida do protagonista, Marcovaldo, homem simples e pobre que, apesar das desventuras de sua existência, desenvolve uma capacidade singular de detectar a teimosia da natureza em gerar vida nos locais mais inusitados. Marcovaldo é alheio aos signos da cidade e ao apelo exercido pela sociedade de consumo. Prefere ater-se a pequenas manifestações de vida, a exemplo do dia em que, parado num ponto de bonde – o Caronte a levá-lo para mais um infernal dia de trabalho –, observa irromper da terra que alimenta as árvores da alameda, pequenos cogumelos que o levam a meditar. Afinal de contas, não eram simples cogumelos, mas sim a possibilidade de um banquete para ele e para os seus.

Marcovaldo nunca se acostumou à vida na cidade. A

responsabilidade sobre os filhos, a dura luta pela sobrevivência, o trabalho repetitivo numa fábrica, o fazem permanecer numa situação de eterno desconforto frente a uma vida que lhe é estranha. Incapaz de apagar as lembranças de um longínquo passado em que teria vivido em contato direto com a natureza, seus pensamentos expressam o apego pelo bucólico, pela simplicidade de uma vida que não esta ao seu alcance, mas que teima em estar presente em suas mais felizes idealizações.

Calvino não pretende criar um arquétipo do homem que se sente o confrontado entre duas realidades distintas, o campo e a cidade ou, mais especificamente, a vida neste ou naquele espaço. No posfácio, ele define a posição da obra frente à realidade. A delação do processo de desumanização que a cidade outorga ao sujeito impõe uma crítica da “civilização industrial”, sem a qual não haveria espaço para os devaneios de Marcovaldo. Mas esta crítica é igualmente estendida a todo sonho de paraíso perdido: o idílio industrial é atacado tanto quanto o idílio campestre. Para o autor, não há como voltar atrás, para um passado belo e poético, pois este passado nunca existiu. O amor de Marcovaldo pela natureza, pela vida no campo, é aquele que só pode existir num homem da cidade, num homem que desconhece a extensão dos problemas que permeiam a vida divorciada de idealizações.

O encadeamento lógico dos fatos, tão caro a correntes do pensamento como a historiografia tradicional, acaba outorgando uma padronização da vida, principalmente no campo, como se esta fosse passível de mensuração através de critérios únicos e objetivos de análise. Ora, a defesa de tal prática se ampara em argumentos falaciosos, pois estes não sustentam qualquer estudo mais sério. Fugir à lógica da existência de uma essência do homem do campo ou do homem citadino é uma condição necessária para compreensão coerente sobre a vida nesses espaços.

Empenhado em compreender o processo de constituição

de “verdades” sobre estas duas realidades distintas, Raymond Williams afirma que:

Em torno das comunidades existentes, historicamente bastante variadas, cristalizaram-se e generalizaram-se atitudes emocionais poderosas. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a idéia de centro das realizações – de saber, comunicação, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação .

Longe de naturalizar tais polarizações, Williams sustenta que qualquer visão determinante seria incapaz de compreender uma realidade histórica que é extremamente complexa. A análise relacional de Williams (campo/cidade) propõe algumas polarizações, mas estas sofrem sucessivas resignificações atreladas ao dinamismo do processo histórico. Acontece, porém, que mesmo ciente dessas mudanças, Williams afirma a persistência de certas imagens e associações pautadas na existência de um outro (o passado em relação ao presente, o bem em relação ao mal), o que não permite pensar a cidade apenas enquanto um fato/acontecimento em si. Williams propõe uma possibilidade de se entender a cidade. Outras mais são possíveis.

Segundo Carl Schorske é possível “[...] distinguir entre três tipos de cidade durante estes dois últimos séculos : a cidade como virtude, a cidade como vício e a cidade além do bem e do mal”. Schorske afirma que não há um limite fixo capaz de separar cada uma dessas fases, pois, embora ocorresse uma diminuição de intensidade, nenhuma fase destruiu sua predecessora.

É a partir do século XVIII que a cidade começa a aparecer como uma preocupação mais nítida para os pensadores e os artistas europeus. A primeira visão, a cidade como virtude, é pontuada de maneira contundente por Voltaire – que a considera como um catalisador da mobilidade social,

como um meio disseminador de valores políticos, econômicos e sociais –, por Adam Smith – a cidade difundindo a liberdade, a ordem e o progresso, além de promover a equalização de direitos e deveres –, e por Fichte, para quem a cidade representa o ideal comunitário, a lealdade, o caráter, a honra e a solidariedade. A industrialização acelerada no início do século XIX promoveu mudanças aceleradas no ambiente urbano, mudanças que trouxeram em seu bojo os ares de uma nova visão: a cidade como vício. Já desde o século XVIII, os intelectuais laicos começaram a ver a cidade sob uma perspectiva crítica diferente, como por exemplo, o lamento de Oliver Goldsmith, que via a destruição do campo se dando à medida que o capital de giro da cidade estendia a sua influência sobre ele. Ambas as visões, vício ou virtude, a partir de meados do século XIX, com a difusão de uma cultura subjetivista, acabaram suplantadas por uma nova postura intelectual sobre a qual Schorske argumenta que:

Sabemos apenas que os pioneiros dessa transformação contestaram explicitamente a validade da moral tradicional, do pensamento social e da arte. A prioridade da razão humana, a estrutura racional da natureza e a significação da história foram colocadas frente ao tribunal psicológico individual. Esta grande reavaliação inevitavelmente tirou a cidade de seus trilhos. Tanto como virtude e vício, progresso e retrocesso perderam a clareza de seus significados e a cidade foi colocada entre o Bem e o Mal.

Esta nova concepção possibilitou com que a cidade pudesse ser pensada desprendida de uma estrutura temporal compreendida entre um futuro e um passado. Apartada desses “espaços demarcatórios”:

A cidade apresentava uma sucessão de momentos variados e passageiros, que deveriam ser provados ao passarem da não-existência ao esquecimento. Para este modo de pensamento a experiência da multidão era básica: todos os indivíduos desarraigados, todos únicos, cada um ligado a um momento antes da divisão de caminhos.

A postura subjetivista liberta a cidade de amarras que a prendem a concepções e definições estanques, mas cria a necessidade de se

pensar novas formas de se entender a cidade na sua constituição enquanto tal e na sua relação com as mais diversas instâncias do meio social. No entendimento de Sandra J. Pesavento é necessário “[...] encontrar novas vias teórico-metodológicas para realizar a análise histórica. Um primeiro passo seria o entendimento de que a cultura poderia ocupar este lugar de uma instância mais central e globalizante que reorientasse o olhar sobre real” . Sob este viés, o enfoque cultural, a cidade se apresenta enquanto um conjunto de sistemas simbólicos de idéias e imagens de representação coletiva que englobam o conceito de “imaginário social”.

Pensar a cidade enquanto uma representação do real é dar margem à emergência de várias cidades, construídas sob os mais diversos prismas. Cada indivíduo ou grupo social constrói uma plataforma de observação a partir da qual emite juízos de valor “camuflados” como juízos de fato, mas que nem por isso podem ser desconsiderados, pois, enquanto representações que criam matrizes geradores de práticas sociais, são inerentes ao que se convencionou chamar de realidade. Embora o meio urbano suscite um universo de representações incomensuravelmente mais amplo do que aqueles gerados no e sobre o meio rural, também este último se dilui em meio a construções simbólicas. Partindo deste entendimento procurei conhecer a forma como as pessoas que saíram da área rural do município de Vidal Ramos com o objetivo de trabalhar nas indústrias têxteis da cidade de Brusque – atendendo ao “chamado da fábrica” – passaram a descrever estes dois diferentes espaços.

O CHAMADO DA FÁBRICA

Ao longo das últimas décadas do século XX muitos agricultores deixaram o campo (alguns eram proprietários de terras), optando pela proletarianização em pólos industriais, processo observado nas mais diversas

regiões do Brasil. Com efeito, composta em sua maioria por pessoas que buscam uma melhoria nas condições de vida, uma enorme massa de trabalhadores abandona o campo todos os anos, muitos deles atendendo ao “chamado da fábrica”, tendo como destino as cidades, onde o que os aguarda é o incerto.

Propor-se a pensar tal situação é estar apto a depara-se com o forte apelo exercido pelo viés econômico, ou seja, pelo caminho que leva ao entendimento da transição campo/cidade como consequência exclusiva da expectativa de melhora da situação financeira dos indivíduos partícipes do processo. Com efeito, os fatores econômicos são realmente significativos e por si só resultariam num profícuo objeto de análise. Apesar disso, pesquisas realizadas sob este direcionamento muitas vezes relegam ao “segundo plano” singularidades da vida dos sujeitos.

Este estudo tomou um caminho diferente. Procurei analisar o êxodo rural embasando-me em dois pressupostos: por um lado o tempo, analisado a partir da mudança de sua percepção devido à mudança de atividade econômica ou do meio social, do controle e disciplina a ele atrelado; por outro as representações sociais, ou seja, as construções simbólicas que as pessoas envolvidas passam a fazer de si e do outro.

Acostumadas com um ritmo de trabalho ditado pela natureza e sua influência sobre a agricultura, as pessoas que saem do campo tendo como destino a fábrica sofrem um duplo revés. Num primeiro momento o problema transita em torno da adaptação a um meio social absolutamente novo, pois a cidade pressupõe práticas cotidianas, por vezes, diametralmente opostas às desenvolvidas no campo. Paralelamente, o ingresso na fábrica outorga ao trabalhador um ritmo de trabalho que não lhe é próprio, pautado na “disciplina da fábrica”. Da sua adaptação a essa nova realidade depende o seu sucesso.

Mas, estariam estas pessoas realmente adaptadas à nova

realidade? Não seriam elas vítimas de sentimentos saudosistas em relação ao passado no campo? A busca por respostas a estas questões levou-me a adentrar o universo das pessoas que fizeram parte do processo migratório, visando conhecer os processos de subjetivação e “adaptação” frente a um novo meio social, pois destes resultam representações sobre o campo e sobre a cidade .

Em 1996, Pedro (36 anos) deixou a vida de agricultor. Há vários anos ele percorre as ruas da cidade de Brusque na rotina “normatizada” de operário fabril, período em que, apesar da relativa adaptação a realidade citadina, não foi capaz de assimilar uma das particularidades da vida urbana.

"Não que eu cumprimentasse todo mundo de mão em mão, mas um 'grito', um 'opa', um bom dia eu dava pra todo mundo que eu via (menção à vida no campo). Aqui (em Brusque) eu faço isso, mas pouco, bem pouco. Tu encontra uma pessoa na estrada e tu vai olhá pra cumprimentá e ela olha pro lado. Nem todo mundo, mais muita gente é assim. Agora eu procuro... depende, tu vai notá se ela vai olhá pra ti ou vai virá a cara. Se ela olha eu sempre cumprimento, mas sempre só de passagem, porque nem as pessoas que já conhecia lá de Vidal Ramos pára pra conversá um pouco. Isso é uma coisa que é bem diferente aqui em Brusque, eu não me acostumo com isso."

Seria possível apontar uma série de mudanças de comportamento que a vida na cidade promove nas pessoas que vêm do meio rural. Selecionei o depoimento acima porque ele indica um dos primeiros e, por vezes, duradouros choques que o homem do campo sente ao chegar à cidade: a resignificação/reorientação das relações interpessoais. Acostumadas a conhecer e a serem conhecidas pelo nome, as pessoas advindas do campo experimentam uma realidade completamente nova e paradoxal, pois, se por um lado evidencia o indivíduo (enquanto uma oposição ao senso de coletividade relativo ao homem do campo), por outro, ao inseri-lo na massa transeunte, decreta a morte de sua individualidade.

O saudosismo por vezes toma outros contornos mais proeminentes. Numa casa de madeira com não mais do que três cômodos, na periferia de Brusque encontrei Marcos (44 anos), homem simples e de poucas palavras, cujo sorriso esporádico não conseguia esconder de sua face as marcas de uma vida sofrida. Evadido do interior de Vidal Ramos em julho de 1989, disse que:

[...] O terreno que eu tinha era junto com os meus irmãos. Eu não me dava bem com um deles, aí eu tive que sair de lá. Não vendi o terreno de pegada, mas depois tive que vender. Vendi pros meus irmãos. Tô morando aqui em Brusque porque não tenho como comprar de volta uma terra lá em Vidal Ramos (silêncio). [...] Hoje eu tô morando aqui sozinho, porque eu e a mulher se separamos (silêncio). [...] Não gosto do barulho dessa cidade. Lá era bem mais calmo. Também porque lá os amigos eram bem mais puro. Aqui só tenho vizinho, não amigo de verdade, e vizinho só serve pra fazer fofoca.

Durante toda a conversa, Marcos não esboçou sinais de apego à vida na cidade. Suas palavras faziam alusão a um passado onde ele era tranqüilo, onde tinha a esposa e os filhos ao seu lado. A vida de operário na “cidade grande” não lhe oferece um salário suficiente para bancar a construção de uma casa que há muito teve seus alicerces erguidos, nem tão pouco para bancar o retorno à terra onde nasceu. Inquirido sobre o desconforto de uma vida de lembranças, amparada em bases materiais tão pouco agradáveis, disse apenas: “o pobre tem que tê fé que a vida vai melhorar”.

Ao longo de cada uma das entrevistas, pude notar que poucas foram as pessoas que, assim como Marcos, demonstraram vontade de voltar para o campo. Apesar disso, ficou claro a maneira saudosista com que um bom número delas se referia a certas particularidades da vida no interior de Vidal Ramos. Na verdade, ao pensar a relação com o tempo, com o trabalho, com os amigos e com a natureza, os mais diversos sentimentos vieram à tona. Entendo que estes sentimentos são capazes de produzir a

imagem de um homem do campo que, longe de ser absoluto, represente algumas especificidades relativas à vida na área rural de Vidal Ramos

Na maioria das vezes, as pessoas saem do campo em direção à cidade em busca de uma vida melhor. Acontece que, nem sempre o conceito de vida melhor está associado a uma melhoria das condições financeiras do indivíduo, como é possível notar no depoimento do Sr. Marcos. Mas esta possibilidade apresenta-se de forma marcante. Sandro (23 anos) comentou que:

Tinha uns parentes da gente, gente pobre mesmo, que saiu de Vidal Ramos antes de nós e logo conseguiu comprá casa e carro novo. [...] O Lindomar (menção a um primo da mesma idade) ficou um ano em Brusque e ia nos final de semana que tinha as festa de Igreja com uma moto nova e eu ficava só olhando. Hoje ele tem carro, mas casa ele não tem ainda. [...] daí eu pensei, se eles podem eu também posso conseguir comprá as coisa na cidade.

Este depoimento chamou atenção em função de duas questões. Primeiro porque ele advém de um jovem de 23 anos que viu na cidade uma possibilidade de melhoria de vida (em termos econômicos), mas que paradoxalmente está vivendo novamente no campo, no período de uma safra, com o objetivo de angariar recursos para a compra de uma casa na cidade e se livrar do pagamento de aluguel. Desta forma, as agruras da vida no campo podem ser suportadas por este curto período de tempo, pois é considerado nobre o motivo de tal ação. Segundo, porque ele aponta para uma representação social que é feita sobre a cidade enquanto centro de realizações: a segurança propiciada por uma situação financeira estável exerce um apelo significativo sobre as pessoas do campo e é neste ponto que o “chamado da fábrica” se faz valer.

Entrevistei apenas pessoas que saíram do campo e ingressaram no quadro de funcionários das indústrias têxteis de Brusque. Ressalvadas algumas especificidades, todas estas pessoas alegaram que o que mais chama a atenção no trabalho na fábrica é o fato de possuírem um salário mensal

fixo, com o qual podem contar para saldar suas dívidas. Sobre isso Jaime (40 anos) não teve dúvidas em afirmar:

[...] olha, acho que a melhor coisa que tem em trabalhar na fábrica é tu saber que, faça sol ou faça chuva tu vai ter o teu salário no final do mês. Lá na roça tu tinha que ficá sempre preocupado com o tempo, se ele ía ajudá pra tu ter uma boa safra. Tinha que sabê se a firma ía pagar bem o fumo , porque se não tu passava o ano apertado, porque tu sempre tens despesa. Aqui a gente não se preocupa com isso, porque mesmo que tu não ganha muito, no final do mês o salário sempre vem e tu pode contá com ele. Dá pra mais ou menos ter contado as despesa e dá pra se virar.

O depoimento de Jaime é sintomático porque aponta para aquele que talvez seja o grande catalisador dos anseios das pessoas que entrevistei. Não há dúvida de que a fábrica exerce um fascínio sobre estas pessoas. Mas este fascínio não é devido ao regime de trabalho em si ou, ainda, a qualquer satisfação que possa ser gerada pelo senso de pertencimento à grande engrenagem produtiva. A fábrica acaba se tornando um “ímã” devido ao fato de ofertar um número significativo de empregos a esta mão-de-obra não especializada e não por se apresentar como mais atrativa do que outros setores, tal como o terciário.

É certo que nem todas as pessoas entendem o trabalho na fábrica da mesma forma. Isto me leva a afirmar que, apesar de o trabalho ser padronizado, é difícil propor um padrão de comportamento frente a esta nova realidade. Contudo, os depoimentos permitem assinalar algumas permanências no que concerne aos maiores atrativos da fábrica, assim como no que diz respeito aos pontos negativos detectados por estes trabalhadores. Sobre os maiores problemas enfrentados em sua rotina Marcos (44 anos) afirmou que “[...] o serviço em si é pior que lá na roça. Lá a gente tem mais liberdade, trabalha mais na ‘vantage’. Aqui não, a gente tem que trabalhar até a hora certa e não tem que dizer hoje eu não vou trabalhar por causa disso o daquilo”. Partindo do mesmo princípio, Jaime (40 anos) argumentou que:

Porque lá (na roça) era assim né: tinha que trabalhá também né, mas só si precisasse. Se tivesse meio doente não tinha problema, porque era só deixar pro outro dia. Já aqui não, aqui tem que cumpri horário (silêncio)... Depois tem mais pessoa, que trabalha junto. Porque o cara chega aqui e é tudo estranho. Mesmo depois dum tempo, tem aqueles que tu pode confiar, mas muitos tu já fica com o pé atrais. Porque é assim né: amigo lá fora, porque se lá dentro a coisa aperta já sabe né?! É cada um por si e Deus pra todos. [...] mas o pior que tem é ter que ir trabalhá doente, coisa que eu já fui muitas vezes. Até dava pra ir no médico, mas as vez é mais vantagem ir trabalha doente do que ir no médico, porque tu tem que tê atestado pra prová que tu tava doente. Daí tem que pagá o médico e às vezes fica muito caro. Eu demorei uns três o quatro ano pra me acostumá com isso.

Ambos os depoimentos indicam para uma mudança significativa na vida dessas pessoas: o controle sobre o tempo. O ritmo próprio de trabalho, ditado pelas necessidades da lavoura não mais se faz presente. Se a vida no campo representa uma “alforria” em relação ao controle do relógio, na cidade ou, mais especificamente, na fábrica, a submissão se faz absolutamente presente.

Submeter-se ao controle do tempo, a ordens de outrem, ao trabalho repetitivo e as relações de poder que permeiam o convívio no ambiente fabril, não é uma situação fácil de ser enfrentada. Contudo, afirmam alguns entrevistados, ao serem questionados sobre tais características da vida de operário, que a fábrica oferece atrativos que compensam tais inconvenientes. Sobre isso, Valdir (49 anos) afirmou:

[...] olha, pra gente que nem eu, que já era acostumado a pegá no pesado, o trabalho daqui é uma moleza. É ruim sim, tê que cumpri sempre o mesmo horário, fazê sempre as mesmas coisa e não podê faltá quando precisa. Mas em compensação, tu cumpre aquelas horinha, daí já pode ir pra casa tomá um banho e tomá um chimarrão sem se preocupá. Na roça não dava tempo nem pra namorá (risos). [...] O cara também não precisa se afobar pra fazer as coisa como lá na roça que às vezes tinha que fica preocupado porque não ia dá tempo. Aqui tu faz o serviço que é teu e no outro dia continua na mesma coisa.

Sem dúvida, de todos os entrevistados Valdir foi o maior entusiasta da vida na cidade. Para o mesmo, o trabalho na fábrica é feito tranqüilamente. Inquirido sobre o fato de não poder mais trabalhar por sua própria vontade, isto é, tendo que se submeter às ordens de supervisores argumentou:

[...] não, não, nem me preocupo por eu sê mandado, porque eu sou bem mais tranqüilo do que quando eu me mandava, entende?! Porque lá o cara se preocupa: 'hoje não vai dá de quebrá fumo, lá vai vim chuva ou pedra, vai acabá com o fumo'. Pelo amor de Deus, de que é que nós ia vivê se o fumo se acabá? Aqui o cara trabalha só as oito horinha, não se preocupa com nada, fica com a cabeça fria e no final do mês tem o salário pra recebê. [...] ah, tem também o banco de hora que o cara pode ir enchendo se trabalhá até depois do horário. Daí, um dia que precisa saí, é só avisá 'eles' porque tu tens hora de sobra pra recebê.

Em termos de conquistas materiais, nenhum dos entrevistados foi tão bem sucedido quanto o Sr. Bruno (48 anos), residente em Brusque desde 1976. A cidade lhe propiciou a aquisição de uma bela casa de dois pavimentos, muito bem mobiliada e com um carro semi-novo na garagem. Contrariando o que se poderia imaginar, sua resposta à mesma pergunta foi:

O colono é feliz e não sabe. O pessoal que vem pra cá pra Brusque, na mesma situação que eu vim, sem ter estudo, sem ter experiência nenhuma noutro trabalho que não na roça, tem uma vida bem complicada. Se for pra pensar bem certinho, a vida na cidade é uma escravidão disfarçada. O cara vem pra cá e não se toca que fica escravo do trabalho, escravo da família e escravo da cidade. Em algumas coisas a vida na roça até que era pior, mas pelo menos lá o cara tinha liberdade, coisa que só quem é cego não vê que não tem aqui.

Ambos os depoimentos são de pessoas que passaram por uma experiência semelhante. Ex-agricultores que tornaram-se operários. Apesar disso, tal semelhança não os impedem de emitir juízos de valor

diametralmente opostos sobre a vida urbana. Isto somente é possível porque, diante de circunstâncias singulares, ocorre a construção de representações sociais singulares sobre a cidade. No caso específico das pessoas que entrevistei, procuro entender estas divergências quanto à forma de conceber a cidade utilizando-me de um diacrítico: o tempo de permanência in loco. Os dois grandes “delatores” da vida em Brusque são as duas pessoas que há mais tempo lá residem – Marcos (desde 1989) e Bruno (desde 1976) – fato este, bastante relevante.

Uma das questões levantadas durante a pesquisa que serviu como base para este artigo, indagava sobre uma possível expectativa que as pessoas participantes da evasão do meio rural teriam de legitimar a opção de mudança. Pensando a questão das representações que incidem sobre o meio social, Roger Chartier sustenta:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por ela menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas .

Preocupados em justificar a si mesmos, ou em defender frente aos que ficaram no campo, o acerto de sua opção, estes novos cidadãos urbanos possivelmente acabam construindo uma representação social que, ao idealizar a vida na cidade, menospreza o passado no campo, pois é sobre a acusação desse passado que se conforta a vida presente. Com o passar dos anos esta expectativa de justificar ações perde a razão de ser, e, como consequência, emergem representações que buscam fugir a idealizações alheias à realidade material. Por outro lado, este relacionamento entre estas pessoas e a cidade não poderia ser entendida como um “namoro”?

O namoro, normalmente, constrói-se sobre a idealização do outro. Os defeitos, as falhas, não são notados devido à incapacidade do sujeito, inebriado que está, de observar para além do que seus “olhos

apaixonados” vêm. A verdade que se constrói sobre a cidade é absoluta, já que resulta da adequação de uma (pré)elaboração mental à realidade vivida. Passado um tempo, que varia de sujeito para sujeito, de paixão para paixão, outras nuances da realidade surgem de forma esclarecedora e angustiante. O apelo exercido pela cidade – promessa de uma vida melhor – já não mais é um conforto. Novos caminhos se apresentam e novas impressões se materializam. Afirmar qual das duas situações é preferível é um julgamento que não me cabe proferir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994

CALVINO, Ítalo. Marcovaldo ou As estações na Cidade. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. A História Cultural entre Práticas e Representações. Lisboa: Bertrand, 1990.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito Além do Espaço: Por uma História Cultural do Urbano. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16. 1995.

SCHORSKE, Carl. A cidade segundo o pensamento europeu – de Voltaire a Spengler. In Espaços e Debates, 27. Imagens e representação da cidade – Revista de Estudos Regionais e Urbanos – ano XII, NERV, São Paulo, 1989.

WILLIAMS, Raymond. O Campo e a Cidade: na história e na literatura. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

A pacificação documentada
na primeira década:
O QUE OS RELATÓRIOS NOS DIZEM



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A PACIFICAÇÃO DOCUMENTADA NA PRIMEIRA DÉCADA: O QUE OS RELATÓRIOS NOS DIZEM

Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhann¹

O presente artigo, dividido em quatro partes para fins de publicação nesta Revista, está presente no segundo e terceiro capítulos da dissertação **O Serviço de Proteção aos Índios e os Botocudo: a política indigenista através dos relatórios (1912 – 1926)**.² Neste trabalho, o autor disserta sobre a política brasileira para com os indígenas desde os tempos coloniais e principalmente, sobre a atuação do SPI na região do Vale do Itajaí. O SPI foi criado no início do século XX e pretendia expandir seus conceitos de “civilidade” entre as nações indígenas em território brasileiro. Acreditava-se, na época, que o mundo “civilizado,” nos centros urbanos ou no campo, era onde refletia a evolução do ser humano. Neste conceito de mundo não existia a selvageria anárquica, uma vez que estava garantido por um sistema político digno, com suas eficientes leis. O SPI baseava sua filosofia no humanismo positivista, não havia nada mais patriótico e valoroso do que proteger os desamparados indígenas e nacionalizá-los. Os autênticos brasileiros não poderiam continuar vivendo nas selvas para serem caçados como animais, afirmavam os idealizadores da entidade.

Esta pesquisa teve como finalidade projetar novas imagens sobre o processo de modificação cultural dos Botocudo/Xokleng nômades, caçadores e coletores para sedentários agricultores. Este povo

¹ Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhann atualmente está matriculado no curso de doutorado na UFSC sob a orientação do Dr. Valmir Muraro.

² Dissertação defendida em fev. de 2005 na UFSC, sob a orientação da Dr^a Ana Lucia Nötzold. Foi financiada pelo CAPES e obteve o conceito máximo pela banca examinadora.

fixou-se em 1914 no Posto Plate³, onde atualmente está localizada a Terra Indígena Ibirama, entre os municípios de José Boiteux, Doutor Pedrinho, Vitor Meirelles e Itaiópolis, a 260 km do noroeste de Florianópolis e a 100 km do oeste de Blumenau, no Estado de Santa Catarina. Os estímulos para o desenvolvimento de um estudo sobre o tema procederam do primeiro contato com a documentação parcamente pesquisada, a partir da qual averiguou-se a possibilidade de acrescentar alguns dados às pesquisas existentes sobre o grupo em análise. Os relatórios trabalhados dos anos 1916, 1917, 1919, 1920, 1921, 1922, 1923, 1924, 1925, 1927 e demais documentos utilizados nesta dissertação, pertenceram a Eduardo Hoerhann encarregado do SPI entre os anos de 1914 a 1954.

A PACIFICAÇÃO DOCUMENTADA NA PRIMEIRA DÉCADA: O QUE OS RELATÓRIOS NOS DIZEM

...Talvez meu querido pai, depois de ler esta narração, e numa ligeira conjunção de pensamentos, o Sr. condene o índio; e, isto acontece unicamente por ignorar, meu pai, o que tem passado esta raça infeliz. As notícias que lhe chegam às mãos são: Os índios mataram! Os índios roubaram! E os índios saquearam! É, e quem faz o papel de “sofredor” é o colono ou enfim o pseudo civilizado. Carta de E. Hoerhann ao seu pai. 1913.

Os primeiros tempos da Pacificação

Com o rápido processo de ocupação imigrante, o indígena passou a não ter mais escolhas para garantir a sua sobrevivência nas matas. O local onde antes havia abundância de caça e alimentos coletáveis

³ Principal posto da região do Vale do Itajaí localizado a margem do rio de mesmo nome. Foi renomeado em 1920 para Posto Indígena Duque de Caxias.

tornou-se cada vez mais competido com os habitantes das colônias em expansão. Os imigrantes precisaram desmatar para construir suas casas e preparar os terrenos para as práticas agrícolas. Como os Botocudo eram freqüentemente hostilizados e temidos pela maioria dos habitantes dos centros urbanos e agricultores, passaram a tratar os colonos como inimigos. Os freqüentes confrontos étnicos acontecidos, de certa forma foram previsíveis, pois quando o Brasil abriu suas portas para acolher os imigrantes, seus governantes possuíam conhecimento da existência de comunidades indígenas presentes nos territórios a serem ocupados. A propaganda feita no exterior, exaltando as belezas naturais de nossa terra, assim como a sua incrível fertilidade destinada a atrair novos ocupantes estrangeiros, possivelmente ignorou a existência dos Botocudo. Em virtude do seu nomadismo, a presença desses indígenas não era considerada pelos colonos prestes a ocupar sistematicamente os territórios do sul do Brasil. Para adentrarmos ao tema, precisamos definir alguns conceitos a fim de haver maior compreensão do mesmo.

Fricção interétnica para OLIVEIRA é um conceito muito amplo para ser explicado em poucas palavras. Basicamente podemos defini-lo como a interação de grupos tribais e sociedades nacionais. Embora o autor saliente que nem todas as culturas se enquadram nos termos mencionados: tribal e nacional.⁴ Neste estudo fazemos uso da expressão mencionada, quando tratamos das relações agressivas entre Botocudo e os habitantes das colônias. Contato *interétnico* também está definido como choque entre duas culturas distintas, porém não necessariamente de forma belicosa.

O estudioso WACHTEL⁵ nos define os tipos de aculturação conhecidos, acontecidos desde que um determinado povo entrou em

⁴ Cf. OLIVEIRA, R. **O índio no mundo dos brancos**. Campinas – SP: UNICAMP, 1996. p. 34.

⁵ Cf. WACHTEL, N. A aculturação. In: LE GOFF, J., NORA, P. **História – Novos Problemas**. 2º ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979. p.116.

contato físico com um outro. Para que haja aculturação é necessário, no mínimo, a participação de duas culturas diferentes, que pode acontecer por imposição da cultura dominante ou de forma espontânea. Como exemplo da aculturação imposta, podemos citar a situação da maioria dos povos existentes antes da chegada dos europeus na América. É perceptível que muitas coisas os indígenas adquiriram de forma espontânea, como WACHTEL nos esclarece, nem tudo que foi trazido por estes colonizadores pioneiros era visto com desconfiança ou algo negativo. No caso dos Botocudo contatados no início do século XX, eles se tornaram pescadores, embora o peixe fosse considerado repulsivo, assim como tornaram-se também especialistas na confecção de projéteis de ferro. Até nas épocas mais contundentes da colonização, sempre existiram povos que cooperaram com colonizadores vindos não somente da Península Ibérica, mas também da Europa central, no caso, holandeses e franceses. Eles poderiam por troca de informações ou objetos cobiçados (metais preciosos, peles de animais, etc.), adquirir armas de fogo, panelas de metal, tecidos, espelhos, ferramentas de ferro, entre outros. Assim, por imposição ou espontaneamente, vários aspectos da organização social, religiosa e até política das populações indígenas absorveram valores ocidentais e entidades cristãs, até o momento desconhecidos por esses povos.

Todos aqueles habituados a estudar a História do Brasil, seja no colégio, na universidade ou apenas em leituras informais, costumam perceber certa redundância. Isto no sentido de conquistar terras, explorá-las, fazer com que a população local assimile a nova cultura imposta, quando não exterminá-la por completo. No caso dos indígenas em questão, esses passaram pelos dois processos. Primeiro a tomada de suas melhores porções de terras pelos colonizadores europeus, marco inicial de seu extermínio contínuo e, depois, o trabalho de integração proporcionado através do Serviço de Proteção aos Índios. Sobre isso Silvio Coelho dos SANTOS escreveu:

Os Xokleng somente a partir de 1850, data da fundação de Blumenau e marco do início da colonização dos vales litorâneos de Sta. Catarina, começaram a travar contato sistemático, se bem que belicoso, com os imigrantes europeus que se localizavam em seus territórios tradicionais. A sua pacificação se iniciou em 1914, quando um grupo foi “atraído” no alto vale do Itajaí no Norte e aldeado em Duque de Caxias.⁶

Com a Lei de Terras nº 601 de 18 de setembro de 1850, estabeleceu-se que as terras que eram possuídas por título de sesmária sem preenchimento das condições legais fossem cedidas a empresas particulares para o estabelecimento de colônias nacionais e estrangeiras. Seriam consideradas desocupadas todas as terras não adquiridas por compra ou tomadas pelo governo. Com isso, os territórios ocupados pelos indígenas eram considerados devolutos e, portanto, propriedades do governo imperial.⁷

A idéia principal do SPI-LTN era estabelecer um contato amistoso com os Botocudo, a fim de amenizar os ataques sofridos pelos imigrantes oriundos, principalmente, da Alemanha e Itália. Esse foi um dos principais motivos que levou a direção do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais a serem mais atenciosas com a região sul do Brasil. A região sudeste, principalmente o Estado de São Paulo, também recebeu uma esmerada atenção do órgão, pois neste Estado havia grandes massacres de populações indígenas. Tais massacres eram justificados pelo término da estrada de ferro que visava à ligação do oeste paulista com a cidade de São Paulo.⁸ No Estado catarinense,

⁶ SANTOS, S. **A Integração do Índio na Sociedade Regional**. Florianópolis: Imprensa da UFSC, 1969. p.8.

⁷ Cf. Publicada na Secretaria do Estado dos Negócios do Império em 20 de setembro de 1850 – José de Paiva Magalhães Calvet. Registrada a folha 57 do livro 1 dos Atos Legislativos. Secretaria do Estado dos Negócios do Império em 2 de outubro de 1850. – Bernardo José de Castro.

⁸ Cf. MELATTI, D. **Aspectos da organização social dos caingangues paulistas**. Brasília: FUNAI, 1976. p. 87.

o tratamento do governo para com os Botocudo não foi diferente à realidade de São Paulo. No início do século XX, a Estrada de Ferro Santa Catarina começou a ser construída, invadindo grandes porções de terras pertencentes aos indígenas, os quais foram duramente perseguidos a fim de não “atrapalharem” as construções das ferrovias.⁹

O estabelecimento de uma unidade operante do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais em Santa Catarina deu-se no ano de 1912. Nessa época, o SPI passava por uma crise de descrédito perante o governo e a opinião pública em decorrência dos exagerados gastos do tesouro público, sendo ainda acusado de inoperante. Para tentar mudar essa situação, Cândido Rondon organizou a expedição do Capitão Alípio Bandeira, com o objetivo de pacificar os Botocudo de Santa Catarina. No início do ano de 1913, a expedição chegou a Joinville, onde se estabeleceu.¹⁰ O tenente José Vieira da Rosa foi nomeado inspetor e responsável pelos levantamentos destinados à elaboração da Carta Itinerária do Estado. O militar, em alguns dias de serviço deixou registradas as primeiras dificuldades enfrentadas:

Convidado pelo notável homem de ciência e distinto soldado coronel Candido Rondon para o cargo de Inspetor do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais, entrei em exercício dois dias depois da nomeação, marchando para norte do Estado, a fim de efetuar o reconhecimento da zona habitada pelos índios, conforme a ordem expressa da Diretoria Geral. Ao chegar à vila de Tijucas, porém devido ao desastre sucedido aos muares, dos quais em 24 horas morreram 11, atacados pela epizootia ainda reinante, se bem que combatida, tive de parar alguns dias [...].¹¹

Em 1912, os Botocudo em Santa Catarina ainda não haviam sido contatados amistosamente e promoviam amiúde ataques, principalmente

⁹ Cf. HOERHANN, R.; TOMASINI, D. Transportes e comunicações. In: KLUG, J.; DIRKSEN, V. **Rio do Sul – Uma História**. Rio do Sul: UFSC, 2000. p. 177.

¹⁰ Cf. GOMES, M., op. cit. p. 68.

¹¹ ROSA, J. Notas do arquivo. In: SANTOS, Sívio Coelho dos. Op. cit. p.127-128.

em grandes latifúndios. As dificuldades encontradas pelo Serviço de Proteção aos Índios de acordo com as afirmações de SANTOS (1973) eram basicamente duas: a primeira, demonstrar para os indígenas as intenções pacíficas do órgão; a segunda dificuldade partia das populações coloniais que ameaçavam acabar com todo o trabalho do Serviço de Proteção aos Índios em virtude de preocupações econômicas e de segurança.¹² Em seguida, a estratégia adotada pelo Serviço de Proteção aos Índios era a de criar diversos pontos de atração, a fim de contatar amistosamente os Botocudo, com a finalidade básica de desviá-los dos assaltos praticados pelos mesmos contra os colonos. Para tanto, foram criados três pontos estratégicos de atração: o Posto Plate (esse na foz do rio de igual nome), afluente do Rio Hercílio ou Itajaí do Norte; o segundo, na região do Alto Krauel, na bacia do Alto Rio Dollmann; E o terceiro, provavelmente às margens do Rio Deneke, onde se abriu uma picada de 30 km de extensão.¹³

Os pontos de atração eram construídos após a derrubada de extensas áreas de mata virgem que, quando secas, eram queimadas e plantadas com milho (a conhecida técnica coivara). Desse modo, os funcionários do SPI-LTN pretendiam atrair os Botocudo para o um dos Postos e garantir-lhes-iam um meio de subsistência. Junto com essas roças eram construídos diversos ranchos de pau-a-pique cobertos de palha. Somando-se as instalações, constava-se a construção de torres altas para a observação, a fim de detectar a presença dos indígenas. Junto a essas construções, os funcionários usavam como tática o emprego de grandes gramofones com música, em particular o hino nacional, ligados diariamente ao máximo volume e tocados à manivela em cima de carroças que circulavam nos arredores dos postos de atração.¹⁴

Essa estratégia fracassou no contato com os indígenas de Santa

¹² Cf. Idem, p.143.

¹³ ABBOTT, R. Documento citado.

¹⁴ HOERHANN, E. entrevista concedida a Rádio Blumenau e Rádio Estadual de Ibirama nas comemorações do 70º aniversário de Ibirama. Ibirama, 1968.

Catarina, contrariando a reação das demais comunidades do Brasil, visto que os Botocudo, assustados, destruíram o aparelho com seus bastões de madeira.¹⁵

Na seguinte foto, podemos ver uma mulher Botocudo posando ao lado do modelo de gramofone utilizado para atrair os indígenas.



Fig. 2: Mulher Botocudo e o gramofone. (Acervo: Rafael Hoerhann).

¹⁵ ZIMMERMANN, P. Os índios em S. Catharina no município de Blumenau. O valle do rio Hercílio. Uma expedição interessante. **O ESTADO**, Florianópolis: n. 64, 27, jul. 1915.

Em um documento¹⁶ está relatado o serviço prestado pelos funcionários do SPI no local onde foram construídos postos de atração durante o ano de 1913. Nessa época contava-se com o auxílio do Exército para a proteção dos funcionários. Tencionava-se atrair os indígenas para o Posto Plate a fim de se conseguir os aldeamentos. Com freqüência era feita a navegação dos rios locais e também expedições pelas matas com o intuito de encontrar os Botocudo. De acordo com os escritos, nada foi encontrado além de poucos vestígios às margens do Rio Hercílio e de seus afluentes. Com isso o inspetor Raul Abbott pôde concluir que os indígenas eram nômades, caçadores e coletores, o que o fez crer, que possivelmente, não os encontraria com facilidade. Apesar das claras decepções de não ter completado sua missão, o inspetor planejava ao menos dar continuidade às aberturas de estradas para facilitar a chegada de mantimentos e o acesso às colônias locais:

Esta inspetoria levou em Setembro uma expedição, que partindo da linha Moema desceu pelo vale do rio do Bispo afluente do Itajahy do Norte, atravessou este e com rumo S.SO; foi ter ao lendário morro Itayó onde supunha-se reducto dos humildes Botocudos. Infelizmente não foi encontrado vestígio algum que demonstrasse a existência de numerosos índios nessa região, nem mesmo que por allí houvesse transitado nestes últimos annos. Encontramos acampamentos provisórios todos nas margens do rio Hercílio e de seus afluentes, o que demonstra que os índios que aqui aparecem são índios nômades, caçadores.¹⁷

A atuação de Eduardo Hoerhann começou com o pedido de demissão de Raul Abbott em 1914, depois de ter se cansado de suas inúmeras incursões sem êxito¹⁸, ao exemplo do relato da citação acima.

¹⁶ Cf. ABBOTT, R. [Carta] **Relação dos serviços materiais feitos pela Inspeção de Proteção aos Índios**. 1913.

¹⁷ Ibidem..

¹⁸ As razões pelas quais Abbott foi substituído ainda permanecem imprecisas. Na missiva de Eduardo Hoerhann ao seu pai, em dezembro de 1913, há relatos de inúmeras incursões sem êxito acontecidas entre outubro e dezembro do mesmo ano. Além disso, está registrado o descontentamento da maioria dos funcionários do SPI-LTN que ameaça-

Nesse mesmo ano, o problema indígena foi reconhecido como único e específico e o SPI começou a tratar exclusivamente dele¹⁹

Eduardo ingressou no serviço em 1912 graças a uma carta dirigida pelo Doutor Generino dos Santos - pessoa com grande influência política na época - a Manuel Tavares da Costa, chefe da segunda seção do SPI-LTN. Neste trecho Generino expõe as qualidades do jovem Eduardo e sua ânsia para engajar na instituição:

[...] dotado da bem mais formada natureza e do mais alto espírito cavalheiresco; pois achando-se actualmente empregado n'uma boa casa allemã, deseja, entusiasmado pelos brilhantes sucessos da comissão Rondon, e com assentimento paterno, seguir-lhe o exemplo, auxiliando-o na catechese dos nossos aborígenes que ainda vivem na selva brasileira. Muito desejaria servir junto d'elle mesmo; caso porém, seja de todo impossivel, muitissimo grato lhe ficaria se V. lhe podesse obter um modesto lugar junto a algum de nossos correligionários que, como elle, se dedicam de corpo e alma, a esta nobre e patriótica cruzada civilizadora.²⁰

Não se sabe por que Hoerhann saiu do conforto de sua família para ingressar no SPI-LTN, pois era de origem urbana e provavelmente só havia ouvido falar a respeito dos indígenas com os quais viria a contatar e conviver. Eduardo Hoerhann possuía boa formação educacional e escolar e, por isso, em pouco tempo, apesar da parca idade, ele conseguiu se destacar dos demais membros do grupo de Santa Catarina.

No sétimo dia do mês de julho em 1914, Eduardo Hoerhann assumiu a responsabilidade do posto provisório de São João, localizado na cidade de Indaial. Em uma carta ele recebe a nomeação de encarregado do

vam abandonar o Serviço, caso não houvesse aumento salarial.

¹⁹ As modificações do caráter administrativo mantiveram, contudo, as linhas gerais daquele regulamento. As principais foram estatuídas pelo decreto-lei nº. 3454 de 1918 que transfere a outros serviços os dispositivos referentes a trabalhadores nacionais. (H. Oliveira - 1947), A. Ribeiro (1943) e V. de Paula (1939 - 1941).

²⁰ SANTOS, G. **Carta dirigida a Manuel Tavares da Costa Miranda, chefe da segunda Seção do SPI-LTN.** 1912.

posto e, em anexo, as orientações de seu superior, o inspetor José Maria de Paula, de como deveria prosseguir para ter sucesso em seu dever de localizar os Botocudo e pacificá-los:

I – Esforçar-se por todos os meios ao seu alcance para que seja inteiramente restabelecida a tranquilidade entre os colonos e nacionaes naquella região, especialmente os que se acham localizados nas zonas onde deram os ultimos assaltos em S. Maria, onde colonos aterrorizados tambem abandonaram as suas moradias.

II – Fiscalizar os serviços de abertura de picadas e concertos das mesmas que forem empreendidas pelos colonos da região de modo a evitar attritos de consequencias sempre lamentaveis entre colonos e indios bravios.

III – Promover expedições ás zonas de Liberdade e S. Maria ou em região vizinha, que lhe parecer conveniente procurando pelos meios ao seu alcance, e seguindo os melhores...²¹ em o nosso Serviço, estabelecer communicação pacífica e amistosa com os indios bravios.

IV – Proceder sempre com maior cautela e prudencia em sua expedição, evitando precipitação e imprudencias, prevenir desastres e evitar sacrificio de quem quer que seja.

V – Explicar aos moradores da região os fins do nosso Serviço de maneira a obter a sua cooperação quer moral, quer material, na obra da pacificação do selvagem.

VI – Communicar-se frequentemente com este Inspector, a priori communicará todas as occurrencias importantes, que se derem no decorrer do serviço.

VII – Attender a qualquer outro serviço imprevisto de natureza dos que lhe forem confiados, mesmo em zona differente das mencionadas nestas instrucções.²²

Alguns meses após o recebimento dessas instruções, Eduardo Hoerhann mudou a sua estratégia para dar início ao processo de contato com os Botocudo. Do seu acampamento situado no alto rio Benedito, partiu na manhã do dia 7 de setembro de 1914, com a intenção de atravessar toda a área compreendida entre os rios Benedito e Itajaí do Norte. Tal área era totalmente

²¹ Palavra ilegível.

²² Cf. PAULA, J. [Carta] **Instrucções fundamentaes para o Serviço do Posto S. João.** 1914.

A pacificação documentada na primeira década: o que os relatórios nos dizem

desconhecida pelos colonos e pelas companhias colonizadoras e, portanto, considerada propícia por Hoerhann para encontrar os indígenas.²³

Na foto seguinte está Eduardo Hoerhann, junto do casal de Kaingáng e sua pequena filha, em uma expedição pelos arredores do Rio Plate. A fotografia foi tirada em fevereiro de 1914, por Mâncio Ribeiro, um outro funcionário do órgão.²⁴



Fig. 3: Expedição a canoa pelo rio Plate. (Acervo: Rafael Hoerhann.).

A região entre os rios Benedito e Itajaí do Norte já havia sido em outra oportunidade, vistoriada por Hoerhann, e pôde encontrar muitos indicativos da estada dos Botocudo. Hoerhann subiu o rio Benedito com

²³ Cf. HOERHANN, E. *Carta a Luiz...* Documento citado.

²⁴ As informações a respeito da fotografia estão contidas no verso da mesma. Ainda há na fotografia os elogios à mulher Kaingáng por sua compostura, e à pequena filha do casal indígena pelo comportamento e graciosidade.

sua equipe, quatro funcionários do Serviço e o indígena paranaense Préiyê para atuar de intérprete. No caminho encontrou picadas e verificou que uma dessas seguia exatamente o rumo por ele marcado, ou seja, para o rio Plate, enquanto que a outra possuía rumo para o norte. A primeira picada por ser mais estreita e menos trilhada pôde-se constatar que os levaria até a comunidade dos Botocudo e então a equipe seguiu em frente.²⁵

Depois de três dias a pé por esse caminho, vestígios recentes da presença indígena foram novamente encontrados. Porém, percebeu-se que os Botocudo utilizavam os dois trilhos encontrados, sendo que o mais estreito era utilizado para o embrenho nas matas e o segundo, para facilitar o transporte dos objetos retirados das colônias. Uma vez distantes e longe das perseguições, os Botocudo mudavam sua rota e tomavam a picada estreita pela sua inacessibilidade e seguiam até sua aldeia. A equipe percebeu que os indígenas não se encontravam mais no local e decidiu retornar no dia seguinte para Hamônia. Nessa cidade, em 21 do mesmo mês, a turma tomou conhecimento de que o posto de atração nas margens do Rio Plate havia sido atacado pelos Botocudo, mas toda a equipe do SPI que estava presente no local conseguiu escapar. Os expedicionários retornaram para o mato em direção ao Posto Plate. No dia seguinte encontraram o Posto em chamas e completamente destruído.²⁶

Aqui citamos, em parte a experiência de Hoerhann – narrada por ele mesmo em uma missiva já citada – acerca desse primeiro contato em 22 de setembro de 1914:

[...] Examinado minuciosamente tudo, encontrou mais adiante, nas cinzas de uma destas fogueiras, grandes rastros de homens indubitavelmente recentíssimos. Disperdoando-lhe a atenção este importante achado, quiz Eduardo, mostrá-lo ao intérprete, que ficára atrás, mas no momento em que se voltava a chamá-lo, subitamente ouviu um formidável brado. Virando-se, instantaneamente, para

²⁵ HOERHANN, E. **Carta a Luiz...** Documento citado.

²⁶ Cf. *Ibidem*.

verificar donde este partia, vio saltar de traz de um tronco de arvore, um homem inteiramente nú, armado de arco e flechas. De cima de um pequeno morro em frente, na beira do matto, este indio de grande estatura, com voz atroadora e gestos ameaçadores, fazia-lhe um grande 'discurso'. Logo em seguida, mais dois homens, tambem nus e armados de arco e flechas, saltaram de traz de outros troncos, ficando a direita e a esquerda do primeiro, encotando então os trez, um formidavel vozerio por completo incomprehensivel. [...] Tendo avançado uns cincoenta passos, forem porem Eduardo intimado a parar, pelos indios que exaltados, collocaram as flechas nos seus arcos, estirando-os com pontaria feita. [...] Dirigiu-se então Eduardo, a elles, em lingua dos indios paranáenses, porem, sem resultado. [...] Chamou então Eduardo, o indio Preiê, que ficára atraz, a certa distancia, perguntando-lhe se entendia alguma cousa, ao que este lhe respondeu que não. [...] Avançou resolutamente Eduardo, para a frente e vendo que os indios iam-no flechar, sacou o paletot e a camisa, mostrando-se com o tronco nú e os braços estendidos, falando n'outra lingua indígena que tinha aprendido.²⁷ Os indios, com seus arcos sempre retezados, promptos a desferir suas flechas, no minimo instante, attenderam a attitudo de Eduardo, que seguidas vezes repetiu a mesma phrase, na outra lingua. Por fim, calaram-se os indios escutando attentamente conversando, depois, em voz baixa entre sí. O indio de grande estatura, perguntou então, claramente:

- Hôliké, o que significa, - como é, repita.

Eduardo, que entendera esta palavra, repetiu novamente toda a phrase, o mais nitidamente possivel. Os indios, que o escutavam, conversaram entre sí, em voz baixa, novamente, rindo-se por fim, um delles. Sempre fallando, quis approximar-se mais dos indios, sendo porem, outra vez ameaçado, pelos indios, que de novo, começaram a fallar, uma phrase que terminava sempre em - "ti-púuu", batendo elles na coxa esquerda. Pela palavra (onomatopaica), e pelo gesto que faziam, comprehendeu Eduardo, que se referiam ao seu facão que trazia na cintura, do qual nem mais se lembrava. Este facão tinha cabo e

²⁷ "Eram palavras do vocabulario do Dr. Gensch, colligidos por elle, e que Eduardo tinha estudado inteiramente de cór, formando com estes vocábulos, pequenas phrases, em lingua dos indios botocudos." Nota de Eduardo Hoerhann presente no fim do texto desta carta.

guarnição de metal branco, que brilhava no sol, julgando por isso os índios, tratar-se de uma arma de fogo: “ti” = artigo o, e “púuu”, = tiro, estampido. Tirou o facão da bainha, e segurando-o pela ponta da lamina, lhes disse: - Kôniáhama, tipúuu tom. = é um facão, não uma arma de fogo. E com isto quis, entregar-lhes o mesmo, como prova de amizade, dizendo: - Amonem, Amonem tchóro, = quero vos dar, procurando aproximamr-se dos índios.²⁸

Assim começou a “confraternização” do Serviço de Proteção aos Índios com os Botocudo. O total desconhecimento cultural desses indígenas por parte dos engajados do serviço proporcionou o acontecimento do fato inesperado descrito na citação acima. Pensou-se que o Kaingáng do Estado do Paraná poderia ser utilizado como intérprete para facilitar o contato com os Botocudo. Como podemos perceber os indígenas pertencentes a comunidades diferentes não compartilhavam o mesmo idioma, apesar de alguns anos mais tarde ficar conhecido que os dois grupos lingüísticos se originam do mesmo tronco lingüístico Jê. Eduardo Hoerhann logrou seu sucesso por ter se antecipado e se dedicado a aprender essa língua indígena através do dicionário elaborado pelo Dr. Hugo Gensch.

Hoerhann foi levado pelos Botocudo, permaneceu com eles por aproximadamente um ano e nove meses. Quando retornou seu contato com o mundo “civilizado” solicitou de imediato presentes para cativar a confiança dos grupos mais arredios, de acordo com Edmar Hoerhan, filho caçula de Eduardo Hoerhann.²⁹ Por causa de seu porte físico, Hoerhann recebeu um nome Botocudo. Aqui ele refere-se a si mesmo,³⁰ a partir do que os indígenas lhe disseram: “O seu primeiro nome, Catanghára, pelo qual é denominada a mais elástica e resistente madeira que conhecem,

²⁸ HOERHANN, E. **Carta a Luiz...** Documento citado.

²⁹ Cf. HOERHAN, E. Entrevista concedida a Eliana de Mendonça. Florianópolis. 1980. p.12.

³⁰ Em seus textos, Eduardo Hoerhann escreve em primeira pessoa ou cita seu próprio nome quando está se referindo a si mesmo.

para fazer os seus arcos. Explicaram minuciosamente a Eduardo, que lhe davam este nome, por seu physico, tão forte, elástico e resistente, como essa madeira.”³¹ E por causa de sua personalidade, Hoerhann recebeu um segundo nome, *Meng 'lé*, ou onça-negra, considerado o animal mais bravo e feroz existente no território histórico dos Botocudo.³²

Quando o contato interétnico foi estabelecido em 1914, não aconteceu a aceitação por parte dos indígenas de se fixarem em um território determinado não aconteceu imediatamente. A partir do momento os Botocudo limitariam o seu direito de ir e vir por toda a extensão das matas. Por um lado, perderiam em grande parte a sua liberdade, mas por outro, estariam livres de serem mortos pelos bugreiros ainda atuantes em determinadas áreas, ou até mesmo pelos colonos regionais.

O Serviço de Proteção aos Índios conforme dito anteriormente, foi criado no âmbito de ideais nacionalistas e teve como mentor o militar positivista Candido Mariano da Silva Rondon. Rondon estava convicto de que a única forma de salvar os povos indígenas de seu desaparecimento era integrá-los à sociedade dita civilizada. Isso aconteceria de forma sistematizada, na qual o primeiro passo seria fixá-los em um território em comum, para depois poder transformá-los em agricultores subsistentes. Mentalidade essa que deveria ser seguida por todos os chefes de postos espalhados pelas matas brasileiras.

Segundo o que foi escrito, na introdução deste trabalho, a respeito dos quase dois anos de convívio de Eduardo Hoerhann com os Botocudo, podemos especular sobre a ausência de relatórios entre 1914 e 1915. Registros desse período aparecem apenas em uma carta datada de 1921,³³ na qual a experiência foi recontada por Hoerhann. Não podemos ter

³¹ HOERHANN, E. **Carta a Luiz...** Documento citado.

³² Ibidem.

³³ Cf. Ibidem.

certeza se foram feitos relatórios desses anos no mesmo padrão daqueles escritos a partir de 1916, os quais apenas se encontram micro-filmados, no Museu do Índio no Rio de Janeiro. Podemos perceber que a pacificação contada de maneira épica pela literatura antropológica não foi tranqüila nos primeiros dias pós-contato, nem em seus primeiros anos:

Foram os índios se familiarizando com a nossa presença, e como nenhuma resistência se opusesse a todos os seus actos, bem convencidos que estavam da sua absoluta superioridade em numero e em armas, impunham-se como senhores. Atravessaram então Eduardo e seus camaradas, verdadeiro regime de escravidão. Principalmente ao primeiro, que conheciam como cabeça da reduzida turma, inflingiam toda a sorte de maos tratos, obrigando-o aos mais penosos trabalhos, durante todo o dia e até durante a noite. Não se tratava muitas vezes de trabalhos úteis, mas de meros caprichos, só para patentearem serem elles os senhores. Assim faziam-no por exemplo, cortar colossaes arvores, de rija madeira unicamente para provar a sua resistência e perícia.³⁴

O Estado publicou uma reportagem elaborada através dos registros de dois homens que visitaram os Botocudo no ano de 1915. A expedição realizada por Augusto Zuttlow, inspetor do Telégrafo Nacional e seu companheiro Martin Bischof, chefe do Tráfego da Estrada de Ferro Santa Catarina, tinha a intenção de averiguar se os indígenas contatados naquela região eram realmente os famosos Botocudo arredios ou se não passavam de uma farsa. Os dois homens foram convidados por Hoerhann, na época único funcionário do SPI, na região do vale do rio Hercílio – pertencia ao município de Blumenau – para se certificarem de que as pessoas que viviam no local eram de fato os Botocudo e não os Coroado “mansos” ou mesmo uma turma de sertanejos, de acordo com o que julgava o senso comum:

Como já dissemos o fim da viagem era constatar de visú que não se tratava de bandoleiros ou índios Coroados mansos dos aldeamentos de Palmas como muita gente pensa dos quais atribuía aos assaltos e roubos feitos por diversas vezes

³⁴ Ibidem.

A pacificação documentada na primeira década: o que os relatórios nos dizem

em Pouso-Redondo, etc. mas de verdadeiras inóculas da selva, completamente bravios, para expor os resultados das observações por nós feitas, solicitarmos a atenção do poder competente para a catechese dos gentios que habita as florestas do nosso Município, á qual até bem pouco tempo o governo ligou o maximo interesse em beneficio do índio, do colono, e de que depender em grande parte a boa marcha da colonização neste Estado.³⁵

A seguir temos uma foto de Eduardo Hoerhann, datada de 1915, posando a caráter para a imprensa.

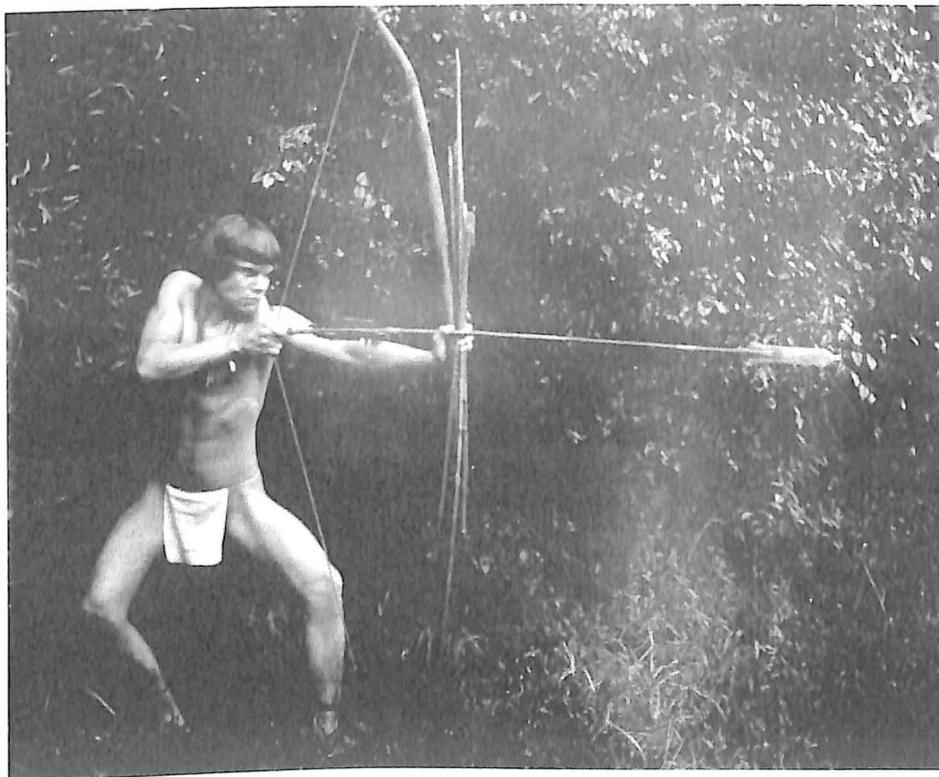


Fig. 4: Eduardo “Katanghara.” (Acervo: Rafael Hoerhann).

A imprensa tomou conhecimento da expedição acontecida no mês de junho por intermédio de Paulo Zimmermann, Superintendente de

³⁵ ZIMMERMANN, P. Os índios em S. Catharina no município de Blumenau. O valle do rio Hercílio. Uma expedição interessante. **O ESTADO**, Florianópolis: p. 2, nº 64, 27, jul.1915.

Blumenau na época, que apresentou um texto elaborado a partir dos escritos dos dois viajantes. Esses não conseguiram permanecer indiferentes ao contraste cultural descoberto e, perplexos, descreveram o comportamento dos indígenas. Relataram que seus brados eram semelhantes aos das feras selvagens, tanto quanto era chocante a maneira como abatiam os animais – interpretada como pura crueldade desnecessária – e os seus hábitos alimentares. Os viajantes relataram ainda que foi em vão, após o repasto, pedir aos indígenas uma demonstração de suas danças típicas. A recusa foi justificada em virtude das dores de estômago e cabeça adquiridas pelos excessos alimentícios. Segundo os visitantes os Botocudo demonstraram grande interesse pelas suas vestes. No entanto, Hoerhann explicou aos indígenas que eles só possuíam as roupas do corpo e que suas mulheres ficariam muito tristes se eles retornassem nus aos seus lares. Desse modo, os Botocudo não conseguiram adquirir as roupas dos visitantes.³⁶

A expedição também foi objetivada como um alerta ao governo para garantir as verbas necessárias e dar continuidade aos trabalhos de pacificação:

O Sr. Eduardo conseguiu o maximo de seus esforços pela coragem e abnegação que tem empregado como tivemos ocasião de presenciar nos dois dias que estivemos entre os selvicolas. E de certo é elle o homem que poderia levar tudo a um bom fim, se o Governo neste momento critico continuar a fornece-lhe os meios de bem poder empregar a sua attividade em beneficio do aborigens.³⁷

No ano seguinte após a expedição, os relatórios revelam algumas maneiras encontradas pelos indígenas para resistir à aproximação e à amizade dos funcionários do SPI. Nesse período Hoerhann não era mais o único funcionário do órgão, já se constatava descrita a presença de uma turma. Tomaremos como exemplo o ano de 1916, sendo que em janeiro está registrada uma ocorrência:

³⁶ Cf. Ibidem.

³⁷ Ibidem.

[...] tendo reinado a maxima cordialidade por parte dos indios que chegavam a convidar muito amigavelmente todo o nosso pessoal para assistir á solenidade. Só depois da retirada, dias depois de uma parte do grupo, permanecendo no Posto os outros, conhecidamente os mais intrataveis, recomeçaram as suas antigas manifestações hostis. Assim planejaram desta vez, por mais de uma vez, incendio proposital de um dos grandes galpões, por nós construídos, estabelecer uma grande confusão da qual poderia previr, de quando julgaram um descuido de defesa por nossa parte, do qual com bom exito, o utilizariam. Aparentaram elles grande pavôr e desespero, dando alarme com brados ensurdecedores cercando todos elles o galpão que estava sendo impiedosamente devorado pelas chamas, exigindo que nossa turma fosse “socorrel-os”, levando água para extinguir o fogo. Elles porem nada faziam n’este sentido, procurando unicamente ocultar as suas armas que todos tinham promptas ás mãos, á luz das lanternas que phantasticamente os illuminava. Foi por demais grosseira a toda esta farça para um conhecedor de sua psychologia como é o encarregado do Posto, e portanto absolutamente nada conseguiram, á não ser que toda a turma olhasse com a maior atenção aquelle sinistro, mas falso espetáculo.³⁸

Tal episódio foi possivelmente, fruto de uma tentativa de chamar a atenção daqueles que estavam ocupados com as festividades acontecidas em um outro acampamento. Podemos sugerir a partir do que foi relatado, que os indígenas praticantes desse falso acidente não eram bem quistos pelo resto da comunidade. Contudo, devemos notar que dentro de um grupo amistoso sempre existiram indivíduos não dispostos a não aceitar a nova realidade proposta pelo SPI e, portanto, tentavam com freqüência mudar a opinião da maioria. Hoerhann deixou claro no relatório do mês de janeiro que repreendeu os indígenas de maneira rígida, dizendo-lhes que se quisessem novos galpões eles mesmos teriam de construí-los. E adiante justificou sua atitude: “[...] pois uma mera repreensão de nada teria valido, dado a insistência dos Botocudo, que d’esta maneira não teriam a mínima hesitação em pôr a cinzas todo o Posto.”³⁹

(...continua.)

³⁸ HOERHANN, E. **Relatório do Serviço de Proteção aos Índios**. Mês de janeiro, 1916.

³⁹ Ibidem.



Atos
ADMINISTRATIVOS

BUROCRACIA & GOVERNO

554 No. 17.

Colonia Blumenau 5 de Março de 1868.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr.

Em cumprimento da ordem de V^a Ex^{ca} d.d. 26 de Fevereiro p.p. tenho a honra de remetter inclusa huma copia do officio dirigido por mim a V^a Ex^{ca} em que dei as informações á cerca da industria manufactora n'esta Colonia. O officio No.6, d.d. 30 de Janeiro de 1868 foi expedido por mim no dia 5 de Fevereiro e não posso comprehender que ainda não tinha chegada ás mãos de V^a Ex^{ca}.

Deos Guarde á V^a Ex^{ca}.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Dr: Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

Dg.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director interino

H. Wendeburg.

555 No. 18.

Colonia Blumenau 5 de Março de 1868.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr.

Devolvendo a V^a Ex^{ca} incluso o requerimento de Frederico Michel tenho de informar que he colono morigerado e laborioso e que os engenhos que intenta construir serão de grande proveito para elle como tambem para seus visinhos, existindo até agora em todo o districto do rio de Testo só hum engenho de assucar, insufficiente para os cultivadores de cannas, sendo as terras n'aquella região muito proprias para esta cultura. Outro tanto se pode dizer a respeito de um lagar de azeite, que ainda não existe na colonia e com a construção de hum tal os colonos hão de dar-se

tambem á cultura de fructos oleosos, cultura que até agora só se fez em pequena escala porem com excelentes resultados, e por isso creio que o Governo Imperial faria bem em conceder ao supplicante o adiantamento pedido.

Deos Guarde á V^a Ex^{ca}.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Dr: Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

Dg.^{mo} Presidente da Província

O Director interino

H. Wendeburg.

556 No. 19.

Colonia Blumenau 5 de Março de 1868.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr.

Para occorrer as despesas d'esta colonia no proximo trimestre de Abril a Junho venho respeitosamente rogar V^a Ex^{ca} digne se mandar pagar ao meu procurador Sñr. Fernando Hackradt a quantia de Rs: 12:000\$000 como a ultima quarta parte da quantia destinada para esta colonia no corrente exercicio.

Deos Guarde á V^a Ex^{ca}.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Dr: Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

Dg.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director interino

H. Wendeburg.

557 No. 23.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr.

Remetto a V^a Ex^{ca} incluso os requerimentos de Guilherme

Rückert, Luiz Zeplin, Augusto Wachtel, João Schelter, Thereza Zwicker e Frederico Kotzke, moradores n'esta colonia que pedem o soccorro do Governo Imperial para mandar vir para cá os seus parentes. Os Supplicants são colonos morigerados e assiduos e posso recommendar as petições d'elles.

Deos Guarde á V^a Ex^{ca}.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Dr: Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

Dg.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director int^o

H. Wendeburg.

558 No. 24.

Colonia Blumenau 9 de Abril de 1868.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr.

Tenho a honra de apresentar a V^a Ex^{ia} inclusos os estatutos estabelecidos para as escolas particulares de 1^{as} letras n'esta Colonia, e não podendo os mesmos estatutos estar em vigor sem previa legalisação, rogo a V^a Ex^{ia} se digne approval-os.

Deos Guarde a V^a Ex^{ia}.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Dr. Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

Dg.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director int^o

H. Wendeburg.

559 No. 25.

Colonia Blumenau 13 de Abril de 1868.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr.

Tendo de acabar em pouco as designações de lotes de terras, V^a Ex.^{ia} tinha a raça de enviar no anno p.p. e não achando-se mais d'ellas Cidade, venho respeitosamente rogar a V^a Ex.^{ia} queira mandar vir huma porção d'elles do Rio de Janeiro e remetter 1500 ou 2000, e para maior segurança permitto-me de ajuntar hum exemplar das ditas designações.

Deos Guarde a V^a Ex.^{ia}.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr.

Dr. Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

Dg.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director int^o

H. Wendeburg.

560 No. 27.

Colonia Blumenau 16 de Maio de 1868.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr.

Visto que em breve tenho de esperar huma immigração numerosa para esta Colonia e que não me será possivel de poder executar os trabalhos necessarios com hum só feito que ao mesmo tempo serve de escrevente, rogo respeitosamente a V^a Ex.^{ia} queira autorisar-me a poder engajar outro idoneo pelo tempo que necessario for e com salario de 50\$000 mensaes.

Deos Guarde a V^a Ex.^{ia}.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr.

Dr. Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

Dg.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director int^o

H. Wendeburg.

561 No. 28.

Colonia Blumenau 16 de Maio de 1868.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr.

Tornando-se, conforme as noticias recebidas de Dr. Blumenau a respeito da immigração, nos meses vindouros, urgentissima a construcção de huma casa de recepção no ribeirão do Encano, tenho a honra de apresentar incluso a planta e o orçamento de huma tal e rogo respeitosamente a V^a Ex^{ia} queira autorisar-me á construcção d'ella e conceder de poder occorrer ás despesas necessarias com os 19:000\$000 rs ainda disponiveis para esta Colonia na Thesouraria da Provincia.

Deos Guarde a V^a Ex^{ia}.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr.

Dr. Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

Dg.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director int^o

H. Wendeburg.

562 No. 26.

Colonia Blumenau 16 de Maio de 1868.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr.

Tenho a honra de apresentar a V^a Ex^{ia} incluso orçamento e a planta de hum hospital que por conclusão da junta da Colonia se há de construir na mesma e para a construcção do qual devem ser empregados os rendimentos das terras vendidas em conformidade do Art. 23; 1; do Regulamento para as Colonias do Estado. Estes rendimentos importão até agora em cerca de tres contos de reis e venho por isso respeitosamente rogar a V. Ex^{ia} se digne conceder a sua benigna approvação do orçamento e da planta para poder-se proceder quanto antes huma obra tão importante e necessaria para a colonia.

Deos Guarde a V Ex^{ia}.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr.

Dr. Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

Dg.^{mo} Presidente da Provincia

etc. etc. etc.

O Director int^o

H. Wendeburg.

563 No. 21.

Colonia Blumenau 19 de Março de 1868.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr.

Remettendo a V^a Ex^{ca} incluso os requerimentos do Julio Lach, morador n'esta colonia que pede o soccorro do Governo Imperial para mandar vir para cá os seus parentes; cumpre me dizer, que o supplicante he um colono assiduo e morigerado e posso a V^a Ex^{ia} recommendar a petição d'elle.

Deos Guarde á V^a Ex^{ca}.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Dr: Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda

Dg.^{mo} Presidente da Provincia

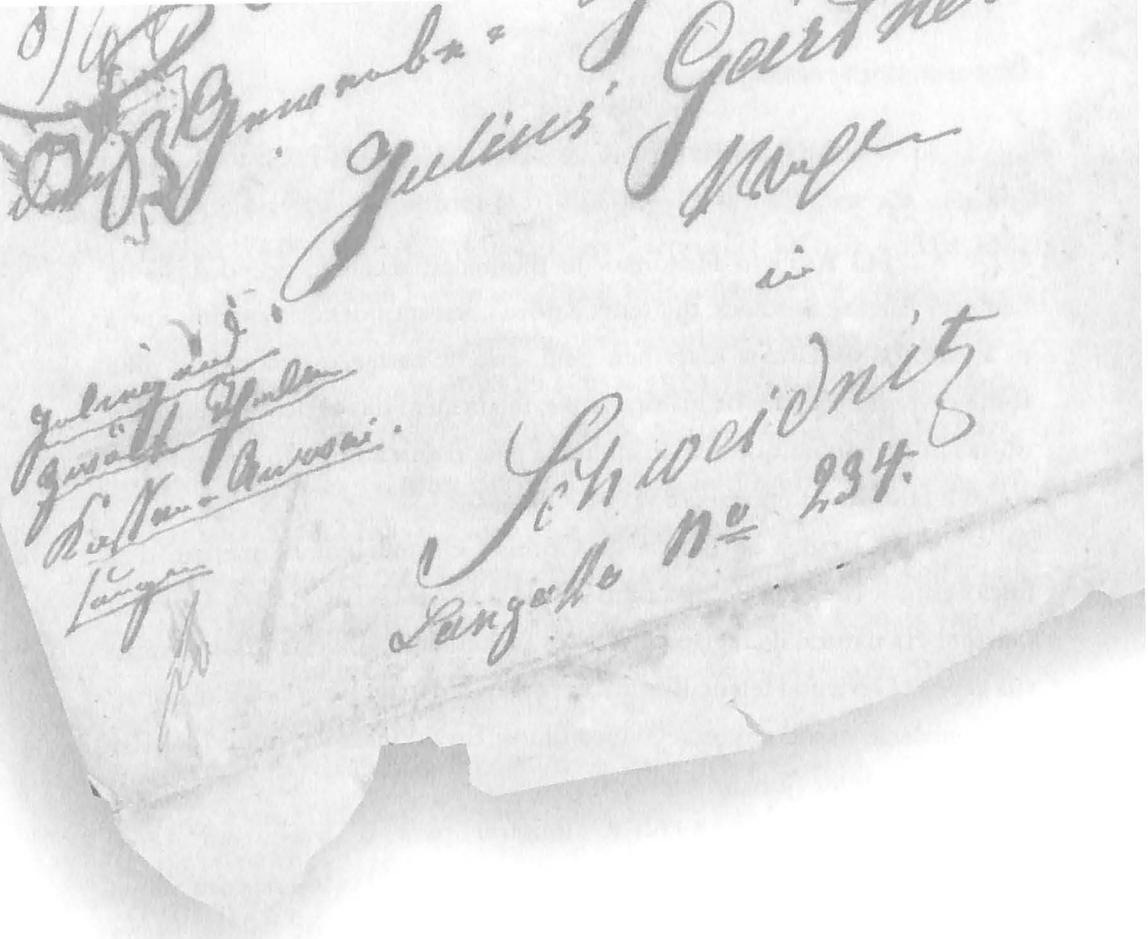
ect ect ect

O Director int^o

H. Wendeburg.

0/10
G...
Julius G...
Schweidnitz
Langh... n.º 234

Cartas de
IMIGRANTES



Cartas de
IMIGRANTES

CORRESPONDÊNCIAS DE IMIGRANTES

O Arquivo Histórico de Blumenau recebeu, por doação da Senhora Anelise Stodieck, quarenta e nove correspondências escritas entre os membros da família Gaertner. Esta série de cartas, que constitui uma fonte de pesquisa para os historiadores, relata além das relações familiares, outras informações que são de interesse para o entendimento do contexto social e familiar da época! (1859 – 1948).

O ramo da família de Gottlieb Gärtner em Blumenau, tem início com a chegada do seu filho JULIUS GÄRTNER (1864). Gottlieb Gärtner era natural de região de Wüstes Waltersdorf – Silésia. Assim como sua esposa Gertrud Helene Rosemann, era também de Wüstes Waltersdorf. Do consórcio nasceram os seguintes filhos: Ewald Gärtner, Julius Gärtner e Louise Gärtner (Johann Grallert).

JULIUS GÄRTNER: imigrou para o Brasil em 1864. Estabeleceu-se em Gaspar. Quatro anos depois (1868) casou-se com Selma Altenburg (natural de Reichenbach – Silésia). Os pais de Selma, Franz Altenburg e Emilie Gottlieb Doemert, emigraram para o Brasil (16.12.1857), juntamente com os filhos: Rudolf Altenburg (faleceu por afogamento no rio Itajaí-Açu em 1860), Luiz Altenburg (4.11.1844 – 9.01.1920), Cecílie Altenburg e Selma Altenburg .

Obs: Franz Altenburg faleceu no natal de 1862, ao fazer uma travessia de canoa no Rio Itajaí-Açu quando esta virou causando-lhe a morte por afogamento, pois não sabia nadar.

Do casamento de Julius Gärtner e Selma Altenburg nasceram doze filhos:

Ewald Gärtner (02.04.1870 – 06.10.1950), casado com Thereze Grahl (15.05.1873 – 05.06.1940); Emile Gärtner (19.09.1871 – 26.12.1952); casada com Hermann Joenk (29.06.1872 – 07.08.1944); Cecílie Gärtner

(12.02.1874 – 31.03.1945), casada com João Deggau (01.08.1878 – 07.09.1938); Pauline Gärtner (15.12.1876 – 13.09.1938), casada com João Schmidt (24.06.1876 – 02.08.1945; Clara Gärtner (21.11.1878 – 05.01.1971), casada com Francisco Pamplona (28.10.1876 – 08.05.1954); Anna Gärtner (13.09.1880 – 19.03.1969), casada com Henrique Hostins (29.08.1887 – 04.04.1962); Frida Gärtner (04.09.1883 – 18.01.1975), casada com August Ackermann (13.10.1886 – 01.08.1919); Victor Gärtner (06.09.1885 – 07.08.1951); Julio Gärtner (06.09.1887 – 27.04.1966), casado com Irma Wehmuth (17.02.1894); Gertrud Gärtner (27.04.1890 – 03.06.1890); Waldemar Gärtner (22.05.1891 – 27.03.1977), casado com Adele Krieger (12.04.1892 – 15.06.1974); Gertrud Gärtner (07.03.1894 – 20.06.1896).

Waldemar Gärtner casou com Adele Krieger (Brusque – 12/04/1892 – 15/04/1917).

Tiveram os filhos: Arno Max Julio Gärtner (20.05.1917), casado com Hildegard Germer (15.04.1917); Erich Gärtner (27.10.1918 – 04.11.1974), casado com Irma Koglin (24.04.1922); Ronald Gärtner (19.01.1921 – 15.02.1926); Helga Gärtner (18.12.1923), casada com José Arno Poerner (29.10.1919 – 04.12.1982); Erna Gärtner (28.03.1926), casada com Victor Sutter (17.10.1923 – 01.08.1987); Waldemar Rudolf Gärtner (11.11.1931 – 13.11.1948).

Carta nº 1

Waldenburg, 1º março 1859.

Querido Julius.

Recebi sua última carta que seguiu a de 15 de novembro e a decisão que você tomou já foi lida. Decisão esta que eu não aprovo. Não posso aprovar, e já lhe digo os motivos, que você mesmo não analisou bem. Alguma coisa você disse a minha família, que eu sei, a respeito do dinheiro

que eu aplicarei no teu estudo e o dou por muito bem empregado, pois se eu o desse a você em mãos, estaria tão bem como perdido, soprado ao vento, o que você mesmo tem que reconhecer, e depois ainda é duvidoso se podes ir ao exército, pois para isto necessitas da autorização paterna.

Logo agora onde se trata da guerra e do inimigo, isto diverge totalmente do meu ponto de vista. Também a seu pedido me informei com a marinha, as condições são as mesmas, bem mais severas, e todos aqueles que se apresentam como voluntários são na sua maior partes dispensados como não aproveitáveis. Bem, aqui você tem o que eu pude fazer como pai e o que meu pai também me disse e com todo amor e carinho eu empregaria em você o dinheiro e depois?

De teu pai.

Carta nº. 2

Breslau, 3 de junho de 1862.

Prezado Julius!

Certamente você já está impaciente à espera de uma carta minha. Eu esperava ainda por trabalho de moinhos, mas infelizmente não há perspectiva nenhuma. Quando há pouco tempo atrás estive no escritório, perguntei se havia uma possibilidade de trabalho, e me disseram que havia o pedido da construção de um moinho, mas isto era na Polônia, mas ainda passariam alguns meses antes que os construtores fossem enviados para lá. Desde então, nenhum construtor de moinho foi contratado, bem ao contrário, os de Mohthammer onde eu estive chegaram ontem.

Eu ainda trabalho em Scrügrade. Se mais cedo ou mais tarde aparecer algum trabalho eu o comunicarei a você. Escrevo agora para que não esperes confiante por algo aqui e talvez rejeitares um outro trabalho de oportunidade mais favorável. Lembranças e lhe desejo tudo

de bom e felicidades, principalmente para o bem de seu amigo Wilfried Luckenmaier.

Endereço: No setor de máquinas agrícolas do Comissário Hoffmann em Breslau – Klasterstrasse 43. Se conseguir o endereço de Rotheidt seria muito bom para mim.

A mais nova é que minha bolsa mais uma vez chegou ao ponto, que geralmente outro cargo não possui, ela apesar dos dias quentes encolheu de tal maneira que chegou ao ponto zero a ela pouco importa quem seja o próximo!

Carta nº 3

Hofgölmen, 6 julho 1863.

Meu muito amado Julius!

Agora já passou tanto tempo, desde que lhe escrevi a última carta, mas espero que me perdoes quando souberes o que aconteceu. Quando recebi a tua carta, infelizmente eu não estava em condições de ler a mesma. Somente a li bem mais tarde, pois estava muito doente, todos pensaram que eu ia morrer e eu mesma já tinha perdido a esperança de continuar viva, mas graças a Deus agora estou com saúde outra vez, apenas o pé que ainda não está bom de todo. Espero que o bom Deus continue me ajudando e eu melhore de todo.

Ah, meu querido Julius, o que eu não sofri todo este tempo! Muitas vezes me lembrava de você e daria um momento de vida para ouvir a sua voz, mas você estava tão longe e eu só posso consolar-me com a esperança de ver você em breve, querido Julius.

Você se preocupou tanto por ter partido sem se despedir de mim e eu preciso confessar que eu também me preocupei, pois não sabia que você tinha deixado tão depressa Waldenburg, e quando soube do meu irmão Friedrich não pude me consolar, pois você prometeu-me visitar

antes. Mas, agora ao receber esta carta, espero que a responda logo e que muito agradecerá porque mostra que ainda te lembrás de mim.

Mas, minha maior surpresa foi quando ouvi dizer da tua querida mãe que o contou a meu pai, que você iria para a América se eu não lhe escrevesse mais. Oh não, não faça isto, pois a demora em escrever-lhe não foi de propósito. Isto aconteceu porque estava doente e impossibilitada de escrever. Mas não faça isto por minha causa, pois tanto meus pais como seus pais sofreriam muito com isto e eu por toda a vida me acusaria em ter sido o motivo para tua fuga para a América. Eu gostaria muito mais se voltasses para Waldenburg outra vez.

Querido Julius, desejaria muito que viesses para cá em fins de agosto, pois dia 1º de setembro esperamos que o irmão Karl venha para casa. Então ambos podemos esperá-lo na estação, pois tu sabes que ele disse que viria para casa mas primeiro casaria na casa do irmão Friedrich. E você não deve faltar nesta ocasião, porque você e Karl não estiveram presentes no verdadeiro casamento, e eu com meu pé doente também não.

Agora, querido Julius, não tenho mais nada para escrever-lhe, todos aqui meus pais e irmãos lhe enviam muitas lembranças. Escreva-me logo, ou melhor, venha pessoalmente, nem que for de madrugada. Muitas lembranças de Louise e Anna. Elas mandam dizer que não se julgam mais tão severas.

Passe bem, até breve, escreva logo e receba um abraço daquela que o ama muito.

Pauline Richter.

Carta nº. 4

Waldenburg, 12 julho 1863.

Meu querido filho!

Cumprimento-os no desejo de vê-los com saúde. Eu agora me

sinto bem melhor, querido Julius. O Ewald vem também aqui para casa, ele tem muito trabalho e o dinheiro que ganha é sempre maior. É mesmo uma grande tristeza, se tu queres uma coisa e sabes lá o que vem e se tu chegas a ver mais uma vez na vida aqueles que queres de todo coração. Eu só tenho o desejo de que Deus te dê a esposa e uma grande prole. Julius, Jill esteve por quatro semanas no Brasil. Depois voltou também para casa outra vez e tomou Rautraut Neimann como esposa, comprou uma propriedade. Liebner Ehrhardt também lhe escreveu, como também vais receber uma carta de Liesel Albrecht. A senhora Liesel também faleceu.

Querido Julius, a Paulina está boa de saúde outra vez e envia com esta também uma pequena carta para você e pede que você também escreva outra vez, bem depressa, e eu espero com muita ansiedade a sua volta definitiva para casa, e aqui te espera com um abraço. Tua mãe que o ama muito.

Wilhelmine Gärtner

Carta nº 5

Blumenau, 12 julho 1866.

Prezado Gärtner !

Como amanhã provavelmente não terei tempo de chegar a sua casa, eu pego na pena para escrever-lhe a respeito daquela historia de terreno, algo de novo. O senhor Helmer que em verdade queria com Haendchen comprar a terra, foi rejeitado por Wendeburg, porque Hahn já tinha se candidatado, mas agora o senhor Helmer pensa que é o Ziegler Hahn, e acha que o mesmo.

Ele não teria o dinheiro, eu fiz o possível para deixar a pensar isto. No que se refere ao Zimmermann este nem requisitou a terra do moinho, mas sim 500 morgem do outro lado de Gaspar. Como agora

Paupitz retirou as suas exigências, nós não temos mais nada a reear, a não ser o Deschamps e você precisa cuidar para que estes não percebam nada, eu por minha parte irei trabalhar com o senhor Wendeburg, já que o mesmo vai comigo até a cidade. Esperemos, portanto o melhor.

Passe bem e envia lembranças.

Teu amigo Fr. Wilhelm Hahn.

Carta n.º. 6

Waldenburg, janeiro 1867.

Querido Julius!

Sua carta de 23 de setembro do ano passado chegou às minhas mãos. Ela esteve viajando por 16 semanas, de acordo com isto podes direcionar um pouco a tua resposta, para que não deixes passar outra vez tanto tempo sem resposta. Sabes também quanto tempo passou desde sua penúltima e a última carta? Exatamente dois anos e quatro meses. Com isto podes ver, a preocupação que teus pais passaram.

Nossa última carta do ano passado foi dirigida a tia já que não tínhamos notícias suas e esta mesmo provavelmente agora deve estar em tuas mãos e nela encontrar alguns acontecimentos de guerra ali relatados. A Prússia se apossou totalmente de Hannover Schleswig – Holstein, Kurfürstentum Hessen, Herzogtum Nassau e Frankfurt a /Main, um pedaço da Baviera, do grande condado de Hessen, Darmstadt, em parte e o império da Saxônia colocado sob seu domínio como já deves ter lido também nos jornais, se alguns chegaram até vocês. Mas aqui na fronteira, não contando os muitos aquartelamentos, escapamos sem grandes sacrifícios, mas mesmo assim a falta de dinheiro se faz sentir muito mais agora do que no tempo de guerra.

As falências crescem constantemente, entre elas também o de

Christian Vogel, em Dittersbach, na qual o pai também está seriamente envolvido. Vogel foi vítima da cólera, que após a guerra fez muitas vítimas nesta região. Depois de sua morte a falência foi inevitável. Mas, voltando a sua carta, nós acreditávamos vê-lo logo como um “tio dourado” das passagens brasileiras, voltar para casa, mas como não é assim. Estamos meio a meio dispostos a ir junto a você, eu ainda vou falar mais detalhado a este respeito. A mãe já há anos se pronunciou muito favorável a uma emigração, no entanto o pai que poderia fazê-lo, não chegou a uma conclusão satisfatória por causa de seus negócios (sobre isto maiores pormenores depois), pois era uma excelente época para construções, ou melhor restaurações e que agora também chegou ao fim devido à grande falta de dinheiro, e os riscos atuais são muito grandes de não receber o dinheiro e por isto o pai está quase que decidido a imigrar.

Somente a mim ainda falta àquela vontade, e concordo, esta atual carta é um tanto egoísta, mas como totalmente apatidário, podes julgar bem melhor o que se deve fazer tão logo conheceres bem as condições daqui e de lá eu vou explicar a ti os daqui e você precisa detalhar melhor as de lá, pois até agora você se esquivou sempre a este detalhamento, e que não nos animas para este passo nem és também contra.

Você apenas diz que caso não nos agradarmos de lá, talvez nos arrependamos e o acusaríamos de nos ter dado conselho de imigrar. Parece que o pai agora também já se arrependeu um pouco não o tê-lo já seguido há alguns anos, pois diz que ali onde se está também acabamos gostando. Aqui hoje, especialmente agora tem muito que não nos agrada, mas estamos aqui e por isto temos que aceitar o que se nos apresentam.

Louise está casada há oito semanas e não pode em absoluto participar. Em 4 – 6 semanas pretendo prestar o exame de mestre, para imigrar, isto em verdade não seria necessário, mas penso que até agora foi jogado tanto dinheiro fora, que este pouco também não importa mais.

Caso eu não o conseguisse e não passasse no exame, então sob estas circunstâncias estaria disposto a imigrar logo, mas se Fortuna me sorrir (no entanto, até hoje não consegui que nenhuma dama me sorrisse porque então justamente com esta eu teria sorte) assim teria ainda a oportunidade de 1–2 anos ver como as coisas se desenvolvem por aqui, você vai achar isto bem natural. Mas não contando com isto, também seria necessário você regularizar a sua situação com o terreno e conhecimento de local.

Você fala em sua carta de um projeto de uma máquina de fiação em ligação ao tema acima. Você calcula esta máquina em 3.000 marcos, talvez um pouco mais, usar peças velhas de máquinas. Não pode ser sério por sua parte, pois na Alemanha tudo o que é possível usar ou pode ser empregado, não é colocado de lado.

O que é mais barato na madeira se gasta mais com o pagamento ao operário, já que os salários são mais altos e a madeira mais pesada para trabalhar. Em curtas palavras, seria uma fortuna de talvez 6–8000 marcos necessários, para prover as dependências disponíveis com as peças das máquinas. E onde fica aí o capital de giro? Quando o pai tiver cumprido todos seus compromissos a Louise certamente também exigirá a sua parte, já que também o necessita, assim creio que ficaria a ele talvez 1500 marcos ou ainda menos, pois as casas de Frieb/ estão hipotecadas com cerca de 8500 marcos. Isto quer dizer se as casas pudessem ser vendidas a este preço, os credores poderiam ser cobertos (e ainda há a cobrir alguns cheques do pai, do contrário não seria tanto) já que o preço das casas caiu muito e haja perspectiva de saber qual a melhor época para vendê-las no período de um ano para ambas está sob administração e se os preços não subirem mais, da soma acima mencionada talvez restasse ainda 3000 marcos que na certa ainda seriam engolidos pelo instrumento hipotecário mesmo ainda antes da venda.

O quanto até agora foi pago a Vogel eu não sei exatamente,

mas deve ser cerca de 2.300 marcos sobre as quais não existem recibos. Para o mestre pedreiro Beer devem ser pagos 2.500 marcos, soma que na venda do instrumento, se não acontecer nenhuma desgraça antes do tempo, talvez não chegue a 2000 marcos, e sabes como é difícil fazer as pequenas cobranças ainda dependentes, ali na certa será dado de presente muito.

Para Kalinsky foram pagos em notas promissórias 3000 marcos, soma da qual talvez se consiga salvar 1000 marcos isto é mais ou menos a situação financeira do pai e ao mesmo tempo o motivo de a mãe pressionar tanto de ir embora daqui.

Agora se abre a questão de nos decidir – mas a ir junto a você, o que em negócio todas nós podemos começar ali, ou com que podemos ganhar o nosso sustento e o que mais se relaciona a isto. Sobre isto você nos deveria informar, baseado em seus conhecimentos locais, o que mais receio é que a mãe não suporte a viagem marítima.

Mesmo que chegarmos sãos e salvos, também devias pensar, que os pais já têm a sua idade para se dedicar à agricultura, disto não tenho a mínima idéia, no que se refere à carpintaria, de acordo com suas cartas não há muito que fazer ali na terra e devo-lhe confessar que o destino de um simples carpinteiro a mim tão pouco agrada apesar de me acostumar a isto também. A este respeito também gostaria de estar mais bem informado, além do mais também quero saber se o lugar onde moras é também limpo completamente de índios ou estes últimos ainda estão guerreando nas proximidades?

Como será se a guerra ali tomar maiores dimensões? Que objetos são realmente necessários levar e quais deveríamos ainda comprar para serem ali utilizadas? Se houvesse possibilidades de instalar uma ou duas ou até três serrarias, e mercado bastante para a madeira, para isto todos nós nos habilitaríamos, porque é mais ou menos de nossa profissão,

se há, portanto mercado e lugar e ainda ganhar algo, em quanto montaria então a construção?

Pauline Rösel, que ainda não consegue esquecer, ainda não casou e ainda não tem perspectiva que isto aconteça tão cedo, veremos, quem sabe ela imigra conosco, mas este convite deveria partir de você, o pai dela faleceu no último outono, se não me engano, foi também de cólera. Responda-me uma pergunta, você não se agradou de nossa prima Auguste Rosemann, ela não é bonita, ou então porque você não a convence? Nós esperávamos uma relação mais íntima entre vocês, principalmente a mãe contava com isto.

Eu não sei se lhe escrevi, era última carta a respeito de minha viagem, na próxima o farei. Em agosto de 1863 você partiu de Hamburgo, eu ainda fiquei até janeiro de 1864 quando devido ao frio intenso o trabalho terminou e precisei viajar através Westphalen por Düsseldorf para Köln aonde cheguei a tempo para o carnaval e encontrei trabalho. Cerca de 70 homens fomos enviados para Cleve, próximo à fronteira da Holanda, há 18 milhas de Köln, para a construção de uma estrutura de madeira para uma ponte de pênsil de ferro sobre o rio Reno cerca de 1000 m de largura, até a páscoa trabalhamos lá, depois voltamos para Köln. Na apresentação fui designado para a reserva e viajei Pentecostes.

Depois de receber o meu passaporte de viajante operário pelo Reno até Koblenz, Mainz o lugar mais decantado do Reno, seguimos depois por Mannheim, Heidelberg, Karlsruhe, Baden – Baden, para Basileia na Suíça. De lá para Schaffhausen onde trabalhei três semanas. Viajei então por Winterthur, Zürich, Luzern, Bern, Freyburg (o primeiro cantão na Suíça Francesa) Lausanne para Genebra, aqui em pleno verão não consegui trabalho e segui por Neuchatel, Basel, Solothurn onde outra vez por 10 semanas encontrei trabalho e depois tive que continuar viagem.

Era setembro e todos diziam que não encontraria trabalho e

me arrependeria, mas 2 dias depois eu já o encontrara. Segui depois para Berna de trem e depois por vapor para Interlaken, o lugar mais belo de descanso da Suíça no verão, com milhares de visitantes, foi ali que trabalhei por nove meses, ganhei bastante dinheiro e fui homenageado.

Carta n.º. 7

Ober Waldenburg, 28 abril 1870.

Querido Julius !

Já passou muito tempo desde que recebi sua carta, talvez o pai também não escreveu porque a época não é conveniente e na sua miséria ele não queria escrever-lhe, hoje também não é muito melhor, já que o pai perdeu quase tudo e só sobrou um pequeno resto de sua fortuna. Também os mineiros no Natal pararam de trabalhar e Ano Novo verificaram que fizeram muitas dívidas junto aos comerciantes Aquele que possui casa, também sentirá isto por muito tempo.

Quando escrevi pela última vez eu ainda era solteira, e em novembro fez 4 anos que sou casada. Até Páscoa deste ano estivemos em Wüste – Waltersdorf, e estávamos bem, muito trabalho e dinheiro vivo. No Ano Novo o pai entregou a meu marido a casa em Ober Waldenburg, que em verdade ele já tinha há muito tempo.

Nós trabalhamos na encadernação de livros e também tínhamos uma pequena venda de outros artigos, apesar de já tudo instalado, o início foi muito difícil para nós, porque éramos totalmente estranhos e porque os mineiros em Ober Waldenburg não têm dinheiro, assim precisam emprestar e também emprestar para suas necessidades de vida e com isto não nos queríamos envolver.

Não temos família, Deus nos deu uma pequena menina, mas depois de vinte semanas ele a tomou de novo, porque nós a amávamos

muito era tão querida, Selma era seu nome. Ewald está em Lieban, como mestre marceneiro e está muito bem, por enquanto noivo de uma senhorita Aust e tem a família em Lieban.

Agora eu teria um pedido a fazer a você: me mande uma fotografia sua e de sua esposa, e nos escreva logo, dizendo como estás passando de saúde. Nós estamos bem com a Graça de Deus.

Como vão os Rosemann? Dê-lhes lembranças nossas e também a titia e Gustel, Karl, Fritz e Pauline e escreva para que mandem juntos algumas palavras. Também em Wüste Waltersdorf perguntaram muitas vezes pela titia. Agora não saberia nada mais de especial, mas uma só coisa ainda tenho que lhe dizer: o Müller onde você aprendeu, deu muita dor de cabeça a nosso pai e nosso pai teve que pagar muito a ele.

Você vai voltar para a Europa? Ou nunca mais nos veremos? A mãe o espera com certeza, seria a alegria dela. Em Wüste – Waltersdorf morava em Köschuer Kilian, que conhecia tua sogra muito bem, também o quartinho, onde morávamos quando ainda era pequeno, ficou muito contente em ouvir falar da família, já que cresceu com os irmãos.

Agora querido irmão, vou finalizar, com muitas lembranças a você, e a tua esposa. Escreva muitas vezes e se possível entregue a fotografia.

Tua irmã Louise.

Prezado cunhado!

Também meu post scriptum, pede a Deus e aos céus que te dêem saúde como também a tua esposa. Envia aqui também lembranças a ti e tua esposa.

Johannes Grallert.

MIGUEL CALMON, ainda
Uma figura ligada à nossa História



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

MIGUEL CALMON, AINDA UMA FIGURA LIGADA À NOSSA HISTÓRIA

Enéas Athanázio¹

Miguel Calmon du Pin e Almeida é figura ligada à nossa história, ainda que de forma indireta, justificando meu interesse por ele, as leituras que fiz e um ou dois artigos a respeito. Nessas leituras, no entanto, incluindo a biografia oficial, traçada por seu sobrinho e secretário, o Prof. Pedro Calmon, muitas questões não são abordadas e perguntas importantes não encontram resposta. Quando menos se espera, porém, eis que novas informações aparecem, merecedoras de um comentário adicional.

Assim acontece, por exemplo, no livro “De Catanduvas ao Oiapoque – O martírio de rebeldes sem causa”, de autoria do jornalista e historiador Milton Ivan Heller (Letras Contemporâneas – Florianópolis – 2007). Com base em intensas pesquisas e vasta bibliografia o autor reconstitui todo o curso da Revolução de 1924, liderada pelo general Isidoro Dias Lopes, dentro do território paranaense, até a resistência e capitulação dos rebeldes em Catanduvas, nas proximidades de Guarapuava, momento em que a Coluna Prestes se desligou do grupo para seguir seus próprios passos. Participaram dos eventos soldados da Polícia Militar de nosso Estado e voluntários catarinenses que constituíam os chamados “batalhões patrióticos.”

Os vencidos, famintos, esfarrapados, exaustos, muitos deles feridos ou doentes, são forçados a caminhar até a cidade de Irati, distante cerca de 100 quilômetros, e dali, em vagões cargueiros, são levados ao porto de Paranaguá, onde foram embarcados em navios com destino ao

¹ Escritor e Advogado. Colaborador de Blumenau em Cadernos.

Amapá, mais precisamente à colônia “Clevelândia do Norte” ou “Colônia Agrícola de Cleveland”, assim batizada em homenagem ao presidente Grover Cleveland, dos Estados Unidos, que servira de árbitro na questão de limites Acre/Bolívia. Nesse local isolado e remoto a grande maioria acaba perecendo, vítima de maus tratos, doenças, abandono e fugas desesperadas pela mata virgem. Em certo período os óbitos chegavam a doze diários. Instituída com o objetivo de desenvolver a região e, ao que parece, estimulada por Henry Ford, visava também a produção de borracha em larga escala e na época da chegada dos revoltosos estava em franca decadência, uma vez que o industrial americano já dera início ao plantio de seringueiras em outras regiões da Amazônia. Nela se misturavam delinqüentes de todos os tipos, mendigos, andarilhos, retirantes da seca nordestina e os revolucionários vencidos.

Entra em cena, então, o ministro da Agricultura da época, Miguel Calmon, que se vê envolvido em acesa polêmica. Como a referida colônia se vinculava à Pasta de que era titular, ele foi acusado de ser o autor da idéia de exilar os revolucionários derrotados para aquele local infecto, verdadeiro desterro ou degredo, como que condenando-os à morte – segundo a imprensa.

As críticas também atingiram o presidente Artur Bernardes, chefe do governo. Defendendo-se, afirmava ele que as acusações eram absurdas e que acatara a proposta do ministro da Agricultura, Miguel Calmon, “que indicou a colônia para detenção, declarando ser local salubre.” Parece-me que pretendeu eximir-se, lançando a responsabilidade nas costas de seu auxiliar. Segundo os jornais, ele acusava o ministro de haver inventado a infernal colônia, isentando o governo de responsabilidade, Calmon se defende, afirmando que a malfadada instituição fôra criada em 1920, quando ele não exercia a função de ministro. Insistiu na afirmação de que a colônia estava bem instalada, com recursos para fornecer alimentação

abundante e hospital aparelhado. Declarava que só os presos comuns tinham que trabalhar, recebendo cigarros e remuneração simbólica, sendo proibidos quaisquer maus tratos. Dizia ainda que os rebeldes haviam levado para lá os germes da disenteria bacilar, mal que causou mortes mais numerosas que as doenças locais. Concluía dizendo que havia indicado a colônia porque outros presídios situavam-se em locais onde os rebeldes poderiam amotinar-se ou em Estados cujos governadores rejeitavam a presença deles.

A imprensa e os depoimentos, no entanto, lançavam sérias dúvidas sobre essas informações. Quando explodiu a notícia de que o governo mantinha um “campo de concentração” em plena selva, a opinião pública reagiu indignada. A chegada ao porto do Rio de Janeiro do navio “Baependi”, trazendo a primeira leva de desterrados, foi deveras chocante. Pareciam “mortos vivos” e os depoimentos dos sobreviventes emocionaram a população. Nunca se vira nada igual; nunca se cometera tamanha indignidade contra tantos inocentes – repetia a **vox populi**. “Estarrecido e humilhado o país se cobre de vergonha e de luto”, dizia o influente “O Jornal”, líder da Cadeia Associada, de Assis Chateaubriand, considerando “o desterro um crime que merece a execração universal.” A censura à imprensa e o estado de sítio haviam mantido em segredo, por longo tempo, os escabrosos fatos sobre os quais caiu pesada cortina de silêncio – como diz o autor.

Esse episódio nunca bem esclarecido e que Milton Ivan Heller tudo fez para reconstituir gera séria dúvida sobre atos de Miguel Calmon quando ministro da Agricultura. É possível que sua defesa seja procedente e tivesse agido na melhor boa fé, como novas pesquisas e estudos poderão esclarecer. Seria lamentável que essa nódoa permanecesse incólume na biografia de quem batalhou pela construção das ferrovias em nosso Estado, sendo homenageado como patrono de uma de nossas cidades – Calmon.

LANÇAMENTOS & EVENTOS

A Confraria dos Bibliófilos do Brasil (CBB), com sede em Brasília e presidida por José Salles Neto, publicou em sua coleção “Livro do Ano”, a coletânea de contos do escritor catarinense Harry Laus denominada “Sentinela do Nada e Outros Contos” (2007). Em formato grande e luxuosa apresentação, com ilustrações de Jayro Schmidt e apresentação de Ruth Laus, irmã do escritor, o volume reúne os contos “Ao juiz dos ausentes”, “A coroa”, “O professor de inglês”, “O documento secreto”, “Réquiem”, “Jandira”, “O zelador”, “O coronel”, “As horas de Zenão das Chagas” e “Sentinela do nada.” O primeiro e o último foram considerados pela crítica duas das melhores criações do contista e “As horas de Zenão das Chagas” é dos mais longos. Militar de carreira, a profissão exerceu nítida influência em sua ficção, como se vê inclusive nesta coletânea. Muito aclamado em vida, aqui no Estado, Harry Laus parece amargar um rápido esquecimento. A publicação deste belo livro pouco poderá contribuir para trazê-lo à tona, uma vez que a CBB tem escassos três ou quatro associados catarinenses e só estes o recebem. O escritor foi também crítico de artes plásticas de muita reputação.

A Assembléia Legislativa do Estado publicou o livro “O Brasil em debate” contendo as palestras das personalidades convidadas para os encontros mensais ocorridos entre abril e novembro de 2007. Deles participaram o jornalista Caco Barcellos, abordando o tema “Violência e mídia no Brasil”; a escritora Lya Luft, com o tema “Perdas e ganhos”, título de um de seus livros; o velejador Lars Grael sobre “Superação”, abordando experiências pessoais; o navegador Amyr Klink falando sobre “Aquecimento global”; o designer Hans Donner abordando o tema

“Talento e criatividade”; o jornalista Ricardo Noblat falando sobre “O fenômeno dos blogs” e a atriz Fernanda Montenegro discorrendo sobre “A delicadeza nas relações humanas.” Assuntos os mais variados que atraíram à Assembléia milhares de pessoas, despertando vivo interesse entre os catarinenses. Embora todas as palestras contenham bons momentos, a de Amyr Klink me parece inigualável pela maneira simpática e modesta com que ele sabe abordar os temas e descrever experiências pessoais. Está de parabéns a Assembléia Legislativa pela publicação, embora lamente aqui a pequena repercussão que encontrou na imprensa catarinense em geral.

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) publicou mais dois alentados números de sua revista contendo trabalhos de associados e autores de outros cantos do País e até do Exterior. É uma publicação que tem muito a ensinar aos interessados em bem conhecer as coisas catarinenses. Anoto que o IHGSC tem registrado sempre, em seu boletim, a circulação desta revista, os principais temas abordados e seus autores.

O escritor Torres Pereira foi eleito presidente da Associação Chapecoense de Escritores (ACHE), uma das mais ativas entidades de nossa vida cultural. Nossos parabéns ao “portuga” e votos de pleno êxito! – “Jornal Atuação”, editado pela Associação Catarinense do Ministério Público, está circulando em novo número, cada vez melhor, tanto no aspecto gráfico como no conteúdo. Trata não apenas de temas alusivos à Associação e ao Ministério Público, mas também aborda outros, de interesse cultural e literário. Destina generosos espaços aos escritores que integram o **parquet** catarinense (www.acmp.org.br). – Circula também, com regularidade, o

“Informativo Bem Viver”, editado em Balneário Camboriú por Rubens Kurt Hermann, sempre recheado de matérias variadas, informações sobre a cidade e a região, ficção e poesia. (rubenskurt@gmail.com).

Marilda Confortin acaba de publicar “lua caolha”, interessante coletânea de poemas breves a que denomina “poetrix”, poema composto de título e estrofe de três versos (terceto), com um máximo de trinta sílabas métricas. É um gênero que exige muita habilidade e técnica, aqui demonstradas pela autora, pessoa sensível e dotada de fértil imaginação. Vai um exemplo: “Altruísmo – Arar o campo/ Plantar sementes/ Sem esperar pela sombra.”

A histórica cidade da Laguna se manifesta. Chegam de lá três interessantes publicações oferecidas por Maria de Fátima Michels, ficcionista e poeta. “Laguna – Memória Histórica”, de Ruben Ulysséa, com excelente apresentação, é um compêndio sobre a cidade, sua história, usos e costumes, tradições, personalidades etc., com rica iconografia. “Mudanças e Permanências”, antologia de contos e poesias publicada pelo Grupo de Escritores Lagunenses Carrossel de Letras, reúne trabalhos dos integrantes da entidade, revelando os talentos da terra. Entre os participantes está Maria de Fátima, também conhecida como Fátima da Laguna. “Laguna”, por fim, é o quinto número de uma bela revista que mostra um pouco da cidade de Anita, muito rico em belas fotos e informações variadas sobre a simpática cidade e sua região.

Registro ainda o surgimento do livro-álbum “Asas Azuis Poema Alado”, de Lair leoni Bernardoni, reunindo belíssimas fotos e trechos de prosa poética, num conjunto aliciente que é uma festa para os olhos. Merecem referência também duas coletâneas de ensaios. “A guerra santa revisitada”, organizada por Márcia Janete Espig e Paulo Pinheiro Machado, reunindo novos estudos sobre o movimento do Contestado (Editora da UFSC). São ensaios universitários típicos e como tais inacessíveis ao grande público. Traz em apêndice um caderno de fotos de Claro Gustavo Jansson. A outra é “O Contestado na historiografia e na literatura”, coordenado por Sílvio Coelho dos Santos (Coleção ACL), contendo ensaios de diversos autores. É uma tentativa, creio que a primeira, de compor um painel do que se produziu sobre a Guerra do Contestado até hoje.

“Informativo Bem Viver”, editado em Balneário Camboriú por Rubens Kurt Hermann, sempre recheado de matérias variadas, informações sobre a cidade e a região, ficção e poesia. (rubenskurt@gmail.com).

Marilda Confortin acaba de publicar “lua caolha”, interessante coletânea de poemas breves a que denomina “poetrix”, poema composto de título e estrofe de três versos (terceto), com um máximo de trinta sílabas métricas. É um gênero que exige muita habilidade e técnica, aqui demonstradas pela autora, pessoa sensível e dotada de fértil imaginação. Vai um exemplo: “Altruísmo – Arar o campo/ Plantar sementes/ Sem esperar pela sombra.”

A histórica cidade da Laguna se manifesta. Chegam de lá três interessantes publicações oferecidas por Maria de Fátima Michels, ficcionista e poeta. “Laguna – Memória Histórica”, de Ruben Ulysséa, com excelente apresentação, é um compêndio sobre a cidade, sua história, usos e costumes, tradições, personalidades etc., com rica iconografia. “Mudanças e Permanências”, antologia de contos e poesias publicada pelo Grupo de Escritores Lagunenses Carrossel de Letras, reúne trabalhos dos integrantes da entidade, revelando os talentos da terra. Entre os participantes está Maria de Fátima, também conhecida como Fátima da Laguna. “Laguna”, por fim, é o quinto número de uma bela revista que mostra um pouco da cidade de Anita, muito rico em belas fotos e informações variadas sobre a simpática cidade e sua região.

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 80,00
- Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)
 - R\$ 10,00 (anos 60)
 - R\$ 10,00 (anos 50)
- Encadernação R\$ 50,00 o volume (até 1998, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo).
- Tomo completo encadernado: R\$ 140,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

() Sim, desejo assinar a revista Blumenau em Cadernos para o ano de 2008 (Tomo 49). Anexo a este cupom, a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

- () Vale Postal – Fundação Cultural de Blumenau – Blumenau em Cadernos
- () Depósito no BESC – conta 77.995-2 – Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.
- () Cheque - Banco: Número do Cheque:

Dados do Assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____ - _____ Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - Fone: (47) 3326-6990 – Fax (47) 3326-6874

Blumenau (SC) – E-mail: arquivohistorico@fcbly.com.br
Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

www.fcblu.com.br



Arquivo Histórico
José Ferreira da Silva
arquivohistorico@fcblu.com.br

Mausoléu
Dr. Blumenau

Museu
da Família Colonial
museudafamiliacolonial@fcblu.com.br

Centro Cultural
da Vila Itoupava

Escola Nº 1

Biblioteca Pública
Dr. Fritz Müller
biblioteca@fcblu.com.br

Museu de Arte
de Blumenau
mab@fcblu.com.br

Galeria
Municipal de Arte

Centro de Publicação
Documentação e
Referência em Leitura

